



BRUNA SANCHEZ MORENO

***Tough-constructions* e posição de sujeito
no Português Brasileiro**

CAMPINAS

2014



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

BRUNA SANCHEZ MORENO

***TOUGH-CONSTRUCTIONS* E POSIÇÃO DE SUJEITO NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Instituto de
Estudos da Linguagem, da Universidade
Estadual de Campinas, para obtenção do
Título de Mestra em Linguística.

**Orientador:
Prof. Dr. Juanito Ornelas de Avelar**

**CAMPINAS
2014**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

M815t Moreno, Bruna Sanchez, 1990-
Tough-constructions e posição de sujeito no português brasileiro / Bruna Sanchez Moreno. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Juanito Ornelas de Avelar.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Gramática gerativa. 2. Língua portuguesa - Sintaxe. 3. Programa minimalista. 4. Movimento tough. I. Avelar, Juanito Ornelas de, 1974-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Tough-constructions and subject position in brazilian portuguese

Palavras-chave em inglês:

Generative grammar

Portuguese language - Syntax

Minimalist program

Tough-movement

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestra em Linguística

Banca examinadora:

Juanito Ornelas de Avelar [Orientador]

Charlotte Marie Chambelland Galves

Telma Moreira Vianna Magalhães

Data de defesa: 28-08-2014

Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Juanito Ornelas de Avelar

Juanito Ornelas de Avelar

Charlotte Marie Chambelland Galves

Ch. Galves

Telma Moreira Vianna Magalhães

M. Magalhães

Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes

Marcello Modesto dos Santos

IEL/UNICAMP
2014

Resumo

À luz do Programa Minimalista (Chomsky 1995, 2001, 2004, 2008), o presente trabalho se propõe a examinar orações infinitivas preposicionadas em construções com predicados de natureza adjetival do tipo “difícil/ fácil”, denominadas *tough-constructions* na literatura gerativista. Parte-se da observação de Galves (1987) acerca da ambiguidade que tais sentenças desencadeiam no Português Brasileiro (PB), mas não no Português Europeu (PE), com a finalidade de responder por qual motivo o PB admite a interpretação em que o sujeito nulo da oração encaixada pode ser correferente ao DP na posição de sujeito da oração matriz. A hipótese que orienta este trabalho considera a proposta de Ouali (2008) a respeito de *retenção*, *doação* ou *compartilhamento* de traços- ϕ na relação entre os núcleos C(omplementizador) e T(empo) para apontar que, no PB, a preposição “de” introdutora da oração infinitiva é um C que pode reter ou compartilhar traços- ϕ com T. Esse núcleo funciona, nesse sentido, como uma fonte provedora de Caso, licenciando um pronome nulo *pro* como argumento externo da oração encaixada, o qual pode ser correferente ao sujeito da oração matriz. O mesmo não se aplica ao PE, cuja única categoria permitida como sujeito da oração infinitiva é um PRO arbitrário, tendo em vista que, nessa gramática, o núcleo C introdutor da oração infinitiva em *tough-constructions* não é uma fonte provedora de Caso.

Palavras-chave: Sintaxe gerativa; programa minimalista; movimento tough.

Abstract

In light of the Minimalist Program (Chomsky 1995, 2001, 2004, 2008), this study aims to examine infinitive sentences introduced by a preposition in constructions centered in a “hard / easy” predicate, so-called tough-constructions in the generative literature. This dissertation assumes Galves’ observation (1987) about the ambiguity triggered by such sentences in Brazilian Portuguese (BP), but not in European Portuguese (EP), in order to account for the reasons why BP admits the interpretation in which the null subject of the embedded non-finite sentence can be coreferent to the DP in subject position in the matrix sentence. The present hypothesis that guides this work considers Ouali (2008) in regard to keeping, donating or sharing the ϕ -features between C(omplementizer) and T(ense) to point out that, in BP, the preposition “de”, which introduces the infinitive sentence, is a C that can keep or share its features with T. In this sense, this C provides Case to a null pronoun *pro*, licensed as external argument in the embedded sentence and coreferent to the subject in the matrix sentence. The same does not apply to EP, which just allows an arbitrary *PRO* as the subject of the non-finite sentence, given that, in this grammar, the introducer C of the infinitive sentence in tough-constructions does not assign Case to any element in Spec-T.

Keywords: Generative syntax; Minimalist Program; Tough-movement.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	17
CAPÍTULO 1: REFERENCIAIS TEÓRICOS	21
1.1 Quadro geral do Programa Minimalista.....	21
1.2 Concordância e fase	26
1.2.1 Traço e concordância	27
1.2.2 Herança de traços no complexo C-T	31
1.2.3 Sistemas de distribuição dos traços no complexo C-T: doação, retenção e compartilhamento.....	33
1.3 Tópico, concordância e posição de sujeito	38
1.3.1 Tópico no PB.....	40
1.3.2 O tópico na estrutura: configuração de múltiplos especificadores.....	44
1.4 Síntese do capítulo	48
CAPÍTULO 2: ESTUDOS PRÉVIOS SOBRE <i>TOUGH-CONSTRUCTIONS</i>	51
2.1 <i>Tough-constructions</i> em amostras de fala	51
2.2 O problema das <i>tough-constructions</i> no quadro da Teoria de Regência e Ligação.....	58
2.2.1 O operador nulo.....	61
2.3 O problema das <i>tough-constructions</i> no quadro do Programa Minimalista	64
2.3.1 Adjunção	66
2.3.2 Releitura do operador nulo	70
2.4 <i>Tough-constructions</i> e a ambiguidade no Português Brasileiro	76
2.4.1 Ausência de operadores nulos em <i>tough-constructions</i> do PB: Galves (1987).....	76
2.4.2 <i>Tough-constructions</i> e Caso inerente: Nunes (2008).....	81
2.4.3 ϕ -(in)dependência e movimento (i)lícito em <i>tough-constructions</i> : Avelar & Galves (2011).....	85

2.5 Síntese do capítulo	90
CAPÍTULO 3: HIPÓTESE E PREVISÕES.....	91
3.1 A categoria vazia em posição de sujeito	91
3.2 Delineamento da hipótese	101
3.2.1 Orações infinitivas preposicionadas que apresentam um DP ou pro em posição de sujeito	102
3.2.2 Orações infinitivas preposicionadas com pronome lembrete.....	109
3.2.3 Sobre o alçamento do DP nas <i>tough-constructions</i> do PB.....	112
3.2.4 Orações infinitivas preposicionadas com tópico-sujeito	116
3.2.5 Ausência vs. presença de preposição e distribuição dos traços- $u\phi$	119
3.2.6 Ausência da flexão na encaixada	124
3.3 Evidências e previsões	126
3.3.1 Concordância em C	127
3.3.2 Preposição em C.....	128
3.3.3 Construções similares no PB.....	134
3.3.4 Uma nota sobre a preposição introdutória de infinitivas nas línguas românicas	136
3.4 Algumas considerações sobre <i>tough-constructions</i> clássicas	138
3.5 Síntese do capítulo	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145

À minha mãe,
a verdadeira mestra,
a quem não tive tempo de mostrar
mais este texto, nem
quem sou hoje.

Agradecimentos

Foi durante esses dois anos e meio de mestrado que li, muito por acaso em algum lugar, que “escrever é um processo solitário e doloroso”. Discordei muito rapidamente: doloroso, não (dolorosíssimo!); solitário, jamais. Já que existe este espaço para recordar de todas as outras mãos que, por meio de seus olhos, bocas e corações, auxiliaram estas duas mãos responsáveis por essa árdua tarefa, devo preenchê-lo.

Meus sinceros agradecimentos vão, em primeiro lugar, à CAPES, por ter financiado dois anos da duração total desta pesquisa e, assim, por ter permitido que eu me dedicasse aos estudos.

Em segundo lugar, agradeço ao meu orientador, professor Juanito, que, desde meu primeiro ano de graduação em Letras, me inspirou a seguir na sintaxe e que, ao longo da monografia e da dissertação, mostrou-se ser mais do que um pesquisador dedicado e um professor didático: foi talvez a pessoa mais paciente e compreensiva que poderia haver para guiar meus passos. Obrigada, Juanito, principalmente por ter se mantido próximo sempre que possível, mesmo à distância. Espero ter correspondido minimamente às expectativas.

Não posso deixar de me lembrar dos outros professores, em especial aos pesquisadores do grupo do ForMa (Núcleo de Estudos em Gramática Formal, Mudança e Aquisição), que, sem dúvida alguma, foram fundamentais para minha formação na pós-graduação. Obrigada por me incluírem e me ensinarem tanto (a inesgotável fonte de conhecimento!).

Julgo que aprendi também muito fora das salas de aula do IEL. Os companheiros que fiz durante o mestrado são hoje, para mim, inestimáveis. Por isso, agradeço a todos pelos momentos de descontração, pelas dicas e conselhos, mas, muito especialmente e com muito carinho, ao Harley Toniette, pelas orientações (sem aspas!) e pela ajuda amiga; e à Lívia Cuccato, pelas conversas na hora certa pelas e trocas de experiências.

Gostaria de agradecer, ainda, a duas pessoas que me ajudaram em momentos pontuais, mas definidores, do meu trabalho: Fernanda Reis, que, sem ao menos me conhecer pessoalmente, se dispôs a me ajudar com meu projeto em 2011; e ao Cláudio, da pós-graduação, que sempre muito prontamente me respondeu e me orientou.

Não haveria pós sem a graduação. Hoje muito afortunadamente colho amizades plantadas naquela época. Elas não só me incentivaram a prestar o processo seletivo do mestrado, como também estiveram junto a mim, cada uma a seu modo, em todos os momentos. Três delas mereceriam mais do que um parágrafo aqui, mas “é o que temos para hoje”.

Maísa, querida, obrigada por me acompanhar antes, durante e após as aulas; por me lembrar, sempre, dos prazos e das burocracias, sem rir da minha falta de memória; por ter tido vontade de compartilhar comigo as angústias inevitáveis de mestrado e também os projetos e sonhos. Aninha, obrigada por ter me incentivado a começar e nunca ter me deixado largar; por estar sempre lá, prontamente respondendo os juízos de gramaticalidade e pensando nas sentenças como se a pesquisa fosse sua; por me fazer rir e puxar minha orelha nas horas certas. Mo, obrigada por ter paciência com meus desesperos e enxugar minhas lágrimas, mesmo a quilômetros de distância; por ler meu abstract e me levar em um congresso com você; por me fazer achar que cada pequeno passo meu era uma grande conquista.

Esta pesquisa jamais teria chegado ao fim se não fosse a inesgotável paciência e o incentivo de duas pessoas que nunca saíram do meu lado, mesmo nos momentos mais difíceis de crise. Valéria e Fernando, vocês são o meu porto seguro. Por fim, mas jamais menos importante, obrigada por, simplesmente, tudo.

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho se ocupa das construções denominadas *tough-constructions* do Português Brasileiro (doravante, PB), nas quais um constituinte adjetival predica uma oração infinitiva, normalmente introduzida pela preposição “de”, como na construção a seguir.

(1) O João é difícil de pagar.

O fato notável acerca desse tipo de construção, já assinalado em Chomsky (1964), é a interpretação do sujeito da oração matriz, necessariamente vinculada ao alçamento desse elemento a partir da posição de objeto interna à oração encaixada. No português, isso pode ser recuperado por meio da seguinte paráfrase:

(2) É difícil de pagar o João.

Partindo do pressuposto de que de tanto (1) quanto (2) se referem a uma mesma situação no universo extralinguístico, a hipótese mais simples para explicar a derivação sintática dessas construções seria, à luz de pressupostos da gramática gerativa, aquela em que se dá o alçamento do elemento na posição de objeto da oração encaixada para a posição de sujeito da oração matriz. A simplicidade, no entanto, é o que desencadeia a “dificuldade” para explicitar adequadamente as propriedades dessa construção: ao ser alçado, o DP “o João” acumula tanto Casos (o de acusativo, relativo à posição de objeto, e o nominativo, relativo à posição de sujeito) quanto papeis temáticos, o que tornaria esse tipo de construção agramatical, ao contrário do que é julgado pelos falantes.

No PB, além da interpretação relativa ao alçamento do objeto, há a possibilidade de outra leitura para as *tough-constructions*. Galves (1987, 1989, 2001) observa que a sentença em (1) permite duas leituras em PB: uma em que “o João” é interpretado como objeto da encaixada, e outra, não observada no P(ortuguês) E(uropeu), em que é tido como sujeito:

(3) O João é difícil de pagar.

➔ É difícil pagar o João.

PB: OK / PE: OK

➔ É difícil o João pagar.

PB: OK / PE: *

Sobre essa estrutura, notam-se outros dois contrastes importantes:

i. Em PE, não é possível flexionar o verbo da encaixada, na medida em que o sujeito da oração interna é sempre arbitrário. No PB, ao contrário, muitas vezes este mesmo sujeito aparece de forma explícita.

- (4) a. O João é difícil de pagarmos. PB: OK / PE: *
b. O João é difícil d'eu pagar. PB: OK / PE: *
c. O João é difícil de pagar. PB: OK / PE: OK
(com o sentido de “O João é difícil de alguém pagar”)

ii. Ainda que a inserção da preposição “de” se faça possível em *tough-constructions* em ambas as variedades do português, ela é vetada em PE quando não ocorre o aparente alçamento do complemento da oração encaixada.

- (5) a. É difícil de pagar o João. PB: OK / PE: *
b. É difícil pagar o João. PB: OK / PE: OK
c. O João é difícil de pagar. PB: OK / PE: OK

Considerando os fatos observados, e assumindo pressupostos do Programa Minimalista nos termos de Chomsky (2008), a discussão a ser encaminhada neste trabalho parte da seguinte pergunta: **por que *tough-constructions* admitem a interpretação de alçamento de sujeito no PB, ao contrário do que se observa no PE?** A resposta aqui delineada aponta para algumas especificidades das orações infinitivas em ambas as línguas, no sentido de permitirem ou vetarem a ocorrência de um sujeito na oração encaixada infinitiva coindexado ao sujeito da matriz. Propõe-se aqui que tais especificidades estão diretamente atreladas ao estatuto do núcleo que introduz a oração infinitiva. A hipótese que será conduzida é a de que, no PB, o núcleo complementizador introdutor das *tough-constructions* (aqui denominado C-*de*, por ser morfo-fonologicamente realizado na forma da preposição *de*) é uma fonte atribuidora de Caso, na medida em que ou retém ou compartilha seus traços- ϕ com T, num sentido que ficará claro ao longo da dissertação à luz da proposta de Ouali (2008). Como se pretende mostrar, essa dinâmica de retenção ou compartilhamento de traços- ϕ entre C e

T no PB está na base das propriedades que levam à interpretação de alçamento do sujeito em *tough-constructions*. O PE, por sua vez, não apresenta uma fonte que satisfaça os requerimentos de Caso atrelados ao sujeito da oração infinitiva. Assim, a única categoria licenciada para o interior da oração encaixada é um PRO de interpretação arbitrária.

Dados os objetivos gerais desta dissertação, cabe ressaltar que o foco da hipótese a ser aqui defendida não é a interpretação de “alçamento de objeto”, que tem ocupado largo espaço em diferentes desdobramentos teóricos da sintaxe gerativa. Mesmo que em alguns momentos seja necessário fazer referência a essa interpretação, tendo em vista a necessidade de abordar certas propriedades das *tough-constructions*, a presente análise será voltada à interpretação de “alçamento do sujeito”, que singulariza o PB no conjunto das línguas românicas. A dissertação está, dessa forma, organizada do seguinte modo: no capítulo 1, serão apresentados os pressupostos teóricos do Programa Minimalista que se encontram na base deste estudo, mais próximos à proposta de Chomsky (2008). Esse capítulo também aborda questões relacionadas ao tópico no PB que interessam mais de perto a este trabalho. O segundo capítulo contemplará, além da descrição das propriedades gerais das *tough-constructions*, uma discussão acerca de duas análises clássicas: a proposta em torno do operador nulo (iniciada por Chomsky, 1977, e depois revista por Hicks, 2004, 2009) e a da adjunção, de Hornstein (2001). Nele, também constarão análises de três textos que tocam na questão específica da interpretação ambígua em PB: Galves (1989), Nunes (2008) e Avelar & Galves (2011). Todo esse arcabouço teórico torna-se necessário para fundamentar a hipótese a ser defendida no terceiro capítulo. As conclusões do estudo são apresentadas no capítulo 4.

CAPÍTULO 1: REFERENCIAIS TEÓRICOS

O presente capítulo apresenta os pilares teóricos sobre os quais se sustenta a hipótese deste estudo. Assim, mostra-se importante traçar os pressupostos do Programa Minimalista já na primeira seção, no intuito de evidenciar as ferramentas de análise que serão exploradas na perspectiva da Teoria de Princípios e Parâmetros. Na seção seguinte (1.2), é dada atenção especial aos aspectos relacionados à distribuição de traços- $\mu\phi$ no domínio C-T, com a finalidade de contrastar as abordagens de Chomsky (2008) e Ouali (2008). O leitor que estiver mais familiarizado com o quadro teórico anteriormente descrito poderá avançar diretamente para a seção 1.3, em que são apontadas questões pertinentes a constituintes interpretados como tópico no PB, as quais posteriormente serão relevantes para o desenvolvimento da análise aqui proposta.

1.1 Quadro geral do Programa Minimalista

O Programa Minimalista (doravante PM) adota a visão da Teoria de Princípios e Parâmetros (P&P, Chomsky, 1981, 1986) a respeito da Faculdade da Linguagem, o subcomponente do cérebro dedicado especificamente à linguagem na espécie humana, em conformidade com uma perspectiva biolinguística. Sua principal preocupação é desvendar as propriedades e, portanto, os princípios por trás das gramáticas das línguas, visando obter “a deeper insight into the inner-most nature of human language and of human thought” (Jespersen *apud* Chomsky, 2008, p. 133).

Nesse sentido, dá continuidade à ideia de Gramática Universal (GU), o estado inicial da Faculdade da Linguagem, e de língua-I, resultado da definição dos valores dos parâmetros por meio da experiência linguística pessoal, definida por toda informação gramatical (denominada Dados Linguísticos Primários) a que uma criança tem acesso durante seu processo de aquisição de uma língua. Em outras palavras, as capacidades linguísticas do aprendiz de uma língua natural articulam o *input* que lhe é fornecido pelo ambiente e os princípios da GU (ainda que esses princípios sejam bastante complexos, não precisam ser aprendidos, na medida em que fazem parte de uma faculdade naturalmente inata da linguagem) para estabelecer os valores dos parâmetros (uma analogia interessante para compreender essa ideia é a de interruptores que podem ser

marcados como “on” ou “off”; o conjunto dessas marcações constitui a gramática de uma dada língua natural).

Uma vez assumidas tais bases da P&P, o PM emerge, na década de 90, como uma agenda de investigação que, entre os seus objetivos, visa rever e avaliar, sob critérios específicos, os dispositivos de análise explorados dentro dessa teoria. A *tese minimalista forte* afirma que

language is an optimal solution to interface conditions that F[aculty of] L[anguage] must satisfy; that is, language is an optimal way to link sound and meaning, where these notions are given a technical sense in terms of the interface systems that enter into the use and interpretation of expressions generated by an I-language (CHOMSKY, 2001, p. 135).

Assim, sendo a linguagem o melhor modo de relacionar som/sinais e sentido (compreendidos como sistemas de interface), a pergunta que se pretende responder é: de que modo a Faculdade da Linguagem atende aos requerimentos dos sistemas de performance articulatório-perceptual A-P e conceitual-intencional C-I?

Segundo o autor, tais requerimentos, ou condições de interface, são conhecidos e entendidos de modo ainda parcial; uma das tarefas a serem cumpridas pela pesquisa atualmente desenvolvida na Linguística é, exatamente, investigar a natureza das interfaces e dos princípios computacionais. A hipótese de que se parte é a da existência de níveis de interface no sistema linguístico do falante, os quais codificam a informação para os sistemas de performance. O PM restringe a quantidade desses níveis para atender, de maneira estrita, o que é realizado por A-P e C-I: assume a Forma Fonológica (FF), para interpretar informações de carácter fonológico, e a Forma Lógica (FL), para interpretar informações de carácter semântico¹. Níveis como Estrutura Profunda e Estrutura Superficial, adotados na P&P em desdobramentos anteriores ao PM, foram descartados, por se entender que não são necessários para explicar as propriedades requeridas pelas interfaces.

Assim, sob a perspectiva minimalista, todos os princípios e parâmetros previstos na GU devem ser concebidos em termos de legibilidade em FL e FF, isto é, as expressões geradas pela Faculdade da Linguagem devem ser totalmente interpretáveis

¹ “As any adequate grammar must provide every sentence with a form and a semantic interpretation, any adequate grammar must thus have a PF and an LF representation. In this sense, LF and PF are conceptually necessary parts of any adequate model of grammar” (CHOMSKY, 2004, p. 25)

em ambos os níveis, de modo a serem realizadas corretamente por A-P e C-I. Dentro do grupo de possíveis derivações para uma sentença realizadas de maneira ótima em FL e em FF, serão bloqueadas aquelas que forem menos econômicas, convergindo apenas a que satisfizer da melhor forma certas condições de economia, que traduzem, *grosso modo*, a ideia de “menor esforço”: “short steps preclude long strides (...), derivations where fewer rules apply are preferred to those where more do, movement only apply when it must (...) and no expressions occur idly in gramatical representations” (Hornstein, Nunes & Grohmann, 2005, p.8). Substituem-se, então, pelo princípio da economia minimalista, várias regras e condições que procuravam dar conta de casos específicos, tais como a Condição *A-over-A* (Chomsky, 1964) ou da Minimalidade Relativizada (Rizzi, 1990).

Diferentemente do modelo anterior (pautado, em termos de estruturação sintagmática, pela Teoria X-barra), a abordagem do PM concebe um sistema computacional derivacional numa perspectiva *bottom-up*, e não representacional, na medida em que as sentenças derivam de operações, com os itens lexicais que as compõem sendo extraídos de uma Numeração (um arranjo de elementos selecionados do acervo lexical da língua), a qual consiste no ponto de partida da derivação.

A arquitetura sintagmática se configura de acordo com o modelo denominado *Bare-Phrase Structure*. Chomsky (1995) sugere que, dada uma Numeração N, em que constam itens lexicais e suas respectivas entradas — representados como LI_e , em que o subscrito indica o número de entradas, isto é, de vezes em que um dado item lexical presente em N é selecionado para compor a estrutura de uma sentença —, a computação sintática os acessa por meio da operação Selecionar (*select*) e os concatena por Conectar (*merge*)², aplicada quantas vezes forem necessárias. Também é assumida a ocorrência de “movimentos” por meio de Mover (*move*), operação entendida como uma combinação de Copiar (*copy*) e *merge*³. O esgotamento de N é uma condição necessária à convergência da derivação, como se vê, *grosso modo*, nos passos indicados em (1):

² De acordo com Chomsky (2004), *merge* é a única operação sem custos, já que traduz uma das grandes propriedades das línguas naturais: a recursividade.

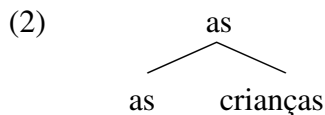
³ Nesse sentido, os vestígios de movimento, frequentes no modelo anterior, são considerados, no PM, cópias deletadas.

- (1) $N = \{as_1, o_1, crianças_1, \sqrt{com}_1, bolo_1, T_1\}$
- a. SELECIONAR e CONECTAR *o* e *bolo* $\rightarrow$ [o bolo]
 - b. SELECIONAR e CONECTAR *as* e *crianças* $\rightarrow$ [as crianças]
 - c. SELECIONAR $\sqrt{com}$ e CONECTAR a [o bolo] $\rightarrow$ [$\sqrt{com}$ - [o bolo]]
 - d. CONECTAR [as crianças] a [$\sqrt{com}$ - [o bolo]] $\rightarrow$ [[as crianças] [$\sqrt{com}$ - [o bolo]]]
 - e. CONECTAR *-eram* a [[as crianças] [$\sqrt{com}$ - [o bolo]]] $\rightarrow$ [-eram [[as crianças] [$\sqrt{com}$ - [o bolo]]]]
 - f. COPIAR $\sqrt{com}$ e CONECTAR a]]]] $\rightarrow$ [-eram [[as crianças] [$\sqrt{com}$ - [o bolo]]]] $\rightarrow$ [$\sqrt{com}$ - + -eram [[as crianças] [$\sqrt{com}$ - [o bolo]]]]]
 - g. COPIAR [as crianças] e CONECTAR a [$\sqrt{com}$ - + -eram [[as crianças] [$\sqrt{com}$ - [o bolo]]]] $\rightarrow$ [[as crianças][$\sqrt{com}$ - + -eram [[as crianças] [$\sqrt{com}$ - [o bolo]]]]]]⁴

As operações envolvidas na construção dos sintagmas combinam, como se vê, os diversos elementos constantes da Numeração. Chomsky (2005) acrescenta a ideia de que a aplicação de *merge* somente é possível graças a uma propriedade dos itens lexicais que permite tal operação — a saber, a existência neles de um traço-borda (*edge feature*) que deve ser satisfeito para que um objeto sintático possa ser concatenado. O autor observa que é a ação deste traço que capta a recursividade das línguas naturais, uma vez que ele possibilita infinitas concatenações: “EF [edge feature] articulates the fact that Merge is unbounded, that language is a recursive infinite system of a particular kind” (CHOMSKY, 2005, p. 139).

Cabe mencionar pelo menos dois procedimentos que entram em jogo na derivação de uma sentença: (i) a rotulação das combinações produzida por *merge* e (ii) a linearização do objeto sintático resultante das combinações, esta um requerimento imposto pela interface fonológica para que os sintagmas possam ser devidamente interpretados pelo sistema A-P. Nesse contexto, diz-se que um objeto sintático é gerado quando dois elementos estabelecem entre si uma relação sintática local e assimétrica, na qual apenas um deles se projeta (daí a assimetria) para rotular todo o conjunto, cuja estrutura hierárquica, posteriormente, é linearizada. Na derivação anterior, há um objeto sintático em, por exemplo:

⁴ As cópias mais baixas dos constituintes movidos sofrem uma operação de apagamento em PF.

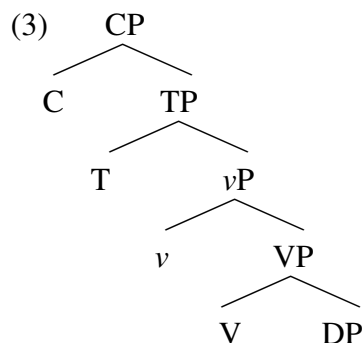


O constituinte que projeta e fornece o “rótulo” ao conjunto é o seu núcleo (no caso em (2), o determinante “as”), o que pode ser explicado com base na ideia de que tal constituinte, como ressaltado em Hornstein, Nunes & Grohmann (2005), “has the information that it requires a Spec or a complement or is compatible with specific kinds of modifiers” (p. 202). É importante destacar que, ainda que a rotulação seja um passo importante para a convergência da derivação, a designação do rótulo (como “DP”, “VP” ou “TP”, por exemplo) passa a ser, em *Bare Phrase Structure*, uma mera convenção notacional; nesse modelo de estruturação sintagmática, o que interessa é que o constituinte resultante da concatenação de dois objetos seja “etiquetado” com as propriedades de um deles, que será caracterizado como sendo o seu núcleo, ou seja, como o item que terá as suas propriedades projetadas. O objeto sintático em (2), por exemplo, poderia ser indicado, em termos notacionais, tanto como DP (Determiner Phrase) quanto como a projeção do próprio determinante, desde que não se perca de vista que as propriedades relevantes a serem projetadas sejam as do constituinte “as”, e não as de “crianças”.

A partir deste momento, este trabalho assumirá como rótulo dos constituintes as siglas das categorias nas quais tradicionalmente se agrupam os itens lexicais. Dando continuidade ao que já era adotado em GB, o PM mantém a previsão de que os itens constantes no Léxico de uma dada língua se agrupam em duas categorias: as substantivas (basicamente, (N)omes, (A)djetivos, (V)erbos etc) e as funcionais ((D)eterminantes, (v)erbos leves, T(empo), (C)omplementizadores etc)⁵. A literatura em sintaxe gerativa costuma assumir que uma diferença expressiva entre categorias substantivas e categorias funcionais é o fato de que essas últimas não apresentam “conteúdo descritivo”, embora contenham informação a respeito de propriedades gramaticais (tempo, aspecto, definitudo, dêixis etc) que definem as estruturas das sentenças, o que contribui também para determinar a interpretação das expressões linguísticas.

⁵ Preposições aparecem nos dois tipos de categorias.

Tendo em vista que são patentes as diferenças entre línguas no que simplesmente concerne às categorias substantivas (entre o PB e o PE, por exemplo, existem falsos cognatos), a grande preocupação do PM gira em torno das propriedades das categorias funcionais, em especial das chamadas *core functional categories* (CFC): C(omplementizador), T(ense) e *v*(erbo leve). Chomsky (2000, p. 102) assinala que as CFCs constituem o cerne do sistema de concordância (cuja relevância será mais bem destacada no item 1.2). Sobre elas organiza-se a arquitetura estrutural básica, o “esqueleto” de uma derivação, tal como representada a seguir:



A respeito delas, devem ser destacados dois aspectos principais:

- i. Quanto aos traços veiculados, cada núcleo está associado às seguintes informações: C indica força ilocucionária⁶; T expressa tempo, modo e aspecto; e *v* indica, entre outras propriedades, a transitividade da sentença.
- ii. Quanto às propriedades de seleção, assume-se que as categorias C e *v* selecionam as categorias T e V, respectivamente, o que se reflete em outras operações sintáticas — será significativo para a estipulação de relações Sonda-Alvo e da noção de fase, por exemplo, como será explanado na seção adiante.

1.2 Concordância e fase

Uma propriedade que parece ser compartilhada por todas as línguas naturais é o estabelecimento de *concordância* entre constituintes. Miyagawa (2010) define *concordância* a partir da constatação de três propriedades:

⁶ Diz respeito a um dos meios linguísticos por meio do qual o falante transmite suas intenções comunicativas. Diferentes valores ilocucionários resultam em diferentes efeitos comunicativos (é o que ocorre, por exemplo, na conversão de uma afirmação em negação ou interrogação).

- i. Redundância, já que um ou mais elementos expressam a mesma informação, como número ou gênero. Numa sentença como “Eles andam”, por exemplo, o verbo repete o caráter plural do sujeito por meio do morfema número-pessoal *-m*;
- ii. Assimetria, visto que a fonte de tal informação é apenas um dos elementos envolvidos na relação de concordância. No exemplo anterior, “Eles andam”, é no sujeito “eles” que a informação a respeito de pessoa e número é interpretável; e
- iii. Arbitrariedade, pois algumas destas informações, tal como gênero, não têm correspondência aparente com o universo extralinguístico. O autor chama a atenção para o fato de que em russo — assim como no português —, “lâmpada” é um substantivo feminino, embora não exista nenhuma justificativa aparente para esse fato.

Por se tratar de um tema relevante ao desenvolvimento deste trabalho, a presente seção abordará formalizações minimalistas em torno da concordância, considerando os trabalhos de Chomsky (2001, 2004, 2008), que explora a noção de *probe-goal agreement*, e de Ouali (2008), cuja proposta se dá em torno de possibilidades de distribuição (doação, retenção ou compartilhamento) de traços- ϕ nos domínios de C e T. A noção de fase, largamente assumida no PM, compreendida como decorrente das relações sintáticas estabelecidas entre as categorias funcionais envolvidas na operação de concordância, também será abordada.

1.2.1 Traço e concordância

Antes de abordar a concordância dentro dos desdobramentos mais recentes do PM (Chomsky 2001, 2004, 2008), cabe atentar para os pressupostos em torno das informações contidas nos itens lexicais. De acordo com Chomsky (2008), “one element of parameter-setting is assembly of features into lexical items, which we can take to be atoms for further computation” (p. 135). Isto quer dizer que um item lexical é, na realidade, uma combinação de traços a serem interpretados pelos sistemas de performance:

- i. Traços fonológicos: que contêm a informação fonológica a ser codificada em A-P;
- ii. Traços semânticos: que contêm a informação semântica a ser codificada em C-I;

iii. Traços formais: acessíveis durante a computação sintática (dois exemplos são: traços- ϕ , que dizem respeito a pessoa, número e gênero, e o traço de Caso ⁷).

Sobre os dois primeiros tipos, é importante observar que, se há, dentro de um mesmo sintagma, informações de naturezas diferentes para serem lidas por interfaces diferentes, o sistema computacional necessita de uma operação capaz de separá-las: a regra aplicada denomina-se *Spell-Out*, que separa as informações relevantes para interpretação fonológica daquelas de natureza semântica e as envia para a componente relevante. *Spell-Out* pode ocorrer quantas vezes forem necessárias (mas ao menos uma vez).

No que diz respeito a traços formais, nem todos são interpretáveis pelos sistemas de interface. Existem aqueles [+interpretáveis], relacionados a itens substantivos / lexicais e que já estão especificados no Léxico, e aqueles [-interpretáveis], que adquirem seus valores no curso da derivação e, portanto, podem impedir que a derivação convirja caso não sejam valorados ao se “relacionarem” com itens que abarquem traços interpretáveis: “we may naturally interpret such an asymmetry [of features] as indicating that the relevant ϕ -features of subjects (and of arguments, in general) are [+interpretable], whereas the ϕ -features of predicates are [-interpretable]” (Hornstein, Nunes & Grohmann, 2005, p.294). A operação que permite a valoração de traços [-interpretáveis] é Concordar (*agree*).

No PM, a operação *move* (copiar + conectar) deve respeitar questões locais relacionadas à localidade (por exemplo, obedecer a restrições de Domínio Mínimo⁸), bem como à noção de Último Recurso⁹, o que significa que não ocorre gratuitamente. O elemento que traz consigo os traços não interpretáveis age como uma sonda (*probe*), pois procura, nos itens já conectados (dentro de seu domínio de c-comando), os traços interpretáveis correspondentes, capazes de realizar a valoração de um traço ainda não valorado. Diz-se, portanto, que busca um alvo (*goal*). A interação entre os traços

⁷ Em Chomsky (1995), os itens lexicais entravam na derivação com o traço de Caso já especificado.

⁸ Hornstein, Nunes & Grohmann (2005, p. 157) definem Domínio Mínimo da seguinte maneira: “The MinD of a chain formed by adjoining the head Y0 to the head X0 is the union of MinD(Y0) and MinD(X0), excluding projections of Y0”. Esta noção influencia diretamente o movimento de traços na medida em que se considera também o conceito de equidistância: “Say that α is the target of movement for γ . For any β that is in the same MinD as α , α and β are equidistant from γ ” (p. 151). Dessa maneira, torna-se claro que nem todos os elementos de uma derivação intervêm na valoração dos traços.

⁹ “A movement operation is licensed only if it allows the elimination of [-interpretable] formal features” (Hornstein, Nunes & Grohmann, 2005, p. 367).

interpretáveis e não interpretáveis resulta na aplicação de *agree*, ou concordância, entre tais traços, operação que tem sido chamada de *concordância à distância*. Por meio de *agree*, os traços não interpretáveis (portanto, não valorados) da sonda recebem os mesmos valores constantes dos traços interpretáveis presentes no item detectado como alvo. De um modo geral, há duas situações possíveis no que diz respeito à posição em que se realiza o alvo: (i) ele pode se manter *in situ* (*long-distance agree*) ou (ii) mover-se em direção à sonda, por meio de movimento (*merge* interno). Costuma-se considerar, em termos minimalistas, que as motivações para esta última situação resultam da necessidade de satisfazer o requerimento de algum traço presente no núcleo de onde parte a sonda (por exemplo, o traço não interpretável EPP em T, que requer a projeção de Spec-T, condição que geralmente é satisfeita pelo alvo da sonda desencadeada pelos traços- $u\phi$ de T)¹⁰.

Miyagawa observa que o apagamento dos traços não interpretáveis após a valoração — para que, portanto, não lhes seja atribuída uma interpretação em FL — é o que explica e torna coerente a impressão de que a concordância é redundante e irrelevante.

Dentro deste quadro, a valoração de Caso estrutural é vista como o resultado da relação de concordância entre os traços- ϕ [+interpretáveis] de um argumento (normalmente um DP) e os [-interpretáveis] do outro elemento. Então, a concordância entre sujeito e verbo, por exemplo, se dá pela combinação dos traços- ϕ interpretáveis do alvo (sujeito) com os não interpretáveis da sonda (núcleo T); a operação *agree* é a responsável por valorar os traços deste e especificar o traço de Caso do sujeito como Nominativo. Nos desdobramentos mais recentes do PM, assume-se, em linhas gerais, que o traço de Caso presente nos constituintes nominais será especificado como Acusativo se a concordância for estabelecida com os traços- $u\phi$ presentes em v , e como Nominativo se a concordância for com traços- $u\phi$ presentes em T finito.

Outro aspecto relevante a respeito do sistema computacional no PM é o que se pode chamar de *ciclicidade*. Chomsky (2001, 2004, 2008) propõe que a computação sintática ocorre em fases, isto é, em determinados momentos da derivação, ocorre o

¹⁰ “Since only Agree, and not Move, may check uninterpretable features, movement into Specifier positions is triggered by and independent requirement, namely the presence of an EPP-feature [u EPP] on functional heads. This uninterpretable feature is only eliminated by movement of some category into its Specifier. Agree alone, then, is insufficient to satisfy [u EPP], while any movement to a Specifier position must be triggered by [u EPP] on the relevant functional head” (HICKS, 2004, p. 20).

Spell-Out dos elementos concatenados de modo a permitir que seja verificado se, até aquele instante, a sentença tem a possibilidade de convergir. Isto vai ao encontro da noção de economia descrita anteriormente: sendo a derivação constantemente inspecionada durante seu desenrolar, evitam-se derivações infrutíferas, e o sistema computacional não é sobrecarregado: “Operative complexity in some natural sense is reduced, with each stage of the derivation accessing only part of L[exical] A[rray]” (CHOMSKY, 2000, p. 106).

Em Chomsky (2001, 2004, 2008), as projeções νP e CP são compreendidas como limites de uma fase, tendo em vista que, em conformidade com essa proposta, a derivação sofre *Spell-Out* nos pontos em que ν e C se conectam à estrutura. Segundo Chomsky (2004, p. 124), na componente semântica, “ νP e CP are propositional constructions: νP has full argument structure, and CP is the minimal construction that includes Tense and event structure and (at the matrix, at least) force”.

Um importante pressuposto dentro desse modelo tem a ver com a ideia de que o material interno à fase (isto é, enviado para *Spell-Out*), torna-se inativo para as operações realizadas numa fase subsequente. O único conteúdo acessível é aquele que estiver na borda (*edge*) da fase, em conformidade com a Condição de Impenetrabilidade da Fase (Chomsky 2004, 2008):

(5) *Condição de Impenetrabilidade da Fase*

“In a phase α with a head H, the domain of H is not accessible to operations outside α , only H and its edge are accessible to such operations” (CHOMSKY, 2001, p. 108)

Isso significa que, numa dada fase $PH = [\alpha [H \beta]]$, o objeto β (o complemento do núcleo H da fase) está “congelado” e, nessa condição, não pode participar de operações requeridas pelas fases subsequentes. Assim, finda uma fase, as categorias que contiverem traços não interpretáveis devem ou entrar em concordância com elementos de sua própria fase, ou ocupar a borda da fase (posição denominada *escape hatch*), a fim de se manterem acessíveis a uma fase mais alta. Na fase PH, α e H, entendidos como a borda, podem ser detectados por uma sonda proveniente da fase imediatamente posterior e/ou sofrer movimento para algum ponto dessa fase. De acordo com Chomsky (2008, p. 108), esta é uma condição natural “that allows for head-raising, raising of

Predicate-internal subject to Spec-T, and an 'escape hatch' for successive-cyclic movement through the edge”.

1.2.2 Herança de traços no complexo C-T

Chomsky (2008) implementa, de forma mais específica no que concerne à concordância e a noção de fase, a ideia de que os traços- $u\phi$ (bem como o que chama de *Tense*) realizados em T têm sua origem em C. Ao longo da derivação, C precisa transferir seus traços para T. Segundo o autor:

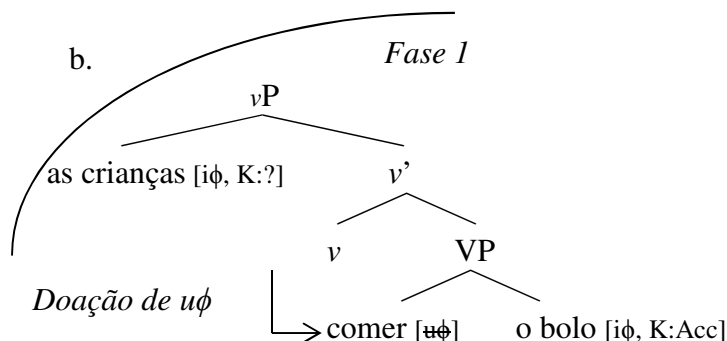
for T, ϕ -features and Tense appear to be derivative, not inherent: basic tense and also tenselike properties (e.g. irrealis) are determined by C (in which they are inherent: "John left" is past tense whether or not it is embedded) or by selecting V (also inherent) or perhaps even broader context. In the lexicon, T lacks these features. T manifests the basic tense features if and only if it is selected by C (default agreement aside); if not, it is a raising (or ECM) infinitival, lacking ϕ -features and basic tense (CHOMSKY, 2008, p. 143-144).

Isso implica que T, núcleo do complemento de C, não vem da Numeração com traços; ele depende exclusivamente da doação de traços- $u\phi$ por parte de C para se tornar sonda e, conseqüentemente, projetar a posição de Spec-T que abrigará o alvo resultante da relação de concordância. Se os traços- $u\phi$ presentes no complexo C-T concordarem com o alvo DP, este pode se manter *in situ*, quando ocorrerá concordância à distância, ou subir para Spec-T, para satisfazer o EPP de T (um requerimento que, nos termos de Chomsky (2008), resulta dos *agree-features* que T herda de C). Essa mesma ideia é estendida para a relação estabelecida entre outros núcleos de fase e seus complementos: da mesma forma que C transfere traços- $u\phi$ para T, v transfere traços do mesmo tipo para V, que deverão estabelecer concordância com o complemento do verbo.

A derivação a seguir sintetiza as ideias apresentadas até o momento. Para a formação da sentença (6a), os primeiros itens lexicais selecionados da Numeração são o D “o” e o N “bolo”, que se conectam para formar o DP “o bolo”. O DP resultante tem especificados os traços interpretáveis de gênero e número, mas não de Caso. Atraído pelo traço borda (*edge feature*) de D, o núcleo V, ainda sem traços- $u\phi$, concatena-se ao

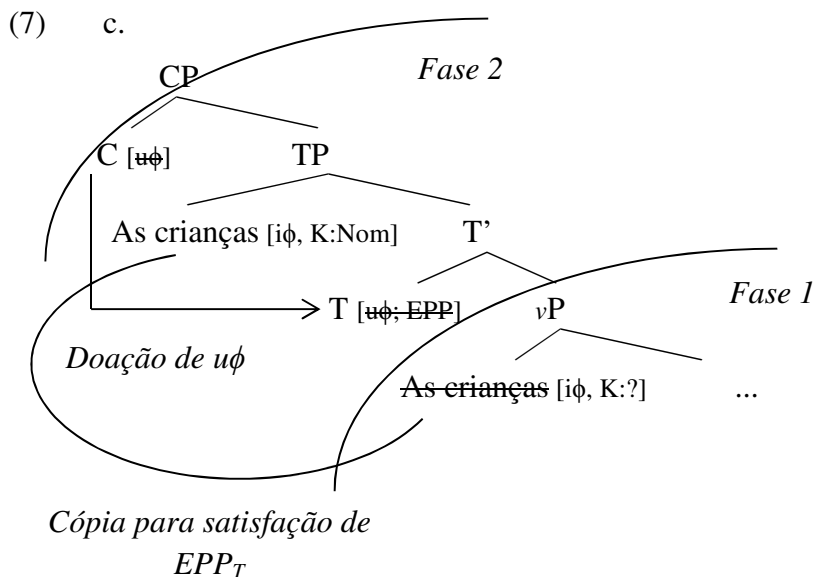
DP¹¹. Em seguida, entra na derivação o núcleo v , cujos traços- $u\phi$ são transferidos para V, onde são valorados logo após este núcleo tornar-se a sonda destinada a detectar o DP-alvo, que, por consequência, valora seu traço de Caso como Acusativo *in situ*. A posição Spec- v é então preenchida por outro DP, “as crianças”, resultante da combinação prévia de dois itens lexicais advindos da Numeração, também com traços- ϕ já especificados e um traço de Caso a ser valorado. Nesse ponto derivacional, a derivação é enviada para *Spell-Out*, completando-se assim a fase 1, com o “congelamento” do seu domínio interno (VP), nos termos estabelecidos na condição em (5).

(6) a. As crianças comeram o bolo.



Na sequência, conecta-se por *merge* o núcleo T, cujos traços- $u\phi$ são herdados de C, após a concatenação deste à estrutura. Ao tornar-se sonda, T elege como alvo o DP mais próximo, justamente “as crianças”, disponível por estar na posição de *escape-hatch* (margem) da fase anterior, com o qual concorda. Por fim, o EPP_T desencadeia a subida deste DP para Spec-T. Na segunda e última fase, não existem traços não interpretáveis remanescentes, de forma que a derivação converge.

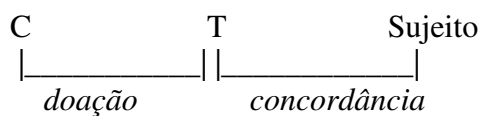
¹¹ Para efeitos de simplificação expositiva, o item conectado como V é aqui representado em sua forma infinitiva.



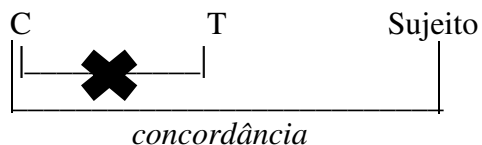
1.2.3 Sistemas de distribuição dos traços no complexo C-T: doação, retenção e compartilhamento

Em seu artigo, Ouali (2008) questiona o caráter da distribuição de traços- $u\phi$ de C exclusivamente voltada à transferência para T. O autor observa que conceber unicamente a doação aos moldes da proposta de Chomsky (2000, 2001, 2004) nem sempre é suficiente. A partir de constatações a respeito do Berber, língua africana, o autor fundamenta sua argumentação para defender a ideia de que, além da doação, existem outras duas opções igualmente viáveis: a retenção (*keep*) e o compartilhamento (*share*), cada um dos três esquematizado da seguinte maneira:

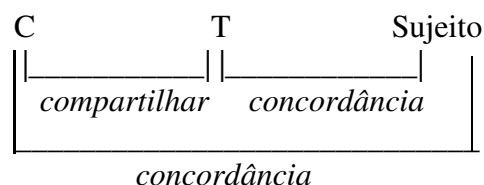
(8) Doação



(9) Retenção



(10) Compartilhamento



O Berber é uma língua pro-drop que apresenta concordância entre sujeito e verbo, exceto em três contextos: sentenças com sujeito-QU, com sujeito acompanhado por oração relativa e com sujeito clivado. O autor observa que todos esses contextos dizem respeito à extração de sujeito, tendo em vista que a ordem canônica do Berber é VSO, mas, neles, as sentenças são estruturadas como SVO. É exatamente esse fenômeno de extração e a resultante ausência de concordância com o verbo que chama a atenção para as alternativas de distribuição de traços no domínio C-T. A análise de Ouali (2008) propõe que o C presente no contexto de concordância (*agreeing C*) deve necessariamente ser diferente do C vinculado aos contextos de extração (*non-agreeing C*), caso contrário as derivações fracassariam.

A retenção, tal qual ilustrada em (9), é a estratégia capaz de explicar a extração do sujeito em âmbito local, como se vê nas sentenças abaixo, em que os verbos não podem se flexionar. Ao reter os traços, o núcleo C torna-se a sonda com a qual o sujeito concorda, o que justifica o fato de T não apresentar um conjunto de traços- $u\phi$ valorados. O preenchimento de Spec-C, por sua vez, é explicado pela presença de outros traços, como o traço uQU do exemplo¹² (11).

(11) Sujeito-QU

a. mani thamttu ag 3lan araw
 qual mulher COMP ver.PERF.Part garotos

¹² Os exemplos retirados de Ouali (2008) foram aqui reproduzidos tais como aparecem no referido artigo. Por isso, notações como “3lan”, referentes à terceira pessoa, que aparecem nas sentenças originais, e não nas traduções, foram mantidas.

No Berber, existe, pois, marca de concordância de pessoa; Ouali (2008) deixa claro que o que denomina *anti-agreement effect*, resultado da extração do sujeito nos contextos assinalados entre (11) e (13), impede “full subject-verb agreement” (p. 7), o que se vê nas construções assinaladas como agramaticais em (11b), (12b) e (13b).

b. *mani thamttut ag th3la araw
 qual mulher COMP 3sf.ver.PERF garotos
 ‘Qual mulher viu os garotos?’

(12) Sujeito acompanhado por relativa

a. thamttut ag 3lan araw
 mulher COMP ver.PERF.Part garotos
 b. *thamttut ag th3la araw
 mulher COMP 3sf-ver.PERF garotos
 ‘A mulher que viu os garotos...’

(13) Sujeito clivado

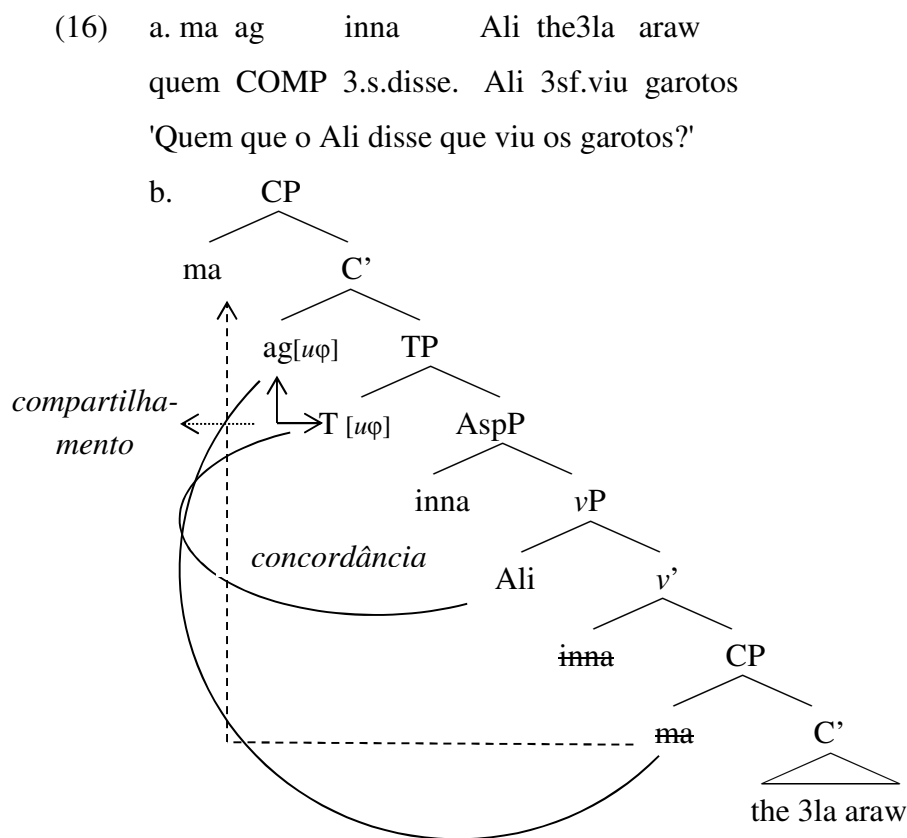
a. thamttut-a ag 3 lan araw
 mulher-esta COMP ver.PERF.Part garotos
 b. *thahtutt-a ag th3la araw
 mulher-esta COMP 3sf-ver.PERF garotos
 ‘Foi esta mulher quem viu os garotos.’ (retirados de OUALI, 2008)

O exemplo em (14) a seguir também deixa claro que a ausência do complementizador implica a agramaticalidade da sentença em que se constata extração local. Exatamente o contrário — a presença do complementizador como causa da agramaticalidade — se vê em contextos de extração em longa distância (*long-distance extraction*), como (15). Tais constatações, para o autor, são uma forte evidência para a ideia de que a concordância pode acontecer tanto em T quanto em C, e não apenas em um dos dois: “my proposal shows how C agreement is disallowed when T agreement (subject verb agreement) is allowed and how C agreement is allowed where T agreement is disallowed” (Ouali, 2008, p. 14).

(14) a. ma ag swan aman
 quem COMP beber.PERF.Part água
 b. *ma swan aman
 quem beber.PERF.Part água
 ‘Quem bebeu água?’

- (15) a. ma ay thenna Fatima iswa aman
 quem COMP 3sf.dizer.PERF Fatima 3sm.beber.PERF água
 b. *ma ay thenna Fatima ay iswa aman
 quem COMP 3sf.dizer.PERF Fatima COMP 3sm.beber.PERF água
 'Quem disse que a Fátima bebeu água?' (retirados de OUALI, 2008, p. 23)

Mais ainda, o exemplo em (15a) mostra que, em contextos de longa extração, aplica-se o sistema de compartilhamento de traços- $u\phi$ de C com T (cf. (10)), de forma que é visível tanto a concordância com T quanto com C. A escolha de uma possibilidade ou de outra, mas não das duas concordâncias ao mesmo tempo, resulta, segundo o autor, na agramaticalidade da sentença. A derivação abaixo, retirada de Ouali (2008, p. 12), ilustra a atuação das duas sondas:

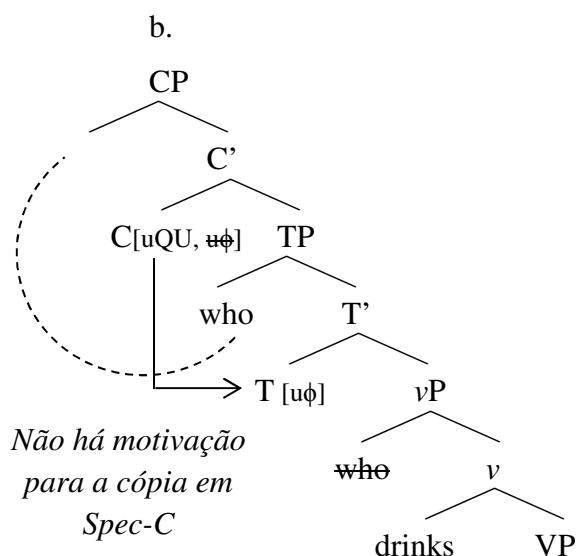


Na derivação em (16b), o núcleo complementizador da sentença matriz compartilha com T seus traços- $u\phi$, o que significa que, ao mesmo tempo em que os retém, também os transfere. Assim, tanto C como T tornam-se sondas ativas em busca

de alvos: T concorda com o DP mais próximo, o sujeito “Ali”, que se mantém *in situ*, e C, com o DP mais próximo seguinte, o sujeito-QU da oração encaixada, que é copiado para Spec-C.

A estratégia do compartilhamento também explica satisfatoriamente as sentenças interrogativas do inglês, tais como (17a), por exemplo. Nelas, Ouali aponta para o fato, conforme se vê na derivação em (17b), de que a ausência de traços- $u\phi$ em C torna este núcleo inativo para concordância, de sorte que o traço-QU não interpretável, inerente a ele, é incapaz de ser valorado. Sob a perspectiva única da doação, portanto, sentenças interrogativas como as do inglês nunca convergiriam. No entanto, sob a concepção de que C compartilha seus traços e, portanto, também se torna uma sonda ativa, justifica-se a concordância entre este núcleo e o elemento-QU e valoriza-se o traço uQU , o que permite a convergência da derivação¹³.

(17) a. Who drinks coffee?



¹³ Chomsky (2008) enxerga o problema das interrogativas QU sob outra perspectiva. Em primeiro lugar, nota que se o sintagma-QU for copiado por meio de movimento-A, essa operação “will yield a structure that converges but will again have no interpretation unless the phrase undergoes A'-movement to the root” (p. 151). Em segundo lugar, assinala que as cadeias devem ser uniformes, nunca mistas (p. 152). Portanto, seria inviável pensar em movimentos sucessivos, de Spec-v para Spec-T e deste para Spec-C, do sintagma “who” numa construção como (i), semelhante a (20). A solução de Chomsky é, então, pensar em movimentos paralelos: ao mesmo tempo em que “who” é copiado de Spec-v para Spec-T, é também copiado para Spec-C. Segundo o autor, a construção em (ii) permite captar o fato de que não existe relação direta entre who_k e who_j , apenas entre who_k e who_i e who_j e who_i .

(i) Who saw John?

(ii) Who_i [C [who_j] [T [who_k v* [see John]]]]]

Embora Ouali (2008) deixe claro que sua proposta de sistema de distribuição dos traços de C não deva seguir nenhuma ordem preestipulada de aplicação além dos princípios de economia, eficiência computacional e domínio mínimo (p. 18) — “the application of these operations would be ‘free’ and only derivations that meet bare-output conditions will ultimately converge” (Ouali, 2008, p. 18) —, o autor sugere a seguinte classificação em termos de economia derivacional, a partir dos fatos coletados do Berber:

(18) Doação (mais econômica que) > retenção (mais econômica que) > compartilhamento

Esta proposta de sistema de distribuição de traços no complexo C-T¹⁴ será retomada e aplicada durante o desenvolvimento da hipótese desta dissertação, no capítulo 3.

1.3 Tópico, concordância e posição de sujeito

Desde o pioneiro trabalho de Pontes (1987) a respeito de estratégias de topicalização no PB, muitos estudos têm investido na ideia de que essa variedade do português, em contraste com o PE, apresenta propriedades comuns às chamadas “línguas com proeminência de tópico” ou “orientadas ao discurso”¹⁵, como o chinês e o japonês¹⁶. Uma das justificativas para atribuir esse estatuto ao PB está na ocorrência de padrões frásicos como os que se seguem em (19), em que tópicos não argumentais estabelecem concordância com a flexão verbal, resultando em construções que não são

¹⁴ Miyagawa (2010) observa que existe uma forte motivação conceitual para assumir concordância associada com C: “merging the agreement feature on C means that grammatical features that are responsible for computations such as movement show up solely on phase heads” (p. 16). Sob uma perspectiva minimalista que postula a ideia de que as operações de uma derivação ocorrem entre fases, é desejável a possibilidade de serem precisamente os núcleos das fases o gatilho da concordância.

¹⁵ Para estudos sobre propriedades do PB como língua “com proeminência de tópico” ou “orientada ao discurso” do PB, vejam-se, dentre outros, os trabalhos de Galves (1998), Negrão (1999), Duarte & Kato (2008), Modesto (2008) e Avelar & Galves (2011).

¹⁶ Segue-se aqui a tipologia de Li e Thompson (1976), segundo os quais as línguas são divididas em quatro tipos: (i) línguas com proeminência de sujeito (línguas indo-europeias), em que a estrutura das sentenças é descrita como sujeito-predicado; (ii) línguas com proeminência de tópico (chinês), em que a estrutura segue o padrão tópico-comentário; (iii) línguas com proeminência de tópico e sujeito (japonês), em que há as duas construções diferentes; (iv) línguas sem proeminência de sujeito ou tópico (tagalog), em que ambos se mesclam.

aceitáveis no PE, nem em outras línguas românicas¹⁷. As construções de duplo sujeito, como aquelas exemplificadas em (20), também se incluem no rol das estruturas que têm justificado tratar o PB como uma língua com proeminência de tópico: embora possíveis no PE, sua alta recorrência do PB sugere que a proeminência de tópico é uma propriedade relevante na gramática desta variedade.

- (19) a. O carro furou o pneu.
b. Essas casas entram ladrão.
c. Essas ruas passam carro.
d. Algumas cidades europeias não nevam.
- (20) a. O João, ele gosta de viajar.
b. Eu, eu não quero saber de nada.

Ainda que abordar centralmente o estatuto de “proeminência de tópico” não seja um dos objetivos desta dissertação, cabe aqui discorrer sobre alguns aspectos relativos a essa condição, tendo em vista algumas propriedades demonstradas pelas *tough-constructions* do PB. Nas sentenças em (21), por exemplo, observa-se um caso em que um constituinte locativo inicialmente preposicionado (cf. 21a) é alçado, sem a sua preposição característica, para uma posição pré-verbal no interior da infinitiva encaixada (cf. 21b), podendo também ocorrer na posição de sujeito da oração matriz (cf. 21c), repetindo um padrão que combina tanto as características das *tough-constructions* clássicas quanto das construções de tópico-sujeito exemplificadas em (19) acima. A sentença em (22), por sua vez, mostra a possibilidade de ocorrer o duplo sujeito no interior da infinitiva encaixada, seguindo o padrão das construções exemplificadas em (20).

- (21) a. É difícil de entrar ladrão nessa casa.
b. É difícil dessa casa entrar ladrão.
c. Essa casa é difícil de entrar ladrão.
- (22) É difícil do João, ele pagar.

¹⁷ Para estudos recentes sobre concordância com tópicos não argumentais (ou tópico-sujeitos) na perspectiva da sintaxe gerativa, vejam-se os trabalhos de Avelar & Galves (2011), Munhoz (2011) e Toniette (2013).

No capítulo 3, as propriedades exemplificadas em (21) e (22) serão retomadas para sustentar a análise que será oferecida para as *tough-constructions* do PB. Tendo isso em vista, essa seção se concentrará na apresentação, em linhas gerais, de pressupostos relevantes ao tratamento da topicalização no PB, visando a embasar a hipótese a ser defendida.

1.3.1 Tópico no PB

Em seu pioneiro estudo sobre a topicalização no PB, Pontes (1987) chama a atenção para a proximidade entre uma sentença como (23), do chinês, e (24), do PB: em ambas, há um tópico que estabelece a referência para o comentário a ser tecido logo em seguida, "feito através de uma sentença completa, com sujeito e predicado" (p.13), o que indica a relação semântica entre os elementos *tópico e comentário*¹⁸.

- (23) Neì-xie shùmu shù-tén dà
Aquelas árvores os troncos grandes
'Aquelas árvores, os troncos são grandes'

- (24) Essa bolsa as coisas somem, aqui dentro. (retirados de PONTES, 1987, p. 13)

À semelhança do chinês, Pontes (1987) também observa que

- i. O elemento topicalizado pode exercer qualquer função sintática dentro da oração (sujeito, objeto direto, indireto, complemento nominal, adjunto adnominal ou adverbial) e que,
- ii. Mesmo estando preposicionado *in situ*, quando entendido como tópico (e deslocado, portanto) a preposição não se faz necessária (o que, obviamente, não veta sua presença). É o caso da sentença em (25), em que o tópico seria naturalmente compreendido como a referência espacial, isto é, o locativo, do comentário.

- (25) Aquela escola deles, rouba(se) tudo. (retirado de PONTES, 1987, p. 17)

¹⁸ Por meio deste argumento, a autora sustenta a ideia de que o movimento sintático não dá conta de explicar a topicalização. Ressalta-se, aqui, o caráter funcionalista dessa obra, que, sobretudo, não tinha o respaldo dos pressupostos teóricos atuais.

Acerca da construção anterior, há uma nota interessante: "esta sentença foi falada sem o 'se', mas eu coloquei entre parênteses, porque fora do contexto 'aquela escola deles' seria entendida como sujeito, o que não é verdade" (PONTES, 1987, p. 17). Na realidade, é possível defender que a interpretação indeterminadora (isto é, aquela em que o índice de indeterminação está explícito) não é perdida, uma vez que o emprego de "se" indeterminador não é usual no PB — ao contrário do que se verifica no PE. Nesse âmbito, Galves (1998) assinala a importância de marcas, nas línguas de proeminência de sujeito, que deixem evidente a não correspondência entre o argumento externo da oração e o elemento topicalizado (tais como a voz verbal passiva ou média no exemplo (26) e a presença de pronomes como o clítico “se” em (27)), necessidade esta que não se justifica nas línguas de proeminência de tópico.

- | | | |
|------|--------------------------------------|-----------------|
| (26) | a. A balança está consertando. | PB: OK / PE: * |
| | b. A balança está sendo consertada. | PB: OK / PE: OK |
| (27) | a. Carpete de madeira não encera. | PB: OK / PE: * |
| | b. Carpete de madeira não se encera. | PB: OK / PE: OK |
- (retirados de GALVES, 1998, p. 20)

Fatos desse tipo revelam que o fenômeno da topicalização no PB é totalmente distinto do que se verifica nas outras línguas românicas, e que, portanto, apoiar-se simplesmente nas diferenças de emprego de algumas marcas não é suficiente para descrever as sentenças produzidas por falantes brasileiros.

Outro ponto importante a ser destacado, por exemplo, é o fato de que tópico e verbo podem concordar no PB (o que não se verifica no PE, a não ser que o tópico seja o sujeito lógico da oração), como nas construções exemplificadas em (19). Além disso, o contraste em (28) abaixo mostra, de acordo com Galves (1998), que concordância e resumção (retomada por meio de pronome lembrete) são dois recursos excludentes.

- | | |
|------|--|
| (28) | a. Estas casas batem muito sol. |
| | b. *Estas casas batem muito sol nelas. |
| | c. Estas casas, bate muito sol nelas. |

Dada a oposição acima, Galves (1998) admite duas configurações distintas para a topicalização no PB:

- i. Construção com retomada pronominal, em que o tópico é acompanhado por um pronome lembrete, como (28c). Nesse tipo de sentença, não há concordância entre o tópico e a flexão verbal. A autora ainda observa que habitualmente se insere uma vírgula para a representação gráfica de uma eventual pausa;
- ii. Construção com tópico-sujeito, em que o constituinte topicalizado é legitimado como sujeito da oração (como (28a)). Para Galves (1998), o tópico-sujeito difere-se do tópico canônico, pois há concordância com o verbo, mesmo que o elemento não componha a grade argumental do verbo. Em vez de ir para uma camada mais externa da sentença (então entendida como uma camada nas dependências do CP), o elemento deslocado entraria numa posição mais interna, Spec-T, e desencadearia a flexão com o verbo, o que lhe confere o estatuto de sujeito¹⁹.

Os exemplos em (28), em particular, podem ser incluídos no rol das construções que mostram a chamada *inversão locativa*, na medida em que o DP pré-verbal apresenta uma interpretação locativa e concorda com o verbo. Estudos recentes na literatura sobre o PB mostram que esse padrão guarda uma série de similaridades com estruturas que são largamente encontradas em línguas africanas do grupo Bantu, tal como nos exemplos apresentados em (29)-(31) a seguir, em que um constituinte locativo concorda com o verbo, em lugar do sujeito lógico/semântico da oração (Avelar & Cyrino, 2008; Avelar, Cyrino & Galves, 2009; Avelar & Galves, 2013). Partindo da observação de construções do PB como as exemplificadas em (32) adiante, nas quais um tópico locativo não argumental concorda com o verbo, trabalhos como o de Avelar & Galves (2013) sugerem que a emergência dessas construções se deve, em termos histórico-diacrônicos, a um efeito de substrato resultante da transferência de estruturas sintáticas comuns às línguas bantas. De acordo com os autores, essas estruturas migravam para o português aprendido como segunda língua pelos africanos introduzidos no Brasil como escravos e, daí, foi difundido para as variedades em formação do português que foi sendo adquirido como primeira língua.

¹⁹ Galves (1998) também assinala outras três características das construções com tópicos-sujeito: não licenciam a concordância entre o verbo e um NP pós-verbal; quando ocorrem, o argumento externo do verbo está ausente; quando o tópico e o NP pós-posto ao verbo estão numa relação genitiva, deve haver uma interpretação semântica parte/todo entre eles. Recomenda-se o acesso ao texto original para mais detalhes.

(29) OTJIHERERO

<i>mò-ngàndá</i>	<i>mw-á-hítí</i>	<i>òvá-ndú</i>
18-9.house	SC18-PAST-enter	2-people

‘Into the house/home entered (the) guests’

(Marten, 2006, p. 98, *apud* Avelar & Galves, 2013)

(30) SETSWANA

<i>Kó-Maúng</i>	<i>gó-tlá-ya</i>	<i>roná maríga</i>
17-Maung	17SM-FUT-go	1pDM winter

‘To Maung we shall go in winter.’

(Demuth & Mmusi, 1997, p. 8, *apud* Avelar & Galves, 2013)

(31) KINANDE

<i>Omo-mulongo</i>	<i>mw-a-hik-a</i>	<i>(?o-)mu-kali</i>
LOC.18-village	18S-T-arrive-FV	(AUG)-CL1-woman.1

‘At the village arrived a woman’

(Baker, 2003, exemplo 25, *apud* Avelar & Galves, 2013)

(32) PORTUGUÊS BRASILEIRO

- a. “*algumas concessionárias* tão caindo o preço [do carro]”
- b. “*apenas 3 desses cinco monitores* aparecem imagem”
- c. “No interior de SP e do Rio, *algumas cidades* nevam”
- d. “...em geral *os capacetes mais baratos* são barulhentos e entram vento”
- e. “*Meus seios* estão saindo água, com veias roxas e grossas saltitantes”

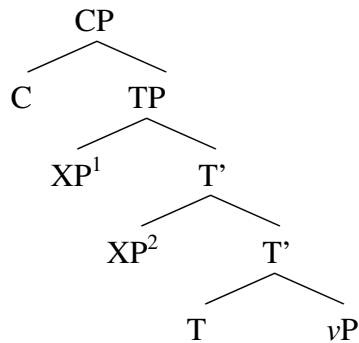
(retirados de Avelar & Galves, 2013)

Independentemente de os autores estarem ou não corretos quanto à hipótese da filiação banta para os casos de inversão locativa do PB, os estudos que procuram captar formalmente propriedades das referidas estruturas em línguas africanas podem lançar luz sobre os fatos relevantes na gramática desta variedade do português. Nesse sentido, será abordada adiante a proposta de Baker (2003) em torno de propriedades das línguas bantas, que será explorada na elaboração da hipótese norteadora deste estudo, a ser apresentada no capítulo 3.

1.3.2 O tópico na estrutura: configuração de múltiplos especificadores²⁰

Chomsky (1995) destaca que o modelo de *Bare-Phrase Structure* para estruturação sintagmática, em conjunto com pressupostos minimalistas, livremente permite que múltiplos especificadores sejam projetados por um único núcleo, conforme representação em (33) a seguir, ao contrário do que se previa por meio da Teoria X-Barra.

(33)



Chomsky (1995) argumenta que, numa dada língua L, um núcleo H permite a ocorrência de múltiplos especificadores caso um traço forte seu seja deletado **após**, e não antes, de *Spell-Out*. Isso significa, nos termos da versão do PM desenvolvido àquela época, violar a operação Procrastinar (*Procrastinate*). O traço forte de H poderia, então, “escapar” da deleção diversas vezes, quantidade esta que seria definida parametricamente. Tal ideia é posteriormente trabalhada por Ura (1996), segundo o qual cada traço de um núcleo se distingue dos outros em conformidade com sua força: um T finito, por exemplo, pode apresentar, ao mesmo tempo, *u*EPP forte e traço de Caso fraco, cada um dos quais será, então, checado em momentos e por elementos diferentes. Assim, para Ura, a ocorrência de múltiplos especificadores é simplesmente definida por um

²⁰ Dentro do vasto universo de propostas de configuração para a estrutura de sentenças com constituintes topicalizados, outras duas, além da configuração de múltiplos especificadores, foram avaliadas no decorrer desta pesquisa: a do CP complexo postulado por Rizzi (1997) e a de Miyagawa (2010), que vislumbra uma categoria *αP* abaixo de CP e acima de TP. Nenhuma das duas, no entanto, mostrou-se suficiente para os objetivos deste trabalho, uma vez que ambas acrescentam ao “esqueleto” composto pelas CFCs uma categoria funcional de finalidade específica (unicamente relacionada ao discurso), que precisaria ser motivada em outros contextos e que parece, pelo menos à primeira vista, ir na contramão da simplicidade do PM e da otimização das computações sintáticas relacionadas ao fenômeno linguístico aqui em estudo. A proposta de Miyagawa (2010), mais especificamente, traz um problema adicional, uma vez que adotar uma categoria *αP* aos moldes de sua análise significa dispensar o Caso Nominativo checado pelo elemento topicalizado. Por esses motivos, ambas as propostas foram dispensadas.

parâmetro que permite ao conjunto de traços formais de H ser checado por diferentes elementos — o que denomina *multiple feature-checking*.

Tendo em vista que esta dissertação se fundamenta nos pressupostos mais recentes do PM (Chosmky, 2001, 2004, 2008), uma abordagem que envolve a noção de traços fortes e fracos mostra-se não ser a mais adequada — o que, de nenhuma forma, invalida totalmente a proposta de *multiple feature-checking*, na medida em que existem evidências empíricas para assumir a possibilidade de um núcleo apresentar mais de um especificador. Isserver & Jiménez (2010) apresentam dados a respeito do espanhol e do turco (reproduzidos abaixo) em que se verifica o livre ordenamento de múltiplos tópicos à periferia esquerda. Para os autores, isso é uma indicação de que eles ocupam diferentes especificadores de um mesmo núcleo:

- (34) a. Ángela puso la chaqueta en el armario esta mañana.
b. Ángela, la chaqueta, en el armario la puso esta mañana.
c. La chaqueta, en el armario, la puso Ángela esta mañana.
d. La chaqueta, Ángela, la puso en el armario esta mañana.
'Ángela pôs o casaco no armário esta manhã'
- (35) a. Ali buraya kitab sabah bırak.
b. Ali kitab buraya sabah bırak .
 Ali livro-ACC aqui manhã pôr-PAS
'Ali deixou o livro aqui esta manhã'

Isserver & Jiménez (2010) seguem Ura (1996) ao afirmarem que “Spanish/Turkish may be viewed as instantiating the type of language which allows for multiple satisfaction of T’s EPP or EF. This implies that T in those languages may attract as many categories as necessary, which accounts for the cluster of multiple topics in front of a sentence” (p. 8). Para essas línguas, então, é válida a ideia de que constituintes interpretados como tópicos podem ocupar Spec-T, exatamente porque satisfazem diferentes requerimentos de T.

Outra proposta que caminha nessa direção é a de Baker (2003) para o Kinande, língua Bantu que apresenta concordância não apenas entre verbo e sujeito, mas também entre objeto e verbo ou locativo e verbo (ver a seção anterior), possibilidades ilustradas abaixo. O autor caracteriza essas sentenças do Kinande, que são bastante comuns no

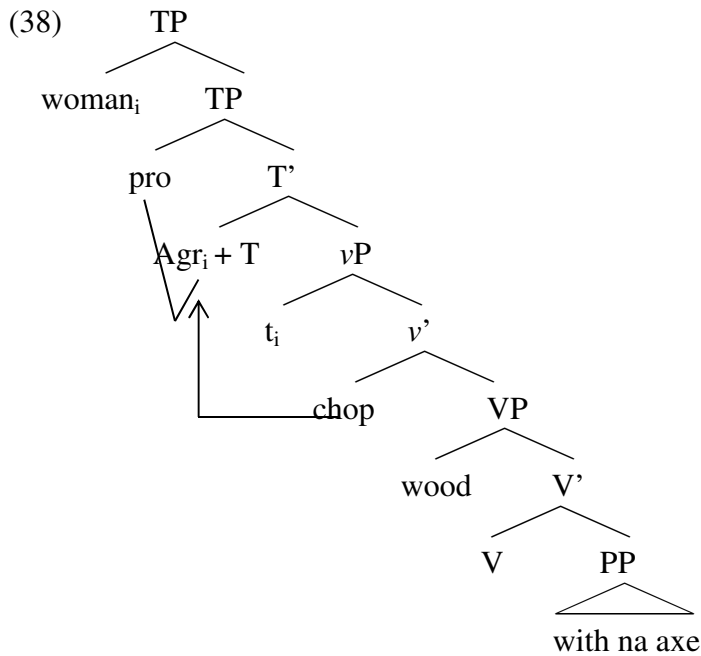
conjunto das línguas bantas, como instâncias de “deslocamento”, fenômeno que pode ser desencadeado por requerimentos de ordem informacional, como a topicalização.

- (36) a. Omukali mo-a-seny-ire olukwi (lw’-omo-mbasa) (SVO)
mulher.1 afixo-1s/T-cortar madeira-LOC. machado
‘A mulher cortou a madeira com o machado’
- b. Olukwi si-lu-li-seny-a bakali (omo-mbasa) (OVS)
madeira. NEG.s-PRES-cortar mulheres.LOC. machado
‘Mulheres não cortam madeira (com um machado)’
- c. ?Omo-mulongo mw-a-hik-a omukali (LocVS)
LOC-vila. s-T-chegar mulher
‘Na vila chegou uma mulher’

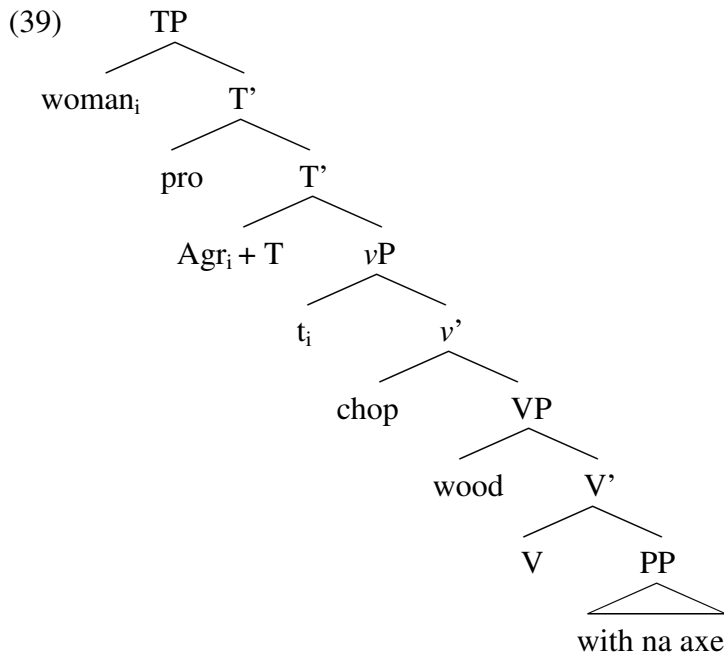
Na realidade, a denominação “deslocamento” é adotada por Baker para captar o fato de o sintagma deslocado ocupar um Spec-T mais alto que aquele que canonicamente seria ocupado pelo sujeito. No Spec-T mais baixo, mais próximo ao núcleo, é gerado antes um pronome nulo correferencial ao tópico, com a finalidade única de satisfazer o EPP_T . Os traços- $u\phi$ de T, por sua vez, somente são checados pelo elemento deslocado — o que resulta na possibilidade de concordância proposta pelo autor, definida em termos paramétricos como em (37) a seguir — as línguas bantas apresentam uma marcação positiva para esse parâmetro, ao contrário do que se observa, por exemplo, nas línguas indo-europeias:

- (37) A verb X agrees with an NP Y if and only if Y is in a dislocated, adjunct position (BAKER, 2003, p. 109)

Dessa perspectiva, a representação de uma sentença como (36a), sob a proposta de Baker, segue a configuração em (38), em que se percebe o sujeito com que o verbo concorda necessariamente deslocado, adjungido à esquerda de TP. As setas e os índices assinalam a checagem de traços: *pro* checa o EPP_T e “woman” os *agree-features*, o que lhe garante Caso Nominativo.



Como se vê, o autor não estabelece uma distinção clara entre especificador e adjunto; ao mesmo tempo em que fundamenta sua proposta de parâmetro sobre a configuração de adjunção, também afirma que “a variety of nominal expressions can be moved into the Specifier of TP in Kinande, and whatever is moved there triggers ‘subject’ agreement” (p. 11). Nesse sentido, faz-se necessário alertar para o fato de que, para muitos autores, a distinção entre “posição de especificador” e “posição de adjunto” não se justifica — a exemplo de Kayne (1994), que argumenta em favor de que “specifiers are an instance of adjunction” (p. 23). Miyagawa (2010) observa que “by *dislocation*, Baker means that he views the agreeing phrase (...) as being somewhere above Spec, TP — he assumes that it is in a higher Spec,TP (...) the agreement, therefore, occurs with a phrase that is in a specifier higher than the normal Spec, TP” (p. 96, grifo do autor). Por esses motivos, é possível compreender a estrutura ilustrada em (39), em que se expressa formalmente a configuração de múltiplos especificadores aqui em questão, como uma réplica de (38).



O parâmetro da concordância entre sujeito deslocado e verbo em Kinande também se aplica, segundo o autor, para a concordância com sintagmas de interpretação locativa, o que torna a proposta de Baker ainda mais interessante para captar formalmente propriedades do PB, tendo em vista os casos de inversão locativa exemplificados na seção anterior. Este trabalho irá, assim, adotar a proposta de Baker no que diz respeito ao licenciamento de múltiplos especificadores para explicitar propriedades das construções de tópico e, em última instância, das *tough-constructions* do PB. Ressalte-se, contudo, que a posição adicional nos domínios de TP entendida por Baker como adjunto será aqui tratada como especificador, com a finalidade de manter a coerência com a terminologia largamente empregada no Programa Minimalista.

1.4 Síntese do capítulo

Este capítulo apresentou os pressupostos teóricos que fundamentarão o desenvolvimento da hipótese no capítulo 3. Assim, além da exposição do quadro geral do Programa Minimalista, também foram abordadas, de maneira mais específica, discussões a respeito das noções de concordância, fase e topicalização.

No que tange ao sistema de distribuição de traços no domínio C-T, será considerada a proposta de Ouali (2008), que vislumbra as opções de doação, retenção e compartilhamento de traços, em oposição à única alternativa de transferência de traços.

Já no que diz respeito à configuração das sentenças que comportam um elemento topicalizado — construção bastante usual no PB, conforme se verificou em Pontes (1987), Galves (1998) e Avelar e Cyrino (2008) —, será adotada aqui a configuração de múltiplos especificadores, dadas as semelhanças entre o PB e línguas para as quais ela é proposta (seguindo especialmente Baker, 2003). Assumir-se-á, portanto, que tanto tópico (ou tópico-sujeito) quanto sujeito ocupam Spec-T nas orações infinitivas em *tough-constructions*.

CAPÍTULO 2: ESTUDOS PRÉVIOS SOBRE *TOUGH-CONSTRUCTIONS*

O objetivo deste capítulo é apresentar e discutir os principais referenciais teóricos relacionados ao fenômeno linguístico em estudo nesta dissertação, as *tough-constructions* no PB. A ampla extensão da literatura gerativa no que tange às *tough-constructions* não permite, obviamente, que sejam aqui tratados todos os trabalhos e suas diferentes abordagens; portanto, o presente recorte se concentrou nos estudos mais significativos para a hipótese norteadora deste estudo, bem como naqueles que, de forma mais direta, abordaram a problemática da ambiguidade desencadeada no PB.

Antes de se deter nos trabalhos que interessam ao presente estudo, serão apresentadas, na seção 2.1, algumas considerações a respeito de uma análise preliminar baseada em dados de fala, desenvolvida pela autora desta dissertação no início da sua pesquisa com vistas a facilitar a apreensão de propriedades gerais das *tough-constructions* no PB. As seções 2.2 e 2.3 se preocupam em elucidar as questões centrais que tornam as *tough-constructions* um problema à luz dos dispositivos de análise explorados em diferentes desdobramentos da sintaxe gerativa (a seção 2.3, especificamente, apresenta as soluções propostas por algumas análises selecionadas, dispostas em ordem cronológica: Lasnik e Fiengo, 1974; Chomsky, 1977; Hornstein, 2001 e Hicks, 2009). Por fim, a seção 2.4 se detém em alguns trabalhos que resvalam na possibilidade de interpretação de alçamento de sujeito²¹ no PB.

2.1 *Tough-constructions* em amostras de fala

No início do projeto que deu origem a esta pesquisa, procedeu-se ao levantamento de orações cujas estruturas envolvessem constituintes adjetivais complexos do tipo “fácil” ou “difícil”, de inquéritos oriundos de três projetos sobre dados de fala: Norma Urbana Culta (NURC), Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), ambos do Rio de Janeiro, e Amostra Linguística do Interior Paulista

²¹ A partir deste momento, serão adotadas as seguintes terminologias (a partir de Nunes, 2008):
- interpretação de alçamento de sujeito (*raising interpretation*): interpretação da *tough-construction* em que o sujeito da oração infinitiva encaixada e o sujeito da oração matriz são correferentes;
- interpretação de alçamento de objeto (*tough interpretation*): interpretação em que, no mesmo contexto, o objeto da oração infinitiva encaixada e o sujeito da oração matriz são correferentes.

(ALIP). Foram obtidas 172 construções, das quais 79,7% apresentavam o adjetivo “difícil”.

Embora o presente estudo não se fundamente em uma análise descritiva a partir de observações qualitativo-quantitativas baseadas em amostras de fala, os dados levantados na ocasião contribuíram para uma compreensão mais adequada acerca das propriedades demonstradas pelas *tough-constructions* no PB. Essa compreensão foi importante na etapa de elaboração das hipóteses iniciais de trabalho e, por isso, a presente seção é voltada a apresentar alguns aspectos relevantes identificados na amostra, em especial associados à posição de sujeito da oração infinitiva.

É possível dividir os dados coletados em duas classes de sentenças:

i. *Tough-constructions*, isto é, construções cujo elemento (um constituinte nominal) pré-verbal na oração matriz é correferente a uma categoria vazia na oração infinitiva encaixada (referente ou ao objeto, ou ao sujeito), tais como as apresentadas no conjunto abaixo:

(1) a. Macarrão é fácil de fazer, não é? [PEUL 80 - C25 - Jael]

b. Agora, quem não tem o hábito de ler e de frequentar [o teatro] às vezes é difícil escolher uma peça. [PEUL 00 - T24-Adr]

ii. Construções compostas por duas orações, uma infinitiva e outra centralizada em torno de uma constituinte adjetival do tipo “difícil”, sem apresentar qualquer constituinte nominal fonologicamente realizado na posição de sujeito da oração matriz. Neste caso, ou (ii-a) a infinitiva é posposta e introduzida pela preposição “de”, ou (ii-b) a infinitiva é posposta ou anteposta e introduzida pela preposição “para”, ou (iii-c) a infinitiva é posposta ou anteposta sem ser introduzida por preposição. Todos esses casos estão ilustrados a seguir:

(2) a. Fica meio difícil de eu falar se eu noto alguma diferença. [Nurc – Amostra complementar Inquérito 12]

b. Tá difícil mesmo pra se arrumar emprego aqui hoje. [Peul00 – Jan]

c. É muito difícil eu pegar a novela das seis. [PEUL 00 - T27- Zil]

A maioria das sentenças do corpus (65,7%) corresponde ao tipo descrito em (ii), que a Gramática Tradicional classifica, pelo menos os casos sem a preposição, como

oração subordinada substantiva subjetiva, na medida em que se apresenta como o argumento de um predicado adjetival. Essa oração pode estar ou posposta ou anteposta à oração principal. Uma estrutura bastante comum entre as sentenças da amostra é a exemplificada em (3), que traz o pronome “você” com referência genérica na posição de sujeito da oração infinitiva.

- (3) É difícil você me ver triste. [PEUL 80 – Dav]

A realização do pronome “você” merece atenção especial, uma vez que diz respeito a uma das particularidades do PB investigadas neste trabalho. Em 32,7% dessas construções (portanto, a minoria), foi possível constatar, na posição de sujeito da subjetiva infinitiva, um elemento explícito, fosse de interpretação específica (“eu”, com 14 ocorrências), fosse de interpretação genérica ou arbitrária²² — caso este que corresponde à grande parte das sentenças colhidas (20% desse recorte). É interessante notar que, além de “você” e “a gente”, os falantes construíram a leitura genérica ou arbitrária por meio da referência a uma classe de pessoas (e, portanto, a partir de termos cuja leitura esperada seria a específica), como se vê nos exemplos abaixo:

- (4) É difícil né... marido dizer isso [NURC – Amostra complementar Inquérito 20]
(5) Era difícil uma moça casar e continuar trabalhando [PEUL 80 - C36 - Nad]

Dois casos pontuais, também relacionados à realização do sujeito da infinitiva, têm como resultado a interpretação arbitrária:

- (6) É fácil sim é, a pessoa ligar uma instalação, não é? [PEUL 80 - C02 -carB]

²² De acordo com Egerland (2003) e Sigurosson & Egerland (2009), existem três possíveis leituras que um pronome impessoal pode suscitar:

a. genérica, em que o sujeito se refere a um conjunto quasi-universal, “roughly equivalent to people in general in a non-restricted sense with unspecified time reference” (EGERLAND, 2003 apud PHINSAWAT, 2011). Esta leitura é inclusiva, na medida em que diz respeito ao falante e o ouvinte. Um exemplo é o sujeito “man” do sueco na sentença a seguir:

(i) Man maste arbete till 65.

‘Você tem que trabalhar até completar 65 anos’

b. específica (pronomes impessoais com esta leitura são denominados, por Burapha (2011), “quase-inclusive G[eneric]-pronouns” (p.68), na medida em que incluem o falante, mas não necessariamente o ouvinte). Um exemplo é o pronome “on” do francês:

(ii) Hier soir on a été congédié.

‘Nós fomos demitidos ontem à noite’

c. arbitrária (leitura que exclui o falante e o ouvinte; seria um exclusive G-pronoun). Novamente, o pronome “man” do sueco, agora no contexto abaixo:

(iii) Man arbetade i tre månader för att lösa

‘Pessoas/ eles trabalharam por três meses para resolver o problema’

(7) A única coisa que eu não gostava muito, que é difícil a pessoa não gostar, era de fazer física. [PEUL 00 - T07- Adr]

A presença de uma preposição introdutória da oração infinitiva (casos (ii-a) e (ii-b) assinalados anteriormente) parece influir positivamente na realização de um elemento como sujeito da encaixada, uma vez que isso foi constatado em 57% das infinitivas preposicionadas (contra 45% de ocorrências nas não preposicionadas). Novamente, majoritariamente (63%) a referência vinculada aos sujeitos realizados é a genérica ou arbitrária, associada a elementos como “você” e “a gente”. Em 36%, o sujeito é associado à interpretação definida: no caso abaixo, por exemplo, “eles” recupera “governo”:

(8) E: ‘Cê acha que o governo deveria olhar mais por essas pessoas?

F: Com certeza eu acho, mas é bem difícil deles fazerem isso, né? [PEUL 00 – T11 – Mir]

É interessante notar que a preposição “para” apareceu vinculada somente à interpretação definida, como se vê nos únicos quatro casos transcritos a seguir:

(9) É difícil pra ela chegar... conseguir verba através desses governo... [ALIP AC145]

(10) É um bife com arroz, ou então já deixa o feijão prontona geladeira, porque torna-se mais fácil, não é? Para ele comer o feijão. [PEUL 80 - C09 -Seb]

(11) Quer dizer, era mais fácil para ele tomar conta. [PEUL80 - C11 - Glo]

(12) Deixa eu ver o (“cinema”) que é mais fácil pra eu contar... [PEUL 00 - T14- Gil]

Como deve ter ficado evidente no início desta seção, foram duas as preposições que apareceram introduzindo as infinitivas encaixadas em *tough-constructions* do tipo (ii), “de” (72%) e “para” (28%). Apesar disso, *tough-constructions* com esta última não foram consideradas na análise formal desenvolvida nesta dissertação. Um dos motivos para isso advém do fato de esta preposição estar relacionada a comportamentos muito distintos daqueles apresentados por infinitivas introduzidas por “de” — as infinitivas preposicionadas por “para” podem tanto vir pospostas quanto antepostas à oração

principal, enquanto que a posição associada às preposicionadas por “de” é, unicamente, a posposição (no entanto, apesar de existirem mais possibilidades de realização com “para”, o corpus aponta preferência por “de”²³, o que deve ser considerado). Essa “flexibilidade” em relação à oração matriz em *tough-constructions* pode estar relacionada ao fato de essas orações poderem ser consideradas (nos termos da Gramática Tradicional) adverbiais finais, como observa Avelar (1999). Então, em virtude dessa imprecisão de “para”, que merece estudos mais aprofundados, sentenças cujos constituintes infinitivos foram introduzidos por esse item foram desconsideradas para o encaminhamento da hipótese deste trabalho.

Por fim, há uma consideração final pertinente a respeito das *tough-constructions* do tipo (ii) obtidas no corpus, justamente porque elas evidenciam uma característica mais facilmente visível por meio da *realização* do sujeito da infinitiva encaixada: a existência de concordância entre o elemento em posição de sujeito e o verbo (e também consequentemente, do infinitivo flexionar-se no PB).

(13) É difícil eles mandarem...[ALIP AC 145]

(14) É bem difícil deles fazerem isso. [PEUL 00 - T11- Mir]

(15) É mais fácil deles arranjam dinheiro pra eles voltarem pra casa e tudo. [PEUL 00 - T26- Man]

No entanto, como já evidenciado, a maioria das sentenças dessa classificação apresenta essa posição de sujeito vazia. Uma vez que nessas construções não existe antecedente na oração matriz com o qual a categoria vazia da encaixada possa estabelecer correferência, era esperado que a maior parte dos sujeitos nulos fosse de referência arbitrária ou genérica, como de fato aconteceu: 64% das infinitivas não

²³ Uma explicação para isso é o fato de que a preposição “de”, em comparação com “para”, é semanticamente neutra, isto é, não possui conteúdo semântico bem delineado, o que a possibilita estabelecer diversas relações entre os itens de uma sentença. Segundo Avelar (2006), a preposição “para” remete ao sentido de “direção”, “destino”, “finalidade”, “benefactividade”, outras afins: “a preposição ‘para’ funcionaria como um dedo indicador apontando algum elemento ou estado de coisas que corresponderia à ‘meta’ expressa na sentença” (p.11). Isto fica claro no exemplo em abaixo: usando a metáfora do “dedo indicador”, é possível perceber que, além de apontar para o constituinte infinitivo por completo — no sentido de que a dificuldade seria inerente ao ato —, ele também pode apontar apenas para o sintagma “ela” — denotando uma dificuldade apenas dela, que não se aplica a nenhuma outra pessoa. Esta ambiguidade não ocorre em contextos de realização da preposição “de”:

(i) É difícil pra ela chegar e conseguir verba através desse governo. [ALIP AC145]

preposicionadas e 63% das preposicionadas apresentam estrutura semelhante às seguintes, respectivamente:

(16) É muito difícil aprender depois de velho a jogar futebol. [PEUL 80 - C21 - Ubi]

(17) É difícil de andar de bicicleta numa rua de Rio de Janeiro. [NURC Amostra Complementar – Inquérito 27]

Os poucos sujeitos nulos de interpretação específica fazem referência a um item recuperável no discurso, como se vê abaixo:

(18) E: E quando você vai ver, assim, o jogo, você chama os amigos, vocês fazem um churrasquinho?

F: Não, não, eu vejo < a >, ontem assisti porque tava trabalhando, **mas é muito difícil assistir jogo**. Eu só gosto de saber do resultado depois. [PEUL 00 - T26- Man]

Os fatos apresentados até aqui permitem estabelecer hipóteses que caminhem no sentido de, por exemplo, prever a realização de sujeito arbitrário e de sujeito genérico na infinitiva em contextos em que se possa interpretar alçamento do objeto do encaixada; ou a possível (mas não obrigatória) realização na encaixada de sujeitos cuja referência retome o elemento em posição de sujeito na principal.

Em 12,2% dos períodos obtidos, existe um elemento preenchendo a posição de especificador da oração matriz, argumental ou não, o qual pode ser analisado como proveniente da encaixada. Quando este elemento é interpretado como objeto (38% das ocorrências das *tough-constructions* tipo (i)), de fato o sujeito, seja nulo, seja realizado, é de referência arbitrária ou genérica, como ilustram as sentenças abaixo:

(19) E hoje em dia emprego de cem mil cruzeiro não está fácil de arranjar, certo? [PEUL 80 - C07 -Edu]

(20) Conselho é muito difícil de se dar. [PEUL 80 - C35 - Jos]

(21) Só que ela é difícil tu encontrá em casa, né? [PEUL 00 -T15- Pat]

Em nenhuma das sentenças em que o sujeito da matriz é correferente ao da encaixada (23,8%) este último elemento aparece realizado no interior da infinitiva. A referência das categorias vazias presentes nessas construções é, obviamente, específica.

- (22) Que ele é difícil né? Pra...fazer... fazer não sei lá o quê... lá... [ALIP AC 058]
- (23) Uma pessoa que não se alimenta bem fica muito mais fácil pegar doença [NURC Amostra Complementar – Inquérito 14]
- (24) Essa gente é fácil de ser pisada [PEUL 80 - C34 -Hel]
- (25) Quem não tem o hábito de ler e de frequentar às vezes é difícil escolher uma peça [PEUL 00 - T24-Adr]

Dentro desse universo, destaca-se uma sentença, a qual torna evidente a questão da ambiguidade quando desacompanhada do contexto. *Out of the blue*, não é possível afirmar com segurança se “ela” é sujeito ou objeto de “controlar” em (26). Isso, obviamente, é também engatilhado pelo fato de também estar vazia a posição de objeto da infinitiva encaixada, mas não só: constata-se que a estrutura argumental do verbo da sentença permite que tanto sujeito quanto objeto sejam [+humano], o que não é possível em uma construção como a apresentada anteriormente em (20), por exemplo, em que “dar” exige complemento [-humano], impossibilitando a ambiguidade.

- (26) Ela agora vai ser difícil controlar [NURC 90 – 0002]

Considerando o contexto de enunciação, fica claro que se omitiu um complemento tal como “o menino” (por este já corresponder a uma informação compartilhada entre os interlocutores) e que o elemento alçado se trata, na verdade, do sujeito da encaixada infinitiva:

(27) LOC. - O menino deve ser louco pra comer açúcar. O dia que ele pegar um saco de bala, né, mas não sou eu que vou dar, né. Não pode.

DOC. - De repente ele até estranha, né?

LOC. - Não sei não, sabe, não sei, porque na creche, **ela [= a mãe] agora vai ser difícil controlar [o menino]**, é como ela diz, eu não vou poder controlar, mas, enquanto eu puder, eu controlo, porque mais tarde, fatalmente, né, no colégio então. [NURC 90 – 0002]

Ainda que a sentença em questão não apresente uma preposição introduzindo a infinitiva encaixada, é possível prever um “de”, sem prejuízo de sentido:

- (28) Ela agora é difícil de controlar.

Em linhas gerais, o levantamento de dados em inquéritos de fala permitiu uma visão panorâmica de muitas variáveis envolvidas no fenômeno das *tough-constructions* no PB, para que o objeto de estudo deste trabalho fosse delineado e mais bem especificado ao longo da pesquisa. A restrição dos dados referentes ao fenômeno aqui em estudo (apenas uma sentença ambígua) desperta a necessidade de realizar testes com controle de contexto com falantes tanto do PB quanto do PE, a fim de obter uma diversidade maior de sentenças para a observação de paralelismos e contrastes entre as duas variedades, o que ficará para uma etapa posterior desta investigação. Por ora, o juízo de (a)gramaticalidade das sentenças que pautaram a análise delineada no terceiro capítulo desta pesquisa é fruto da intuição da autora e de outros falantes por ela consultados, seguindo uma metodologia em plena conformidade com os trabalhos de cunho gerativista.

2.2 O problema das *tough-constructions* no quadro da Teoria de Regência e Ligação

Anderson (2005) aponta que um dos primeiros trabalhos a tratar do fenômeno das *tough-constructions* data de 1960: “A multiply ambiguous adjectival construction in English”, de autoria de R.B. Lees, distingue, em sua análise, oito estruturas diferentes para o padrão ADJETIVO + to + INFINITIVA, incluindo construções do tipo “NP is hard to VP”.

A discussão, no entanto, se acalora a partir de Chomsky (1964), quando o autor aponta o contraste entre as seguintes sentenças:

- (29) a. John is eager to please.
b. John is easy to please.

Chomsky observa que, enquanto em (29a) “John” é tido como o sujeito lógico de “please” — então, John estaria inclinado a agradar alguém —, em (29b) este mesmo elemento é unicamente interpretado como objeto de “please” — agora, entende-se que John é fácil de agradar, ou que facilmente se agrada John. Para (29b), uma paráfrase possível é (30a), estrutura em que “John” claramente ocupa a posição referente à sua interpretação sintática. O mesmo não se aplica a outra sentença.

- (30) a. It is easy to please John.
b. *It is eager to please John.

O fato intrigante acerca das *tough-constructions*, observado já à época da Teoria de Regência e Ligação (doravante, GB – *Government and Binding Theory*), é justamente o aparente alçamento do objeto da oração encaixada para a posição de sujeito da oração matriz. Diz-se “intrigante” porque, em primeiro lugar, o movimento de “John” implica o acúmulo de Casos, o que não é coerente com as previsões advindas do modelo. Constata-se que, em (30a), “John” recebe Caso Acusativo de “please”; no entanto, se “John” é movido para a posição de sujeito da oração matriz, recebe Caso Nominativo de Infl/T. Isso fica claro por meio da substituição do NP por um pronome: ao receber Acusativo, a forma assumida é “him”; contudo, quando alçado, o pronome adotado é “he”, o que sinaliza a atribuição de Caso Nominativo. Se uma forma é tomada em detrimento da outra, como explicar que o sujeito ainda é interpretado como objeto da oração encaixada?

- (31) a. It is easy to [_{VP} please [_{DP} John/ him]_{ACC}].
b. [_{DP} John/he]_{NOM} is easy to please.

Em segundo lugar, conceber alçamento em *tough-constructions* também é problemático no que tange à Teoria Temática. À primeira vista, seria possível pressupor o acúmulo de papéis temáticos do elemento alçado, uma vez que a cadeia formada pelo movimento de “John” envolve duas posições aparentemente temáticas, a de objeto da encaixada e a de sujeito da matriz, fato suficiente para tornar, pelo Critério- θ , a sentença mal formada, em contrariedade ao que se verifica na realidade. No entanto, ao se retomar o contraste entre as sentenças do exemplo (30), pode-se constatar que a posição de sujeito na oração matriz em *tough-constructions* não é obviamente temática. Em (30b), verifica-se a obrigatoriedade de um sujeito semanticamente pleno como argumento de “eager”, na medida em que este não permite a realização do expletivo “it”. Por oposição, a expectativa gerada por (30a) é a de que “easy” não selecionaria seu argumento e, portanto, somente poderia haver, na posição de sujeito da oração matriz, um sujeito semanticamente nulo, tal como “it”, o que não se verifica em sentenças como (29b). Tais constatações poderiam ser a comprovação de que o alçamento de “John” produz, na realidade, uma cadeia canonicamente A entre uma posição temática (de

objeto) e outra não temática (de sujeito). Esta ideia, no entanto, também não é suficiente, porque viola o Princípio A²⁴, uma vez que considera um vestígio ligado a um elemento de fora de seu domínio de vinculação:

(32) [John_i is easy [to please t_i]]

Como se vê, os principais problemas envolvidos nas *tough-constructions* impedem, já em termos de GB, uma análise que caminhe no sentido de propor o alçamento do objeto da oração encaixada para a posição de sujeito da oração matriz. Uma das primeiras propostas a dispensar essa ideia de movimento foi a de Lasnik e Fiengo (1974) acerca da deleção do objeto (*complemente object deletion*), ilustrada abaixo:

(33) Franz is easy to please ~~Franz~~. (retirado de LASNIK E FIENGO, 1974, p. 536)

O ponto mais marcante na análise dos autores é a assunção de que o sujeito da oração matriz é gerado *in situ*, assim como o objeto da oração encaixada, ao invés de ser fruto de movimento. Um dos argumentos que fornecem para defender esta ideia provém exatamente da constatação de que a posição de sujeito da oração matriz é temática na medida em que é possível observar certas restrições de seleção entre o sujeito DP e o predicado de natureza adjetival em três contextos:

i. Quando o verbo da oração principal se flexiona no aspecto progressivo:

- (34) a. John is being easy to please.
b. *It is being to please John.

ii. Quando há um advérbio na oração principal expressando intencionalidade:

- (35) a. John is intentionally easy to please.
b. *It is intentionally easy to please John.

iii. Quando há um auxiliar modal. O conjunto de sentenças a seguir demonstra que *tough-constructions* permitem duas interpretações, uma deôntica e outra epistêmica²⁵, enquanto estruturas impessoais permitem apenas a última:

²⁴ Os Princípios de Vinculação serão retomados na seção 3.1 do capítulo 3.

- (36) John must be easy to please (to the guests).
 a'. John is required to be easy to please. (deôntica)
 a''. One can conclude that John is easy to please. (epistêmica)
 b. It must be easy to please John. (aceita apenas a'')

Posteriormente, Chomsky (1977) amplia a análise de Lasnik e Fiengo ao propor a existência de um operador-QU nulo abstrato (OP), protagonista de diversos outros trabalhos em *tough-constructions*, como se vê na próxima seção.

2.2.1 O operador nulo

Em “On Wh-movement”, de 1977, Chomsky incorpora à ideia de deleção a proposta de que *tough-constructions* envolvem também movimento-QU de um operador que, após ser gerado na posição de objeto da oração encaixada, se move para a borda dessa oração. Nesse momento da teoria, e em conformidade com Lasnik e Fiengo (1974), propõe-se que o elemento-QU é obrigatoriamente deletado, em algum estágio da representação fonética da sentença, juntamente com o complementizador introdutório da encaixada “for”. Então, uma sentença como (37a), por exemplo, teria como estrutura (37b):

- (37) a. John is easy (for us) [to please]
 b. John is easy (for us) [[who_i for] PRO to please t_i]
 (retirado de CHOMSKY, 1977, p. 102-103)

É importante destacar que o movimento-QU é vislumbrado unicamente dentro da oração encaixada, e jamais de maneira direta da posição de objeto para a posição de sujeito da oração principal, exatamente porque este sujeito seria gerado *in situ* na Estrutura Superficial, em que tem satisfeitos Caso Nominativo e papel temático.

Já em Chomsky (1981 *apud* Anderson, 2005), o autor abre mão da ideia de deleção, na medida em que sustenta o argumento de que o operador-QU é inerentemente nulo, isto é, desprovido de traços morfo-fonológicos. Sob esta última formulação da proposta de Chomsky, o movimento-QU do operador nulo abstrato (OP) o posicionaria

²⁵ “A modalidade deôntica diz respeito às circunstâncias externas (pessoais, regras sociais ou normas...) que permitem ou obrigam o participante a envolver-se na situação. (...) a modalidade epistêmica está relacionada com o domínio da incerteza, da probabilidade” (OLIVEIRA et. al, 2003, página 248).

no lugar correto para reger seu traço, considerado uma variável (cujas especificações são [-anafórico, - pronominal]). Agora, (37a) seria representado da seguinte maneira:

(38) [John_i is [easy [OP_i [to please e_i]]]]

Uma evidência a favor da ideia de um operador-QU nulo é a agramaticalidade observada em (39), em que há violação da Condição de Subjacência: “what sonatas” não pode ocupar o Spec-C da encaixada, visto que essa posição já estaria preenchida pelo OP.

(39) a. ?? What sonatas is this violin easy to play on?

b. ?? [_{CP} what sonatas_i is [_{TP} this violin_w [_{AP} easy [_{CP} OP_w [_{TP} PRO to play t_i on t_w]]]]]

Assim, o movimento do OP permite a formação de um predicado complexo²⁶ do tipo “[easy [OP_i [to please t_i]]]”, dado que, de acordo com Chomsky (1981) *apud* Anderson (2005), contém um traço-QU que “requires co-indexation with some external argument in order to be considered saturated or referentially satisfied” (p. 81). Isso significa que, ao se mover, o OP produz um predicado aberto que se satura apenas depois de entrar em relação sintática com o sujeito (*predication relation*). Assim, o sujeito recebe papel temático e passa a ser interpretado como “a pessoa fácil de se agradar”.

Na realidade, este predicado complexo passa, sob a proposta de Chomsky (1981), por um processo que denomina *reanálise em LF*, que transforma a sentença em (38) em uma construção aos moldes de (40), em que o predicado complexo é tratado como sendo um único constituinte:

(40) John_i is [_{AP} [_A easy to please] e_i].

Anderson (2005) assinala que conceber uma variável no contexto de reanálise em *tough-constructions* gerava um problema para a GB, na medida em que, segundo a teoria, essa categoria vazia e expressões referenciais têm em comum certas propriedades que derivam do fato de ambas serem subjugadas ao princípio C. Uma vez que esta

²⁶ Hornstein, Nunes e Grohmann (2005) assinalam que a formação de predicados complexos também se estende para outras estruturas, como se vê nas relativas:

(i) a. John read a book that Bill enjoyed.
b. [John read [[a book] [OP_i [that Bill enjoyed t_i]]]]

condição impõe que uma expressão-R deve estar livre dentro de seu domínio de ligação, estabelecer um vínculo direto entre a variável da encaixada e o sujeito da matriz seria impossível.

A solução encontrada por Chomsky (1981) para dar conta deste problema foi entender que, após a reanálise, a categoria vazia não mais estaria vinculada ao OP, mas sim ao sujeito da matriz, o que definiria seu estatuto como anáfora, e não mais como variável. Não haveria mais, portanto, violação do princípio C. Para não entrar na possibilidade já descartada do movimento direto do objeto para a oração matriz, sua sugestão é a de que a ligação entre o sujeito e essa anáfora é, na realidade, o que chama de *free indexing condition* (CHOMSKY, 1981, p. 312).

A ideia da reanálise, contudo, ainda que solucionasse alguns dos problemas anteriores, acabou gerando novos problemas. O fato, por exemplo, de o sujeito receber seu papel temático indiretamente, apenas após a formação do predicado complexo e, portanto, como consequência da reanálise, vai de encontro ao Princípio de Projeção, segundo o qual um argumento deve ser inserido em Estrutura Profunda na mesma posição sintática em que recebe papel temático de seu predicado. A única saída para tal violação seria, como foi, abrir uma exceção, apoiada justamente na gramaticalidade inegável das *tough-constructions*: a inserção do sujeito teria de se dar em Estrutura Superficial e seu papel temático seria atribuído em FL.

Outro problema gira em torno de conceber um OP de natureza-QU. Como se viu anteriormente, o que explica a agramaticalidade de (39a) é exatamente a presença do OP no sintagma complementizador da encaixada. No entanto, a sentença em (41a) também envolve típico movimento-QU e é, ao contrário do que seria esperado, bem formada. Para explicar esse impasse, Chomsky sugere que a estrutura subjacente é (41b), em que “on what violin” é entendido como um adjunto a VP, o que lhe permite se mover sem passar pelo predicado complexo:

- (41) a. What violin is the sonata easy to play on?
b. the sonata is [_{AP} easy [_S [which_i for] PRO to play t_i]] on what violin
(retirado de CHOMSKY, 1977, p.106)

Como se vê, ainda que a simples proposta de alçamento gerasse uma série de questões insolúveis, uma análise em torno do movimento-QU de um OP leva o

entendimento das *tough-constructions* a um nível alto de complexidade, na medida em que implica não somente a assunção de um elemento que, apesar de não pronunciado, é essencial para a interpretação obrigatória de alçamento, como também a aceitação de um processo de reanálise, cujo estatuto, na realidade, é incerto. Para a GB, a adoção de um OP nas *tough-constructions* não foi suficiente, porque resultou em desvios às generalizações da teoria, bem como em explicações cada vez mais específicas para cada caso, o que alertou para a necessidade de uma análise mais uniforme.

2.3 O problema das *tough-constructions* no quadro do Programa Minimalista

No Programa Minimalista (PM), *tough-constructions* passam a ser analisadas de modo diferente em comparação com as propostas oferecidas no âmbito de GB, tendo em vista, entre outros aspectos, a dispensa aos conceitos de Estrutura Superficial e Estrutura Profunda e a reformulação da teoria de movimento, que passa a ser entendido como uma aplicação da operação *copy* seguida de *merge*. A ideia de reanálise, instituída para autorizar a ligação entre a categoria vazia (anáfora) e o sujeito da oração matriz, torna-se prescindível por dois motivos:

- i. Na medida em que *move* é uma operação entendida como combinação de *copy* e *merge* e sendo o OP simplesmente copiado, engatilhar a reanálise não causa efeito algum, porque não altera a identidade da cópia, uma vez que ela permanece em FL.
- ii. Hicks (2009) aponta para o fato de que, sob uma perspectiva conceitual, a ideia de reanálise não se concilia com os objetivos do PM, já que apresenta uso empírico limitado e claramente não pode ser derivada das outras operações minimalistas (p.15).

Ainda assim, o PM não reintroduz a possibilidade de movimento/cópia direta do objeto para a posição de sujeito da oração matriz, uma vez que tal operação, assim como todas as outras, precisa ser motivada, o que significa apoiar-se em requerimentos de satisfação de Caso. O grande impasse das *tough-constructions* se mantém: o objeto da encaixada já tem valorado Caso Acusativo ao entrar em concordância com os traços- $u\phi$

do complexo *v-V*, de forma que não há por que ser copiado. A explicação para a interpretação de alçamento, portanto, deve se sustentar em outras estruturas.

Hornstein, Nunes & Grohmann (2005) assinalam, muito rapidamente, que “*tough-constructions are not problematic if we dispense with DS*” (p. 67), na medida em que as operações *move* e *merge* podem ser intercaladas. A derivação que propõem, no intuito de aplicar a proposta do OP de Chomsky em termos minimalistas, é a seguinte:

- (42) a. *Aplicações de merge* →
 [C' to please OP]
 b. *Subida do OP* →
 [CP OP_i [to please t_i]]
 c. *CP + merge easy* →
 [AP easy [CP OP_i [to please t_i]]]
 d. *AP + merge is* →
 [I' is [AP easy [CP OP_i [to please t_i]]]]
 e. *I' + merge John* →
 [IP John [I' is [AP easy [CP OP_i [to please t_i]]]]

Esta análise mantém a ideia de que o sujeito da oração matriz recebe papel temático por meio da relação sintática estabelecida com o predicado complexo “[easy [OP_i [to please t_i]]]”, o qual deve ser, dessa perspectiva, compreendido como tendo o estatuto de um único item lexical. É possível, contudo, contestar esse pressuposto a partir de alguns exemplos trazidos por Levine (1984), apresentados em (43) e (44), que mostram a possibilidade de extrair elementos de dentro do complexo “easy to please”, o que não seria possível caso este fosse considerado uma unidade²⁷:

- (43) How easy is John to please?
 (44) Mary is much more difficult than Sandy to please.

A simples adoção de um OP, portanto, também não mostra ser o bastante para solucionar o problema das *tough-constructions* em termos minimalistas. A seguir, serão apresentadas duas propostas que reconhecem essa insuficiência.

²⁷ Existem também argumentos contra a ideia de s-seleção do predicado complexo, a favor da s-seleção apenas da oração infinitiva. Eles serão apresentados no item 2.3.2 deste capítulo.

2.3.1 Adjunção

Na análise das *tough-constructions*, Hornstein (2001) dispensa o OP e lança mão do que denomina *sideward movement*²⁸ para fundamentar a possibilidade de alçamento. A proposta do autor é a de que as *tough-constructions* são resultado da adjunção da oração relativa encaixada à matriz. Nesse sentido, o que aparentemente seria o movimento direto do elemento posicionado como objeto da encaixada para a posição de sujeito da oração matriz, é, na realidade, um “movimento lateral”: o constituinte alçado em Spec-C da infinitiva se move “lateralmente” (ou seja, se move antes de a infinitiva se conectar à principal) para o Spec-T da oração matriz, tendo em vista que o movimento se dá entre duas estruturas derivadas em paralelo. A derivação em (45-48) sintetiza o passo-a-passo da análise do autor:

- (45) a. [_{IP} pro to read [Moby Dick]_{t_i}]²⁹
b. [_{CP}[Moby Dick]_i pro to read t_i]]

- (46) [_{AP} easy]

Sideward movement →

- (47) [[Moby Dick]_i easy]

Adjunção →

- (48) [[[Moby Dick]_i is t_i easy] [t_i pro to read t_i]]

Como se vê, o sintagma “Moby Dick”, gerado como complemento do verbo da encaixada, sobe para uma posição pré-verbal³⁰ e, posteriormente, é copiado para a estrutura que é derivada paralelamente (daí *sideward movement*: porque o “movimento” do sintagma se dá em direção à construção que acontece “logo ao lado”). A sentença

²⁸ Nunes (2012) observa que *sideward movement* é, como *upward movement* (movimento “para cima” na estrutura, resultante da relação sonda-alvo), apenas uma instância de *copy + merge*. A diferença entre esses dois tipos de movimentos apoia-se na **fonte** da cópia: em *sideward movement*, o elemento é copiado em um objeto sintático diferente daquele em que foi originalmente concatenado (considerando, por exemplo, dois objetos sintáticos K e L, o sistema computacional pode copiar α de K e concatená-lo a L).

²⁹ Hornstein assume aqui um pro de interpretação arbitrária, em conformidade com argumentação anterior na própria obra.

³⁰ Neste momento do PM, ainda não havia sido desenvolvida a noção de fase; para o movimento em CP, Hornstein (2001) assume que o item copiado checa “a relative WH feature” (p. 111).

(45b), de onde se origina o sujeito da oração final (48), torna-se, então, adjunto desta última.

Todo esse processo é permitido pela grade temática do adjetivo do tipo “tough” (neste caso, “easy”). Hornstein parte do pressuposto de que é o constituinte de natureza adjetival o responsável pelo papel temático do sujeito em Spec-T da matriz, e assinala que aquele constituinte tem apenas um conjunto de traços- θ a ser checado (em termos de Chomsky, 1995) com um único argumento, seja ele oracional, conforme (49b), ou um DP, conforme (49a):

- (49) a. [DP The exam] is easy
b. It is easy [IP pro to find John]

Justifica-se, então, o *sideward movement* a partir da necessidade de satisfação dos traços- θ de “easy”. Nota-se que, no momento em que “Moby Dick” é extraído de (45b), a oração infinitiva ainda não é adjunto da matriz (este ponto derivacional está representado em (50)). A adjunção de uma oração à outra ocorre apenas no final da derivação, já que, segundo a proposta do autor, o movimento para fora do adjunto é bloqueado após a adjunção: “once the adjunct is merged with the rest of the tree, movement is blocked in terms, for example, of the standard *Barriers* account of islands” (p. 111).

- (50) [AP John easy] [CP John [IP pro to find [John]]]
 ↑ |

A representação em (51), reproduzida tal qual em Hornstein (2001), mostra que “this violin” viola duas barreiras ao se mover do adjunto para CP: a primeira é o próprio CP, assim considerado devido a seu próprio estatuto de adjunto, e a segunda é IP da oração matriz, que herda o que o autor denomina *barrierhood* do CP. Existe, portanto, um momento exato na derivação para se extrair um elemento por meio de *sideward movement*, qual seja, antes da adjunção de CP. Na reprodução, as barreiras estão marcadas em negrito e sublinhado, e as cópias do movimento estão evidentes.

- (51) [CP which sonatas [IP [IP this violin is [AP this violin easy]] [CP WH-this violin [IP pro to [play which sonatas on WH-this violin]]]]]

Basicamente, é possível apontar dois problemas na proposta de Hornstein (2001), ambos relacionados à questão temática. O primeiro diz respeito à adjunção propriamente dita: de acordo com Taylor (2003), se o CP é entendido como adjunto da oração matriz saturada, então ele não é selecionado por nenhum elemento contido nesta, isto é, não existem restrições para o *merge* entre as duas orações. A liberdade de adjunção certamente gera as sentenças esperadas, porém, também tornaria gramaticais outras sentenças indesejadas que seguem os moldes de “John is easy to please”, já que suas derivações, sob a análise em questão, seriam as mesmas:

- (52) a. *These apples are brown to eat.
b. *John is eager to talk to.
c. *Bill is easy to talk to Mary. (retirados de TAYLOR, 2003, p. 454)

Na realidade, uma consequência mais grave dessa liberdade seria a impossibilidade de atestar, em âmbito derivacional, o contraste clássico apontado por Chomsky (1977), exemplificado neste capítulo em (29) e lembrado logo abaixo, em (53). Sob a perspectiva da adjunção, ambas as construções poderiam ser geradas exatamente do mesmo jeito, porque tanto “eager” quanto “easy” selecionariam DPs para a satisfação de sua grade temática.

- (53) a. John is eager to please.
b. John is easy to please.

Eis, neste ponto, o segundo problema da proposta de Hornstein (2001): a atribuição unicamente ao constituinte de natureza adjetival da responsabilidade pela seleção do sujeito da oração matriz. Taylor (2003) e Hicks (2004, 2009) questionam essa ideia ao constatarem que o elemento alçado para a matriz depende da oração infinitiva, e não do constituinte adjetival, para receber papel- θ , já que, caso esta premissa fosse verdadeira, qualquer adjetivo “difícil” seria capaz de atribuir papel temático para qualquer sujeito, o que não se vê em casos como os que se seguem.

- (54) a. *Alcohol is tough.
b. *The filing cabinet is easy.
c. *Mary’s dress is difficult. (retirados de Taylor, 2003)

Os exemplos acima contrastam com construções cujos adjetivos de fato selecionam os argumentos:

- (55) a. Alcohol is volatile.
b. The filing cabinet is heavy.
c. Mary's dress is green.

Nesse sentido, argumenta-se que o exemplo tomado por Hornstein aqui representado em (49a), na realidade, só pode ser considerado gramatical caso seja considerada a ocorrência de elipse de uma oração infinitiva. A possibilidade de livremente omitir a infinitiva, ao invés de ser entendida como argumento a favor da adjunção, demonstra o vínculo indissociável da sentença com o contexto. Como se vê, a omissão da infinitiva em uma sentença *out-of-the-blue* como (29) permite a recuperação de qualquer sentido, o que, na verdade, é uma evidência forte para considerar CP um argumento³¹, e não um adjunto.

- (56) The exam is easy (to take/ to flunk/ to make oneself desperate).

É possível recorrer a testes com expressões idiomáticas para verificar a estreita relação sintática entre o sujeito da matriz e o verbo não finito da subordinada, na medida em que, nesse tipo de construção, o sentido não literal é resultado da s-seleção. Berman (1973) traz o par de sentenças repetido aqui em (57), com seus próprios julgamentos de gramaticalidade, para atestar o fato de que a aceitabilidade das expressões idiomáticas construídas a partir do sujeito depende da presença do verbo adequado, e não do constituinte adjetival. A expressão em questão é “to bury the hatchet”, cuja tradução mais próxima do português é “fazer as pazes”:

- (57) a. The hatchet is hard to bury after long years of war.
b. ?? The hatchet is hard to put under the ground after long years of war.

³¹ Este argumento será aprofundado na subseção seguinte.

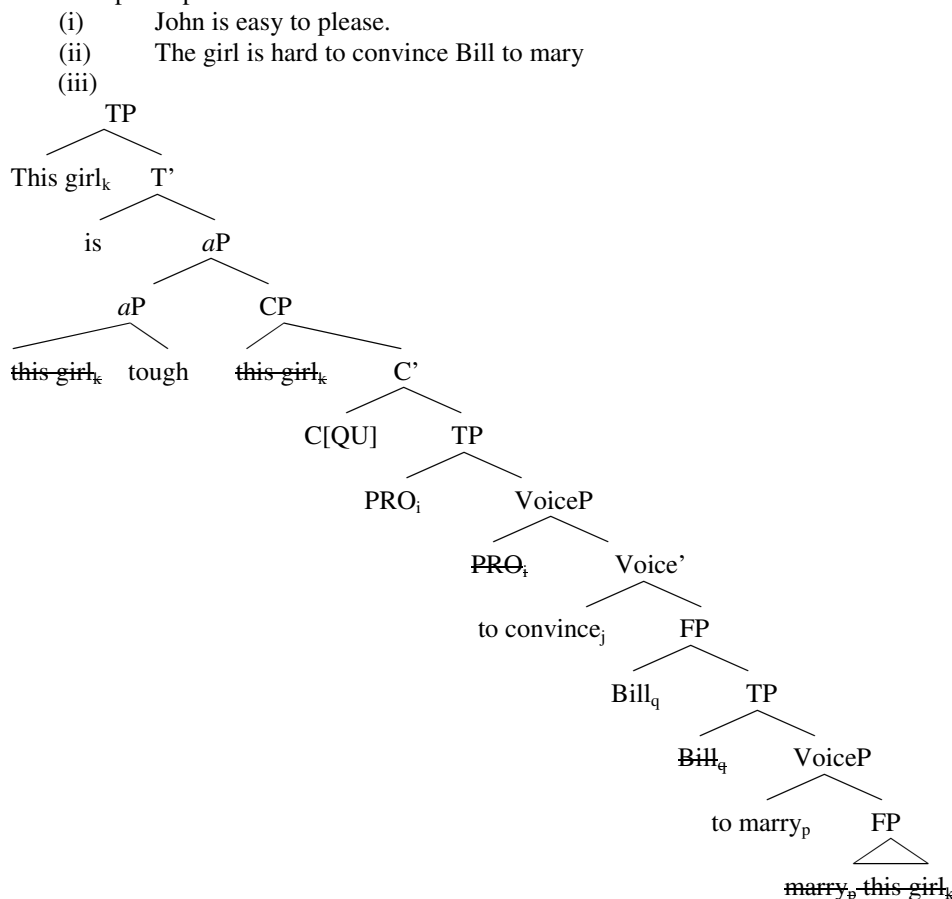
A questão temática é um ponto forte considerado na próxima proposta, que retoma o conceito de operador nulo-QU abstrato de Chomsky (1981) de uma maneira mais complexa³².

2.3.2 Releitura do operador nulo

Contrariando o argumento de Hornstein (2001), entre outros autores (Kim, 1995, Wilder, 1991), de que a oração infinitiva da *tough-construction* consiste num adjunto, já que pode ser livremente omitida sem induzir violação à gramaticalidade da sentença,

³² Oliveira e Oliveira (2009) observa que é possível licenciar a projeção de argumento externo e a checagem/ valoração de Caso Acusativo na proposta de Hornstein (2001) assumindo (a) um traço QU no DP alçado para motivar o movimento A' para a oração matriz e (b) uma estrutura como a representada em (iii) para a sentença em (ii), que apresenta as projeções Voice e F(ocus).

No entanto, a autora admite que essa proposta não dá conta de sentenças como (i), *tough-constructions* clássicas do inglês em que a infinitiva encaixada não apresenta uma segunda oração como complemento. Para elas, a autora propõe uma derivação que tem como núcleo um item lexical do tipo “ease”, o qual seleciona um verbo leve v_{cause} ou v_{do} , que não projeta os núcleos Voice e F. Dessa maneira a autora sustenta a ausência de Caso Acusativo do DP argumento interno, o que força o alçamento deste elemento para Spec-T.



Ressalta-se, no entanto, que essa proposta não dialoga com os pressupostos teóricos aqui assumidos, uma vez que está restrita pela adoção de outras projeções além das CFCs.

Hicks (2004, 2009) apresenta alguns exemplos cuja aceitabilidade depende exclusivamente do contexto de realização da sentença:

- (58) a. *? The hat-trick he scored on the last day of the season is easy.
b. The hat-trick he scored on the last day of the season is easy to forget the importance of.
- (59) a. *? That the election was a sham would be difficult.
b. That the election was a sham would be difficult for anyone to deny.

Segundo o autor, os exemplos em que se atesta a ausência da infinitiva e em que canonicamente a gramaticalidade é aceita dependem de “some salient typical characteristic of the entity denoted by the T(ough)-C(onstruction) subject” (HICKS, 2004, p. 5). Isto quer dizer que uma sentença como (60a) abaixo é permitida porque automaticamente o falante preenche a oração infinitiva omitida por meio de uma paráfrase como (60b), e não como (60c), na medida em que se compartilha o conhecimento prévio de que um problema é uma situação a ser resolvida. Além disso, argumenta que a dificuldade não é um aspecto inerente a qualquer problema, mas sim que isto pode ser uma conclusão dadas as condições de resolução, por exemplo. O pressuposto, portanto, baseado em certos conhecimentos cristalizados da vida em sociedade, é estritamente necessário.

- (60) a. This problem is difficult.
b. This problem is difficult to solve.
c. This problem is difficult to get any idea of the true significance of.

A conclusão de Hicks perante tais fatos é clara: “it appears, then, that the possible omission of the infinitival depends on its contextual recoverability, more reminiscent of argument omission than that of an adjunct” (2004, p. 5). A gramaticalidade das sentenças que seguem o padrão de (60a), então, é justificada pelo autor como resultado do apagamento em FF do argumento oracional sintaticamente presente e capaz de assinalar um papel temático ao sujeito da oração matriz, o que faz deste Spec-T uma posição fruto de movimento-A.

Por isso, sua assunção é a de que a estrutura temática das *tough-constructions* aponta para a proposta de alçamento do objeto, apoiando-se também nos estudos que

defendem que predicados do tipo “tough” e de alçamento compartilham algumas propriedades³³. Esta ideia tal como está, no entanto, ainda não dá conta de uma das grandes questões acerca das *tough-constructions*, que é a acumulação de Casos Acusativo e Nominativo, ou, sob outra perspectiva, o motivo pelo qual o objeto deixa de ter seu Caso valorado na encaixada para o fazer apenas quando é copiado para Spec-T da oração matriz (e consegue impedir o fracasso da derivação).

A explicação do autor pode ser definida como uma ampliação da proposta de Chomsky (1981), a mesma que vislumbra um operador nulo de natureza QU para estabelecer a relação sintática entre o objeto e o sujeito. Mais especificamente e assumindo pressupostos minimalistas, sua análise contempla um OP de estrutura complexa aos moldes do DP que Kayne (2002) desenvolve para relacionar pronome (antecedente) e anáfora (*pronominal double*), ilustrado em (61), com a anáfora “him(self)” sendo o núcleo do DP, e o DP “John”, o antecedente. A estrutura proposta por Kayne permite movimento entre posições temáticas, do seguinte modo: em um momento, ao entrar na derivação, todo o complexo recebe um papel- θ ; em uma etapa posterior, o antecedente recebe um papel- θ ao se mover para uma posição temática.

(61) [DP [DP John] [D him(self)]

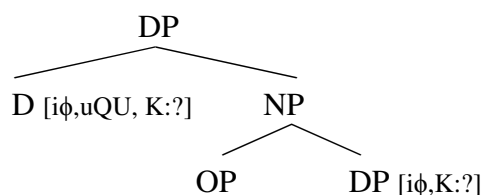
De modo análogo, a proposta de Hicks contempla um sintagma de estrutura complexa, como se vê abaixo, cujo núcleo D, além de comportar traços-*u*QU — o que garante o movimento-QU, tal como previsto em Chomsky (1981)³⁴ —, tem como complemento um componente nominal nulo OP. Este, por sua vez, não consegue valorar o traço de Caso de seu próprio complemento, exatamente por ser morfofonologicamente nulo, de modo que isto somente se realizará mediante a separação dos elementos do DP (ou seja, do movimento do DP mais interno para uma posição onde seu traço de Caso possa ser valorado).

³³ Hicks aponta principalmente a observação de Chomsky (1970) acerca da nominalização, impraticável tanto para *tough-constructions* quanto para estruturas de alçamento:

- (i) *John’s easiness/ difficulty to please.
- (ii) *John’s certainty/ likelihood to win the prize.
- (iii) John’s eagerness to please.

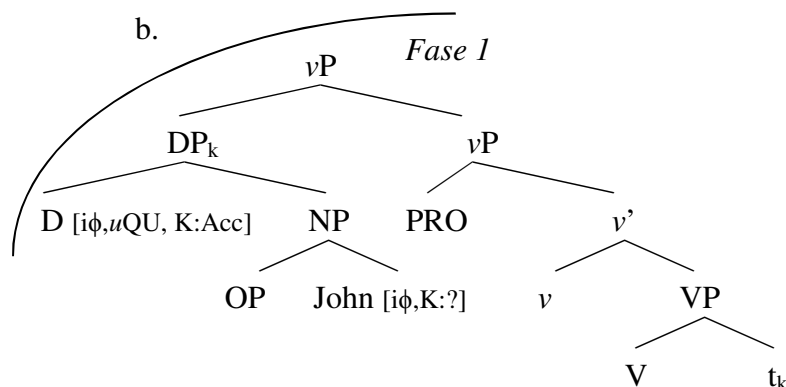
³⁴ Esta é a motivação apontada pelo autor para os traços presentes no D do DP complexo.

(62)



Para uma sentença como (63a), o passo-a-passo da derivação proposta por Hicks vem detalhado a partir de (63b). Após o primeiro *merge* entre o núcleo V e o DP complexo (momento em que este sintagma recebe papel-θ), o núcleo *v* concatena-se à estrutura e entra em relação sonda-alvo exatamente com o DP complexo; por consequência, *v* tem seus traços-φ valorados, e o traço de Caso do DP é marcado como Acusativo. Para se manter disponível para as próximas operações, quando poderá valorar seu traço *uQU*, o DP complexo se move para a borda da Fase 1, após a concatenação do sujeito PRO.

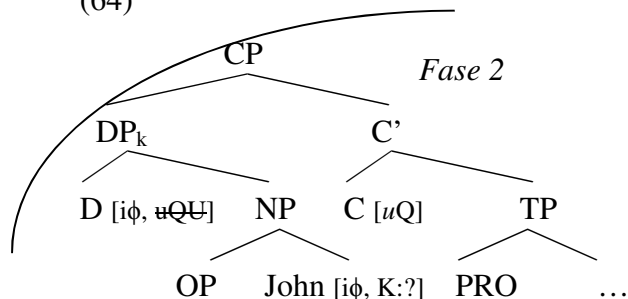
(63) a. John is easy for us to please.



Na etapa seguinte, concatenam-se T e C³⁵. Hicks assinala que os traços *uQ* de C são valorados por meio de concordância com o DP complexo, que novamente se move para a borda da Fase. Recupera-se, assim, a ideia de movimento-QU primeiramente proposta por Chomsky (1977, 1981). É importante lembrar que, neste momento, o item “John” ainda não teve seu traço de Caso valorado, de modo que este movimento é necessário para a convergência da derivação.

³⁵ Hicks (2004, 2009) não menciona doação de traços-*uφ* de C para T, mas apenas que PRO é copiado para Spec-T e C é concatenado a TP, nesta ordem. Portanto, é possível concluir que, em sua configuração, T entra na derivação já carregando traços não interpretáveis.

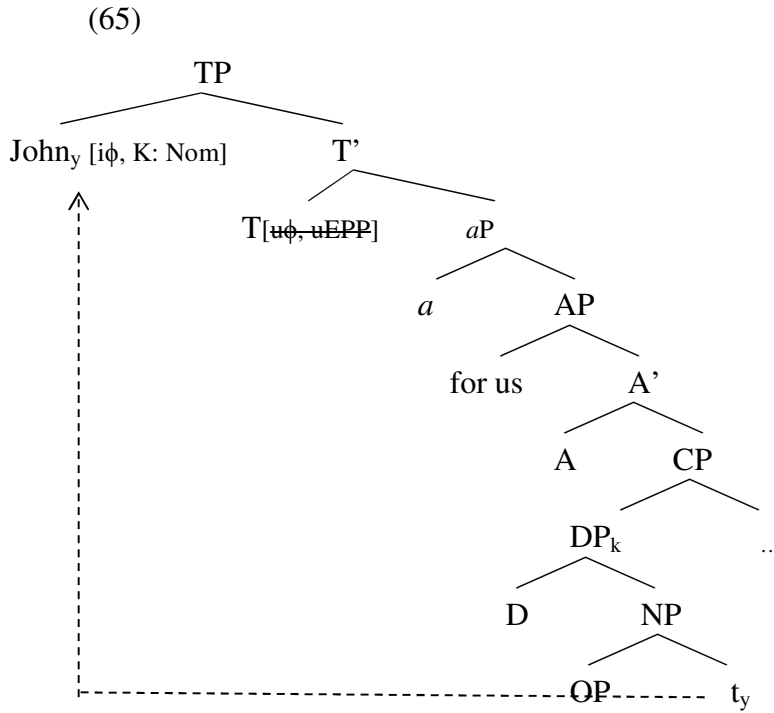
(64)



A derivação procede com a concatenação dos sintagmas referentes ao constituinte adjetival³⁶, ao sintagma preposicionado³⁷ e ao núcleo T, sonda que encontra como único alvo disponível o conjunto de traços- ϕ de “John”, presente na borda da segunda Fase e cujo traço de Caso ainda não fora valorado. Este, então, é o momento em que os constituintes do DP complexo se separam, tal como na proposta de Kayne (2002). A concordância entre os elementos e a cópia para Spec-T, onde o DP satisfaz o EPP_T , garantem a convergência da derivação, representada em (65) a seguir:

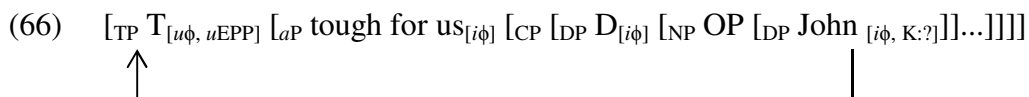
³⁶ Hicks (2004, 2009) assume que a presença de um núcleo funcional leve sobre o núcleo lexical correspondente, como ocorre entre v e V , se estende também para NPs e APs. Assim, segundo sua proposta, o núcleo A obrigatoriamente se move para a . Importante destacar que aP não é considerada uma projeção de fase.

³⁷ O autor lança mão da configuração adotada por Holmberg e Hróarsdóttir (2002) para estruturas de alçamento, segundo os quais o PP experienciador é concatenado a Spec-V e o argumento oracional é concatenado a V. Estendendo-se a ideia para *tough-constructions*, o PP é concatenado a AP.



Esta análise permite explicar a série de movimentos-A' por que passa o elemento concatenado como complemento do verbo não finito, sem perder de vista, ao mesmo tempo, a valoração dos traços de Caso consequentes das relações sintáticas.

Contudo, a proposta de Hicks carrega algumas implicações problemáticas para de fato atender aos pressupostos minimalistas³⁸. Em primeiro lugar, não é tão óbvia a possibilidade de separar os constituintes do DP complexo com a finalidade de valorar o traço de Caso do DP complemento de OP, uma vez que existem outros constituintes com traços *iφ* entre Spec-T da matriz e “John”, como demonstra a estrutura a seguir. Ignorá-los implica violar questões relacionadas à minimalidade.



Sobre essa questão, Hicks (2009, p. 41) assume que “though the absolute locality requirement of the PIC is met, it is unclear whether relativized locality requirements (e.g. the Minimal Link Condition) are met”. O autor aponta para a possibilidade de que os traços de tais constituintes estejam, na realidade, inativos para a sonda T, e por essa razão não poderiam intervir entre ela e o DP interno ao DP complexo; “however, the

³⁸ Agradeço especialmente à professora Ruth Elisabeth Vaconcellos Lopes que, durante a banca de qualificação, me despertou para esses questionamentos.

consequences of the inactive [$i\phi$] on the complex operator DP are yet to be explored” (p. 28).

Em segundo lugar, não está clara a motivação para o traço u Qu do núcleo D do DP complexo. Na realidade, esses traços são reflexo da adoção de um OP de natureza QU, grande problema da proposta de Hicks (2004, 2009). Este anteriormente fora um artifício empregado em GB para explicar o caráter dúbio do movimento definidor da interpretação das *tough-constructions*, que apresenta aspectos tanto de movimento-A quanto de movimento-A'. Contudo, para o momento em que se desenvolve atualmente a sintaxe gerativa, em que se procura por derivações econômicas, fundamentadas em projeções motivadas por condições de interface, contemplar um OP — cuja atuação é pontual e, na proposta em questão, limita-se à “não atribuição de Caso” — pode soar como um contrassenso. É necessário encontrar mais argumentos e dados empíricos que alicercem e viabilizem a assunção de um OP dentro do quadro do PM.

2.4 *Tough-constructions* e a ambiguidade no Português Brasileiro

Conforme ressaltado anteriormente, as *tough-constructions* estão canonicamente associadas à interpretação em que o objeto da oração subordinada é correferente ao DP realizado na posição de sujeito da oração matriz. Contudo, esta é apenas uma das leituras possíveis no PB, que também admite a interpretação de alçamento do sujeito da infinitiva encaixada. Este é o fenômeno linguístico que esta dissertação se preocupa em explicar e, portanto, merece ser analisado mais detalhadamente, a partir da referência a alguns trabalhos que o trouxeram à tona.

Ainda que a presente dissertação desenvolva sua hipótese dentro do quadro minimalista, reconhece-se a importância de iniciar a revisão bibliográfica a partir de Galves (1989), um dos primeiros a abordar, até onde saibamos, a ambiguidade inerente às *tough-constructions* do PB.

2.4.1 Ausência de operadores nulos em *tough-constructions* do PB: Galves (1989)

A preocupação central do artigo de Galves (1989) é o fenômeno do objeto nulo no PB, que, à semelhança de “línguas ‘exóticas’ como o chinês, o coreano, e o quíchua imbabura” (p. 73), permite receber uma interpretação específica, ao contrário do que se

constata para as demais línguas românicas, principalmente o PE. A alternância de uma sentença como (67a) para diferentes pronomes e, conseqüentemente, diferentes aceitações no PB e no PE demonstra que a estrutura subjacente a uma construção com objeto nulo é distinta em cada uma dessas línguas:

- (67) a. A Maria encontrou _____i na feira ontem.
b. A Maria encontrou-a na feira ontem. PB: OK³⁹ / PE: OK
c. A Maria encontrou ela na feira ontem. PB: OK / PE: *

Ao mesmo tempo, o objeto nulo do PB também se afasta da classificação de “línguas de objeto nulo pronominal”, atribuída àquelas a que se aproxima à primeira vista, na medida em que obedece à condição de Cruzamento Forte⁴⁰. Isso significa que a categoria vazia referente a este objeto nulo demonstra ter comportamento tanto de pronome, como no chinês, quanto de variável, como no PE.

Para compreender a ocorrência desse fenômeno, Galves lança mão da análise de outras propriedades sintáticas específicas do PB (em comparação às outras línguas românicas, principalmente, nesse seu artigo, ao PE), uma vez que compreende que tal especificidade se estende a outros fatos da língua e, portanto, pode revelar muito de sua estrutura como um todo. Nesse sentido, argumenta que entender o comportamento das *tough-constructions* torna-se relevante porque:

- i. formula a hipótese de que as causas das diferenças entre o PB e o PE nessas estruturas são as mesmas do objeto nulo e
- ii. esse tipo de construção explicita o comportamento sintático das línguas, uma vez que sua interpretação independe do contexto⁴¹.

³⁹ Ainda que assinalada como gramatical, a sentença em (67b) é artificial no PB, mesmo quando o pronome oblíquo é proclítico.

⁴⁰ Cruzamento Forte (*strong crossover*) ocorre quando um element-QU cruza o pronome que o comanda por meio de movimento-A', como se vê no exemplo em (i):

(i) *Who_i did he_i see t_i?

Coindexar “he” a “who” implica uma leitura claramente agramatical (Qual X, X viu X?) e viola o Princípio C, já que o vestígio-QU, necessariamente uma variável, não pode estar vinculada dentro de seu domínio de ligação.

⁴¹ “As estruturas ‘difíceis’ têm sua interpretação totalmente determinada pela gramática da sentença” (GALVES, 1987, p. 78).

Em suma, a autora estabelece duas particularidades do PB em relação ao PE: além da interpretação de alçamento do sujeito, o primeiro legitima a flexão do infinitivo da encaixada, conforme ressaltado na introdução deste trabalho.

- (68) a. O João é difícil de pagarmos. PB: OK / PE: *
 b. O João é difícil d'eu pagar. PB: OK / PE: *
 c. O João é difícil de pagar. PB: OK / PE: OK
 (com o sentido de “O João é difícil de alguém pagar”)

Para explicar a impossibilidade de haver infinitivo flexionado em *tough-constructions* no PE, a autora pressupõe, aos moldes de Chomsky (1981) e Raposo (1987), a existência de um operador nulo em CP. Esse operador concorre com um elemento de concordância AGR, conforme ilustrado na seguinte estrutura:

- (69) O João_i é difícil de [_{CP} [_C AGR OP_i [_{IP} PRO convencer ____]_i].

A autora aponta que o elemento de concordância AGR deve se mover para o CP de modo a ser regido pela preposição *e*, assim, receber Caso. Isso, no entanto, é impossível, uma vez que, para que a infinitiva da encaixada se flexione tal qual ocorre no PB, seria preciso supor que ambos OP e AGR coexistem na mesma posição, o que violaria filtros de duplo preenchimento, tal como largamente assumido em GB, ou que o núcleo OP tem como especificador justamente o elemento AGR, o que bloquearia a regência deste por questões referentes à minimalidade. Além disso, segundo a autora, é justamente a presença do operador nulo que impede a ligação da categoria nula PRO em posição de sujeito com o elemento no especificador da matriz. Se o OP impede tanto a concordância quanto a realização do sujeito da oração encaixada, a ideia defendida, por fim, é a de que, uma vez que há tais fenômenos no PB, não é possível haver um operador nulo nessa língua.

Para que a sentença encaixada possa continuar a ser interpretada como predicado⁴², a noção de operador nulo é substituída por uma categoria vazia pronominal *pro* em PB, a qual, segundo a análise de Browning (1989 *apud* GALVES, 1987), é “identificada por estar no especificador de um predicado e como elemento de uma cadeia de concordância” (p. 80), de modo que este último permite a realização de uma

⁴² Recordar-se que, na proposta de Chomsky (1981), o OP produz um predicado aberto que se satura apenas depois de entrar em relação sintática com o sujeito.

relação de predicação com o sujeito da oração matriz (*predication relation*)⁴³. A configuração que a princípio explicita a proposta é a seguinte:

(70) NP_i é difícil [IP pro [I' de [V_n e [V_P V-AGR ____]]]]

Esta configuração parte basicamente de três pressupostos: (i) Rouveret (1987a), de que AGR é gerado em V; (ii) Koopman e Sportiche (1988, 1990, 1991), de que a encaixada têm duas posições reservadas ao sujeito, Spec-I e Spec-V_n; e (iii) a ideia de que CP não é projetado, de forma que a preposição “de” é gerada como núcleo I. Por meio dela, é possível dar conta da ambiguidade na medida em que, “se admitimos que o *pro* na posição de especificador de IP legitima a interpretação da relação sujeito-predicado entre esse IP e o sujeito da sentença matriz, devemos admitir que ele possa ser coindexado tanto com o objeto quanto com o sujeito interno” (GALVES, 1989, p. 80).

IP pode ser considerado predicado no lugar de CP na medida em que as duas posições de sujeito — o sujeito externo NP e o sujeito interno *pro* dominado por V₀ — são autônomas uma em relação à outra. Essa autonomia se dá justamente pela natureza da posição do sujeito interno, a qual é diferente no PB em comparação às outras línguas românicas: ele nasce numa posição de especificador de VP interna a esta projeção, o que apenas é permitido pelo núcleo complexo V-AGR (núcleo funcional V que carrega uma categoria vazia AGR, gerada na sintaxe com índice arbitrário e que se torna referencial na presença de um antecedente⁴⁴). Galves ressalta que “nesse contexto, a posição do sujeito externo pode deixar de ser envolvida na instanciação dessa relação, e funcionar então como posição periférica, dissociada da realização do papel temático externo” (p.81).

Posteriormente nesse mesmo trabalho, Galves adota a configuração explicitada em (71), em que IP é, ao mesmo tempo, projeção de I e de V, para as construções do objeto nulo no PB, segundo a qual se torna possível definir a categoria vazia *e* como

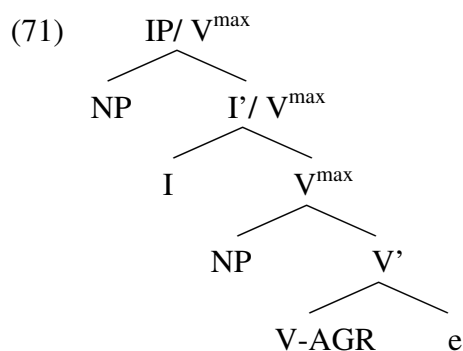
⁴³ Galves assinala que uma das condições para legitimar a relação entre sujeito e predicado é a concordância estabelecida entre o sujeito e uma cadeia contida no predicado.

⁴⁴ Por meio de uma sentença como (i), a autora demonstra que AGR não tem autonomia referencial, já que nela a categoria vazia é interpretada como indeterminada, o que acontece nas outras línguas românicas apenas no contexto (ii).

(i) Aqui ____ conserta sapatos.

(ii) Aqui ____ conserta-se sapatos.

livre (em relação à ligação, que a entende como um pronome) e também dependente (em relação à Teoria Temática, que a entende como um vestígio). Esta estrutura, portanto, capta o caráter dúbio do objeto nulo do PB.



Estendendo essa configuração para as *tough-constructions* do PB, torna-se possível concluir que a ambiguidade inerente a essas estruturas é resultado da simetria sujeito/objeto, explicada pela existência de duas posições de especificação para V-AGR. Sob esta segunda concepção, o *pro* em IP não é mais entendido como um elemento análogo a OP, mas sim simplesmente como um dos especificadores do domínio VP-AGR; então, a relação entre o sujeito da oração matriz e o sujeito da oração encaixada pode prescindir de mediação. A partir da última configuração adotada, a estrutura final de Galves para as *tough-constructions* é aquela ilustrada em (72), em que se constata dois especificadores para o predicado complexo IP/VP.

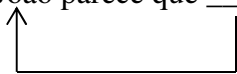
(72) $[_{IP/VP_i}$ Esta criança_i é difícil $[_{I'/VP_i}$ de $[_{VP_i}$ e_i dormir-AGR_i]

Como ressaltado anteriormente, o trabalho de Galves se enquadra num momento anterior da sintaxe gerativa e, portanto, merece ser revisto sob uma ótica minimalista, segundo a qual se dispensam a projeção AGR e disparidades entre as categorias vazias resultantes de movimento. Nesse sentido, a estrutura (72), configurada para dar conta do caráter ambivalente do objeto nulo, precisa ser repensada de modo a ser adaptada aos pressupostos minimalistas, o que foge aos objetivos desta investigação.

2.4.2 *Tough-constructions* e Caso inerente: Nunes (2008)

O trabalho de Nunes (2008) se detém em construções que envolvem hiperalçamento no PB, tais como o contraste existente entre (73), em que um DP como “O João” é copiado da encaixada para a matriz, e uma sentença agramatical como (74), em que o hiperalçamento não pode acontecer.

(73) O João parece que ____ comprou um carro.



(74) *O João foi dito que ____ comprou um carro.



Sua explicação para esse problema se apoia na ideia de Caso inerente, que é assinalado à oração encaixada e tem por consequência o fato de ela se manter “congelada” (isto é, inerte para movimento), durante uma relação sonda-alvo, bem como permitir que seus constituintes internos (e não, portanto, toda a oração infinitiva) se mantenham disponíveis para satisfazer os requerimentos da matriz. Em outras palavras, sua proposta é que verbos como “parecer”, mas não locuções verbais em voz passiva, atribuem Caso inerente aos seus complementos CP, o que torna tais complementos inertes para propósitos de movimento-A (partindo da ideia de que o que ativa um elemento é a necessidade de valorar seu Caso estrutural, conforme Lasnik, 1995, e Chomsky, 2000). Por isso, (75b), mas não (76b), é agramatical: o CP valorado com Caso inerente se torna imóvel, e licencia apenas a cópia de um constituinte interno (cf. 75c), que pode livremente cruzar o CP em direção a Spec-T da matriz, uma vez que este, por ser inerentemente marcado com Caso, não intervém no movimento.

- (75) a. [Parece [que os meninos fizeram a tarefa]]
b. *[[que os meninos fizeram a tarefa]_i parece t_i]
c. [[os meninos]_i parecem que t_i fizeram a tarefa]

- (76) a. Não foi dito/ mencionado [que os meninos fizeram a tarefa]
b. [[que os meninos fizeram a tarefa]_i não foi dito/ mencionado]
c. *[[os meninos]_i foram ditos/mencionados que t_i fizeram a tarefa]

Uma evidência que vai ao encontro dessa formulação encontra-se exatamente no fato de que, no PB, *tough-constructions* permitem a interpretação de alçamento do sujeito da encaixada. Para o autor, essa leitura não é resultado de correspondência entre um elemento (tal como se propõe para um operador nulo) na encaixada e o outro na matriz, mas sim reflexo do movimento sintático. Ainda segundo ele, esse tipo de alçamento acontece somente com infinitivas que opcionalmente podem ser introduzidas por uma preposição *dummy* “de” — caso de adjetivos como “difícil” ou “fácil”, mas não como “lamentável” ou “provável”. Isso se justifica pela perspectiva de que essa preposição seria a realização morfológica de Caso inerente assinalado à sentença não finita, o que a imobiliza para movimentos e, ao mesmo tempo, torna seu sujeito disponível para o alçamento.

Isso explica a oposição entre, por exemplo, (77a-b), na medida em que a oração preposicionada é considerada inerte para efeitos de movimento, (78a-b), já que apenas a presença da preposição (e a valoração de Caso inerente, portanto) permitiria o alçamento do sujeito, e (79a-b), em que se evidenciam as diferenças entre adjetivos e as consequências para a gramaticalidade:

- (77) a. É difícil desses professores elogiarem alguém.
b. *Desses professores elogiarem alguém é difícil.
- (78) a. É difícil esses professores elogiarem alguém.
b. *Esses professores são difíceis elogiarem alguém.
- (79) a. É fácil/difícil (d)esses professores elogiarem os alunos.
b. É bem provável/lamentável (*d)os professores terem elogiado o diretor.

Nunes não se aprofunda na questão a respeito da natureza do constituinte adjetival capaz de valorar Caso inerente, restringindo-se à afirmação de que aqueles que não licenciam a preposição também não admitem alçamento. A esse respeito, cabe mencionar que a primeira coleta de dados para este trabalho (cf. seção 2.1) evidenciou duas construções que se chocam com as intuições de Nunes, apresentadas em (80a)⁴⁵ e (81a).

⁴⁵ Na seção 2.1, foi apresentada a discussão acerca dos dados finais obtidos na coleta do *corpus*, que contempla apenas adjetivos do tipo “fácil” e “difícil”. A coleta anterior abarcou outros constituintes de

- (80) a. Isso daí é lamentável de ver um negócio desse. [IborunaAC 129]
b. É lamentável (de) ver um negócio desse nisso daí.
- (81) a. Ela agora vai ser difícil controlar. [Nurc 90 – 0002]
b. Agora vai ser difícil ela controlar.

A construção em (80) apresenta o licenciamento da preposição “de” por um constituinte adjetival para o qual a previsão de Nunes (2008) era contrária. Em (81), por sua vez, atesta-se o aparente alçamento do sujeito do verbo “controlar”⁴⁶ sem a obrigatoriedade da preposição, em oposição à agramaticalidade de (78b). Esta sentença é uma contraevidência para a hipótese da preposição como realização morfo-fonológica de Caso inerente, embora, ressalta-se, seja uma ocorrência muito pontual entre os dados que foram coletados.

Além disso, cabe também questionar a pressuposição de alçamento sintático, fundamentada nas construções (82) e (83), em que se verifica o movimento de um constituinte “de dentro” da expressão idiomática encaixada. De acordo com o autor, o sentido das sentenças é preservado (o que indica que o DP que atua como sujeito da matriz foi alçado da posição de sujeito da encaixada), intuição da qual este trabalho discorda.

- (82) a. Tá fácil do caldo entornar.
b. #O caldo tá fácil de entornar.
- (83) a. Tá bem fácil da vaca ir pro brejo.
b. #A vaca tá bem fácil de ir pro brejo.

Finalmente, é importante deixar claro que o motivo principal pelo qual esta dissertação não adotará a proposta de Nunes (2008) para as *tough-constructions* diz respeito às questões relacionadas à valoração de Caso do sujeito da oração encaixada (e, consequentemente, à noção de alçamento questionada anteriormente). Para dar conta do

natureza adjetival, tais como “bom”, “ruim”, “gostoso”, “lamentável”, “importante” etc (ver Moreno, 2012).

⁴⁶ O contexto em que se insere esta sentença e que esclarece a ambiguidade foi apresentado na seção 2.1.

movimento-A que um elemento como “O João” na sentença (84a) realiza, Nunes precisa pressupor duas condições básicas, apresentadas em (i) e (ii) adiante.

(84) a. O João_i é difícil de t_i pagar.

b. [TP [DP O João_(K: Nom)]_i [T' T_{φ-completo}] [AP difícil [CP de [TP [DP ~~O João~~_(K:?)]_i [T' T_(φ-incompleto)]]]]](caso inerente)]

i. Tendo em vista que é a necessidade de valorar Caso que desencadeia movimento-A, se o sujeito da infinitiva o satisfizesse por meio dos traços-φ herdados por T, perderia a motivação para mover-se para Spec-T da matriz. Então, a fim de mantê-lo sem Caso, faz-se necessário presumir que o núcleo T da oração encaixada é obrigatoriamente φ-incompleto, o que quer dizer que, à luz de Chomsky (2008), recebe de C apenas os traços-φ associados a número, e não também a pessoa. Este T defectivo é incapaz de assinalar Nominativo ao sujeito, o que o torna um alvo ativo.

ii. Ainda que se mantenha sem Caso em Spec-T da infinitiva, “o João” também não tem motivação para mover-se para o Spec-C encaixado, posição de *escape-hatch* em que poderia ficar disponível para as operações subsequentes da derivação. Preso à fase, fatalmente impediria a convergência da sentença. Para que isso não aconteça, torna-se necessário ou lançar mão de um argumento que impeça que CP seja considerada uma projeção de fase (cf. Ferreira, 2000), ou se utilizar da noção de Caso inerente tal qual se explicou no início desta subseção, a qual impedirá que CP intervenha no movimento-A do sujeito.

A proposta de Nunes se fundamenta, portanto, sobre um argumento de caráter estipulativo, na medida em que não há nenhuma evidência morfológica explícita que evidencie a incompletude dos traços-φ no T da oração encaixada nos casos em que o sujeito é alçado para a oração matriz. Na realidade, a adequação da proposta é totalmente dependente dessa estipulação e da consequente não valoração de Caso obrigatória do sujeito da encaixada, a qual impede, por exemplo, a convergência de derivações tais como (85), em que há um pronome realizado na encaixada (a argumentação em defesa de um T φ-completo na encaixada, neste caso específico, apenas reforçaria a inconsistência). Além do mais, essa análise de Nunes não permite que se capte a correspondência de (86) com (84a), na medida em que a preposição “de”,

entendida como a realização morfo-fonológica do Caso inerente, se faz aqui inútil, já que, nessa configuração, não há por que manter “João” sem Nominativo. Nesse sentido, também não é evidente como a sua análise daria conta de construções como (87), em que constam dois elementos que precisam ter seu traço de Caso valorado dentro da encaixada.

(85) O João_i é difícil dele_i pagar.

(86) É difícil do João pagar.

(87) É difícil do João_i, ele_i pagar.

Tendo em vista os fatos apresentados, esta dissertação se apoiará na discussão de uma hipótese que também dê conta dessas sentenças que não são captadas de modo natural pela proposta de Nunes (2008).

2.4.3 ϕ -(in)dependência e movimento (i)lícito em *tough-constructions*: Avelar & Galves (2011)

Avelar & Galves (2011) procuram explicar o contraste existente entre o PB e o PE no que diz respeito ao licenciamento de tópicos não argumentais em posição pré-verbal, como se vê no grupo de sentenças abaixo, tomando por base a proposta de herança de traços no complexo C-T, nos termos de Chomsky (2008).

(88) a. Os carros furaram o pneu. PB: OK / PE: *

b. Os carros, furou o pneu. PB: OK / PE: OK

Especificamente sobre a transferência de traços- $u\phi$ de C para T, há dois pressupostos explorados pelos autores que merecem ser destacados:

i. Uma vez que T apenas se torna uma sonda após receber os traços de C, o alçamento de um DP, que elimina tais traços não interpretáveis por meio da operação de concordância, se dá somente depois da concatenação C ao TP. Isso significa que Spec-T, posição gerada justamente para abrigar o sujeito alçado, é resultado da doação dos traços- $u\phi$ e, portanto, sua criação é completamente dependente da ação deles.

ii. Nesse quadro, até que seja criada Spec-T, o traço EPP de T não pode ser satisfeito. Dessa perspectiva, os autores exploram a ideia de que o estatuto desse EPP é ϕ -dependente, já que depende da ação dos traços- $u\phi$ na relação Sonda-Alvo para ser satisfeito.

Essas pressuposições são válidas para línguas como o inglês ou o PE. Em contrapartida, visando a dar conta de propriedades das chamadas *construções de tópico-sujeito*, os autores argumentam que, em línguas como o PB, Spec-T pode ser criado antes que os traços- $u\phi$ sejam transferidos de C para T, o que permite a concatenação do DP para satisfazer o EPP de T antes de C ser concatenado à estrutura. Isso indica o estatuto de ϕ -independência do EPP de T no PB, já que, nessa língua, seria um requerimento intrínseco a T, independente, portanto, de qualquer traço a ser herdado de C⁴⁷. Como será ilustrado abaixo, essa proposta de Avelar & Galves abre caminho para que um constituinte não argumental ocupe a posição de especificador, porque esse tipo de elemento não depende, segundo os autores, da ação de traços- ϕ para sofrer movimento.

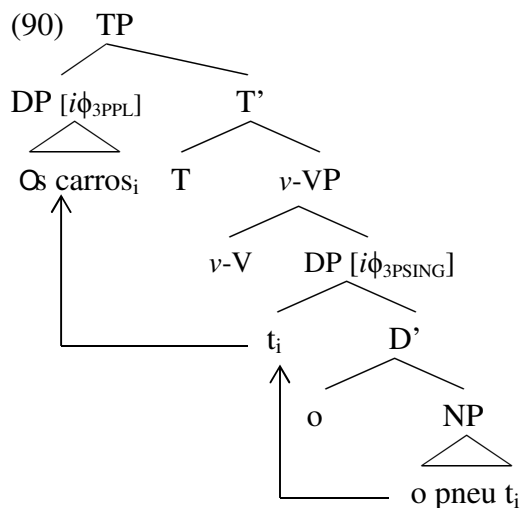
Nesse contexto, estabelece-se a diferenciação entre movimento-A e movimento-A', nos termos de Chomsky (2008): enquanto o primeiro é desencadeado pela ação dos traços- ϕ — como no caso da criação de Spec-T em línguas como o inglês e o PE — o segundo seria motivado por outros traços — tais como traços-borda (*edge-features* – ver seção 1.2), que, por exemplo, atraem um elemento QU, ou o EPP de T no PB. Então, torna-se possível afirmar que, enquanto no PE Spec-T é uma posição canonicamente A, no PB, ao contrário, ela é A', por não ser resultado da ação de traços- ϕ .

Em suma, segundo Avelar & Galves, o ponto derivacional em que Spec-T é criado determina o contraste entre PB e PE no que concerne à gramaticalidade de uma sentença como:

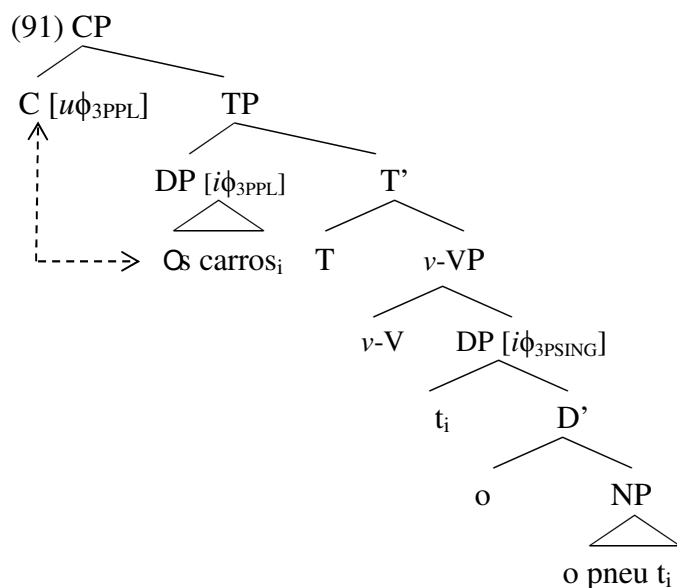
(89) Os carros furaram o pneu. PB: OK / PE:*

⁴⁷ Não há aqui espaço para apresentar todas as evidências apontadas pelos autores para tratar o EPP de T como sendo ϕ -independente no PB. Essas evidências envolvem, em linhas gerais, concordância opcional de número na relação sujeito-verbo, efeitos de subextração a partir da posição de sujeito, inversão locativa, neutralização das marcas morfológicas de Caso e sujeitos oblíquos em orações infinitivas. Para esta dissertação, interessa mais de perto os argumentos apresentados pelos autores a respeito do papel desempenhado pela ϕ -independência no licenciamento de propriedades das *tough-constructions* do PB, assunto que será abordado ainda nesta seção.

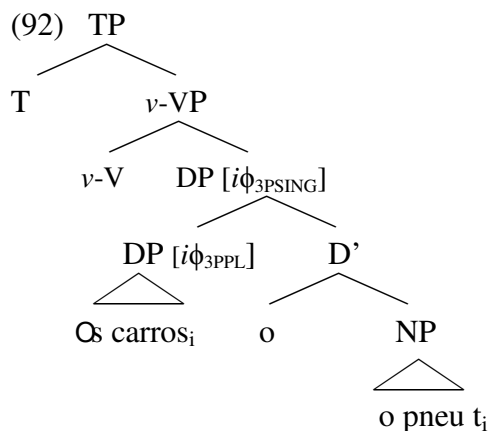
Para derivar a sentença anterior no PB, os autores assumem que DP é uma fase e, por esse motivo, o tópico não argumental “os carros” se move para a margem do constituinte nominal em que atua como modificador. Desta posição, conforme ilustrado em (90), esse mesmo tópico se desloca para Spec-T, posição projetada no PB antes de T receber os traços- $u\phi$ de C, uma vez que o EPP de T é ϕ -independente nesta língua.



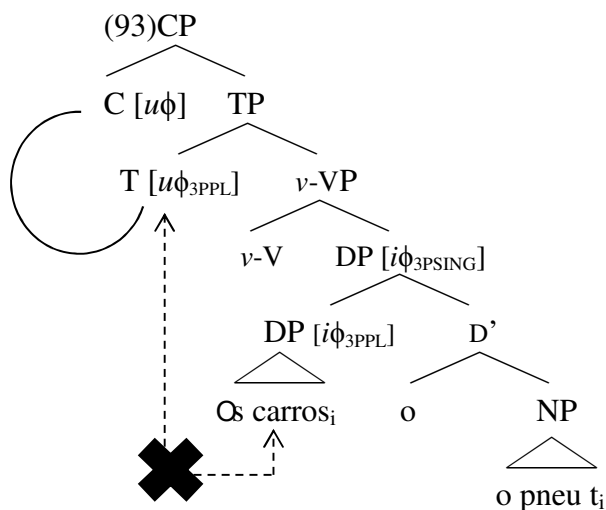
Assim, “os carros” já se encontra em Spec-T quando os traços- $u\phi$ de C são herdados por T, o que permite valorar os traços não-interpretáveis de C por meio da concordância com esse constituinte.



No PE, a mesma sentença é agramatical dado que o mesmo constituinte “os carros”, após deslocar-se para a margem da fase DP, não pode ser copiado diretamente para Spec-T, uma vez que essa posição não é projetada antes da transferência de traços- $\mu\phi$ no domínio C-T. A configuração representada em (92) demonstra o ponto em que o constituinte se mantém.

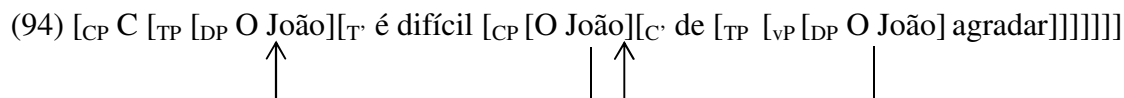


Assim, “os carros” não pode ir para Spec-T, criado após a concatenação de C, porque há antes dele um conjunto de traços- ϕ detectáveis para a sonda pertencentes à projeção máxima do DP “o pneu”, que domina o sintagma relevante.

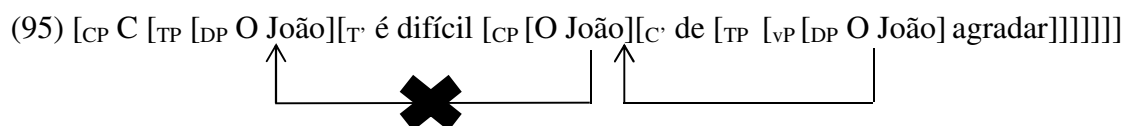


Esta proposta torna-se interessante para o presente trabalho na medida em que Avelar & Galves procuram estendê-la à ambiguidade das *tough-constructions* em PB. Segundo os autores, a interpretação na qual o sujeito da matriz é correferente ao da

encaixada, licenciada no PB, é resultado do movimento sintático do Spec-T da encaixada para o Spec-T da matriz, com passagem pelo Spec-C da encaixada (posição de *escape-hatch*, na margem da fase nucleada por C – ver seção 1.2 do capítulo 1). Por serem criadas, no PB, sem a ação de traços- ϕ , as três posições são tratadas como A' pelos autores, com o movimento entre elas sendo lícito, à luz de Chomsky (2008). A representação em (94) a seguir apresenta esse conjunto de operações no PB.



No PE, ao contrário, as duas posições de Spec-T devem ser analisadas como posições A, uma vez que são criadas pela ação de traços- ϕ , enquanto Spec-C é uma posição A'. Isso implica que, nessa língua, qualquer movimento envolvendo as posições de Spec-C e Spec-T será ilícito, o que bloqueia, em *tough-constructions*, qualquer movimento entre o Spec-T da encaixada e o Spec-T da matriz, passando por Spec-C. A representação em (95) ilustra o caráter ilícito dessa operação no PE.



Sobre a configuração anterior, resta um ponto específico não abordado pelos autores: o DP gerado em vP passa ou não pelo Spec-T da oração encaixada, antes de ser movido para Spec-C e, subsequentemente, para o Spec-T da matriz? Nesse sentido, a análise encaminhada pelos autores nada diz a respeito de construções como (96), em que o sujeito é realizado em uma posição interna à encaixada:

(96) É difícil do João pagar.

Além deste ponto em particular, restam alguns questionamentos:

- i. Como o traço EPP do núcleo T da encaixada é satisfeito?
- ii. Seria o movimento de Spec-v diretamente para Spec-C um sinal de que, nesta derivação, C, ao invés de T, seria o núcleo ativo para concordância?
- iii. Nesse sentido, não haveria doação de traços- $u\phi$ no interior da encaixada?
- iv. Por que o mesmo não se verifica na oração matriz?

v. Por que motivo a preposição “de” seria realizada na introdução da oração encaixada, mesmo nos casos em que o sujeito da encaixada não sofre alçamento, como em (96)?

Incitada pelas questões em aberto, esta dissertação busca uma discussão mais profunda de elementos não contemplados por Avelar & Galves (2011), com o objetivo de apresentar uma proposta alternativa à dos autores, partindo de alguns dos pressupostos de sua análise (como a ϕ -(in)dependência do EPP_T).

2.5 Síntese do capítulo

Ao longo das páginas anteriores, foram apresentadas algumas análises prévias acerca das *tough-constructions* em âmbito geral e, posterior e mais especificamente, acerca da ambiguidade sintática atestada no PB. A revisão bibliográfica aqui construída serve como base para a compreensão do fenômeno linguístico como um todo, para que, de uma maneira mais segura, a partir do próximo capítulo, sejam tecidas hipóteses, em âmbito mais específico, a respeito da derivação das infinitivas inseridas em *tough-constructions*.

A análise dos trabalhos que, de alguma forma, resvalam na questão da ambiguidade em *tough-constructions* do PB, contribuiu diretamente para a maturação das ideias aqui desenvolvidas. Em particular, deles foi possível depreender a importância de dois tópicos centrais para a plena articulação da hipótese:

i. Dado que as sentenças abaixo dizem respeito à mesma situação no universo extralinguístico, como dar conta daquelas em que o sujeito permanece na encaixada, como em (97b)?

(97) a. O João é difícil de pagar.

b. É difícil do João pagar.

ii. Por que motivo a preposição *de* introduz a oração encaixada? Existe alguma relação entre a presença dessa preposição e as particularidades demonstradas pelo PB no que diz respeito ao comportamento das *tough-constructions*?

CAPÍTULO 3: HIPÓTESE E PREVISÕES

Neste capítulo, será apresentada a hipótese sobre a qual se fundamenta este trabalho. Em linhas gerais, propõe-se que o estatuto do complementizador que introduz a oração infinitiva — atrelado ou à retenção ou ao compartilhamento de traços- ϕ no PB e somente à doação no PE — é o que permite ou bloqueia a interpretação na qual o sujeito da oração matriz é correferencial ao sujeito da oração encaixada, de modo a produzir a ambiguidade em *tough-constructions* no PB.

Antes do delineamento da hipótese, contudo, faz-se necessário tecer algumas considerações a respeito do que será assumido para a categoria vazia interna às *tough-constructions* do PB e do PE; disto cuida a primeira seção deste capítulo. Em seguida, a seção 3.2 formaliza a análise aqui proposta, centralizando os pressupostos teóricos à luz do Programa Minimalista, abordados no capítulo 1. A seção 3.3 discute e põe em evidência os fatos empíricos que sustentam a proposta e permitiram seu encaminhamento, bem como algumas previsões em torno da análise. Por fim, a seção 3.4 apresenta as contribuições que a análise aqui desenvolvida pode trazer para elucidar o fenômeno das *tough-constructions* clássicas (com interpretação de alçamento de objeto), antes de encaminhar a síntese do capítulo.

3.1 A categoria vazia em posição de sujeito

Dado que em *tough-constructions* a correferência entre o sujeito da oração matriz e a categoria vazia em posição de sujeito da encaixada é **possível** no PB, mas **bloqueada** no PE, torna-se pertinente, para os fins desta pesquisa, ocupar-se da seguinte questão: qual categoria vazia, em conjunto com suas propriedades específicas, deve ser assumida na posição de sujeito das infinitivas no contexto das *tough-constructions* em cada uma dessas línguas?

O PM ainda lança mão de alguns conceitos desenvolvidos na GB no que tange à distribuição das categorias vazias. Assim, cumpre aqui papel importante recordar que, na GB, as categorias vazias eram ordenadas em quatro classes, de acordo com suas propriedades intrínsecas (traços [$\pm$ anafórico] e [$\pm$ pronominal]) e funcionais (isto é, de acordo com as relações que estabelecem localmente), conforme na tabela a seguir:

Tabela 1 – Tipologia das categorias vazias

PROPRIEDADES DAS CATEGORIAS VAZIAS			
Categoria vazia	Traços primitivos ⁴⁸	DP lexical	Referência
t (vestígio)	[+anafórico] [-pronominal]	Anáfora	Antecedente A
pro (de interpretação expletiva ⁴⁹ ou de interpretação definida)	[-anafórico] [+pronominal]	Pronome	Não precisa de antecedente
vbl (variável)	[-anafórico] [-pronominal]	Expressão-R	Antecedente A'
PRO	[+anafórico] [+pronominal]	Não há	Antecedente A ou interpretação arbitrária

Fonte: adaptada de MIOTO, et al., 2010, p. 245-246.

As categorias supracitadas seguem obrigatoriamente três princípios (os chamados Princípios de Vinculação ou Ligação) que regem as possibilidades de distribuição dos índices referenciais entre elas e seus antecedentes, tais como formulados em Chomsky (1981):

(1) Princípio A

Uma anáfora tem que estar ligada em seu domínio de ligação⁵⁰.

⁴⁸ Estes traços não devem ser confundidos com os traços formais, referentes ao fenômeno da concordância tal como desenhado no PM.

⁴⁹ O pronome expletivo satisfaz a exigência estrutural em preencher a posição de sujeito, gramaticalmente obrigatória.

⁵⁰ “O domínio de vinculação de α é o XP mínimo que contém α , o regente de α e

(i) Um sujeito que é distinto de α e que não contém α ; ou

(ii) A flexão que atribui Caso Nominativo para α ” (MIOTO, et. al, 2010, p. 230).

(2) Princípio B

Um pronome tem que estar livre em seu domínio de ligação.

(3) Princípio C

Uma expressão-R tem que estar livre.

Dado que as categorias vazias não têm matriz fonológica, elas precisam ter seu conteúdo identificado, além de serem licenciadas segundo as condições impostas pelos Princípios de Vinculação. Aquelas que, em termos de GB, são frutos de movimento — vestígio e variável — apoiavam-se nas próprias categorias movidas para recuperar seus conteúdos. No âmbito do PM, no entanto, essas duas categorias vazias são dispensadas, na medida em que o movimento de um DP ou NP passa a ser compreendido como uma operação (*move*) que vislumbra a cópia do sintagma e seu posterior apagamento. Resta, portanto, refletir acerca dos identificadores das outras duas categorias, *pro* e PRO.

As sentenças a seguir explicitam o contraste classicamente apontado entre ambas. Em (4), a categoria vazia tem referência específica, já que está claramente associada a um pronome lexical (no caso, “eu”), o qual permite a identificação do seu conteúdo. Além de poder ser definida como a contraparte nula de um pronome lexical (CHOMSKY, 1986), pode ser identificada pela flexão do verbo (CHOMSKY, 1981). Por fim, está livre em seu domínio de ligação, em conformidade com o Princípio B. Conclui-se, pois, que é *pro*⁵¹. Já na construção em (5), canonicamente denominada *estrutura de controle*, a categoria vazia só pode ser interpretada se ligada ao antecedente que está fora de seu domínio de ligação. Ademais, ela está licenciada no Spec-T de uma oração infinitiva, associada à marcação do chamado Caso Nulo, nos termos de Chomsky (1995). Postula-se, para ela, que se trata de um PRO.

(4) *pro* Comi o bolo.

(5) [O João]_i quer PRO_i comer o bolo.

Uma análise mais minuciosa da tabela reproduzida anteriormente revela que existe ainda um contexto extra a ser considerado para cada uma das duas categorias vazias. *Pro*, desde que obedeça ao Princípio B, pode se referir a um antecedente, como

⁵¹ Existe, ainda, o *pro* expletivo, que não abarca traços-*iφ*.

(i) *pro* Choveu.

demonstra (6). Assim, tem seu conteúdo identificado por um item explícito ou na sentença ou no discurso. Por sua vez, PRO ainda pode estar relacionado à interpretação arbitrária (ver nota de rodapé 23) e, portanto, não está ligado a um antecedente a ser recuperado (claramente essa leitura não está associada à estrutura de controle). Isto se vê em (7).

(6) [O João]_i disse que pro_i viajou.

(7) São Paulo é uma boa cidade para PRO trabalhar dentro de casa.

Especificamente no caso da categoria vazia em posição de sujeito das *tough-constructions*, esta última leitura mostra-se a mais adequada ao juízo dos falantes portugueses, visto que, segundo Duarte (2003), para a gramática deles, “o sujeito da completiva [a oração infinitiva no contexto das *tough-constructions*] tem interpretação arbitrária” (p. 635). Então, entre *pro* e PRO, a categoria vazia mais apropriada parece ser esta, e não aquela, uma vez que a oração encaixada que a licença abarca um infinitivo não flexionado; e entre PRO controlado e não controlado, o primeiro mostra-se ser uma opção inviável, na medida em que o PE bloqueia a coindeixação entre o sujeito da matriz e o sujeito da infinitiva e, conseqüentemente, a interpretação específica. Uma estrutura tal como a apresentada em (8), então, é naturalmente agramatical.

(8) *[O João]_i é difícil de PRO_i pagar.

Será assumido aqui, em referência à proposta de Hornstein (1999), que o PRO de controle obrigatório (o que autor denomina OC PRO) é inviável dentro dos pressupostos do PM, uma vez que suas propriedades são equivalentes às de um vestígio de NP/DP. Para ele, portanto, OC PRO é resíduo de movimento, “simply the product of copy and deletion operations that relate two theta-positions” (p.37)⁵² o que, conseqüentemente, é capaz de explicar a impossibilidade de haver correferência no contexto das *tough-constructions* do PE, como será esclarecido mais adiante nesta dissertação.

⁵² Um estudo que estende essa análise para o PB é o de Conceição (2003).

Contudo, é importante deixar claro que, no mesmo estudo, Hornstein considera NOC PRO (em oposição ao anterior, aquele que não está vinculado à estrutura de controle) um *pro* licenciado em infinitivas⁵³, na medida em que julga ser muito problemático lançar mão de um recurso como Caso Nulo⁵⁴. De fato, como aponta Hornstein (1999), esta saída aparentemente não é a mais adequada para as finalidades do PM, uma vez que esse Caso em específico não se aplica a nenhum outro elemento sintático em nenhum outro contexto. Esse recurso, então, pode ser entendido como uma “muleta teórica”. Entretanto, a proposta do autor não aparenta ser mais suficiente que o Caso Nulo para os questionamentos alavancados ao longo desta dissertação. Isso porque *pro*, sendo a contraparte nula de um pronome, deve, em termos minimalistas, valorar Caso. Ao se dispensar a noção de Caso Nulo e ao se considerar esta a categoria vazia associada à referência arbitrária indiscutivelmente existente nas infinitivas encaixadas nas *tough-constructions* no PE, a única conclusão a se chegar é a de que essas derivações fatalmente fracassariam, já que — como será demonstrado mais à frente neste capítulo — a gramática dessa língua não dispõe de uma fonte atribuidora de Caso para licenciar um *pro* nessa posição⁵⁵.

Assim, ainda que não de uma maneira plenamente satisfatória, a categoria PRO, em conjunto com sua associação ao Caso Nulo, mostra-se ainda ser uma saída viável para os contextos aqui considerados, uma vez que encontra neles condições de licenciamento.

Para os falantes do PB, no entanto, o PRO não controlado não se mostra uma solução válida para as infinitivas em *tough-constructions* no contexto da correferência, que (o que merece ser destacado) é **facultativa** entre os sujeitos da *tough-construction*. A ambiguidade, portanto, é um fator problemático para a delimitação da categoria vazia,

⁵³ Hornstein assume que em línguas não pro-drop, como o inglês, “pro needs no case but can check the relevant features of Infl”, porque, nessas línguas, “the features of pro must be quite anemic” (p. 58). O autor não tece considerações a respeito de NOC PRO, ou *pro*, em outras línguas.

⁵⁴ Chomsky e Lasnik (1993) abrem mão do teorema de PRO, aos moldes de Regência e Ligação, ao relacionarem a distribuição desta categoria vazia à teoria do Caso: PRO passa a ser um elemento que dispõe de Caso a ser checado, o Caso Nulo, contra o T não finito.

⁵⁵ É claro que essa afirmação funciona a partir da consideração de que Caso Nulo é valorado em infinitivas, e não da mesma forma que Nominativo ou Acusativo. Valorar Caso Nulo significa que PRO tem um traço de Caso a ser valorado, o que, por extensão, significa que o PRO pode ser lexicalizado (por exemplo, a partícula “se” que se vê em sentenças do PE como “É difícil de *se* pagar o João”). Segundo Martin (2001), “it has been known for a long time that PRO cannot occur in any position which checks other kinds of Case such as nominative or accusative”.

porque atesta que a relação sintática estabelecida entre os dois elementos em posição de sujeito é instável; uma condição possível, porém não necessária. Nesse sentido, considerar a categoria vazia resultado de movimento é uma possibilidade que caminha na direção contrária das sentenças que apresentam ambiguidade, essa “instabilidade”, uma vez que o vínculo estabelecido entre a cópia e o DP/NP copiado tem estatuto diferente do que existe entre uma categoria vazia e seu antecedente.

Esse raciocínio merece ser mais bem desenvolvido. Parte-se do pressuposto de que, segundo o PM, a operação *move* deve ser motivada e, assim, um DP/NP concatenado à estrutura (momento em que ganha papel temático) somente será copiado a fim de satisfazer o requerimento de outro elemento. Então, o DP/NP copiado mantém suas relações temáticas com os argumentos da sentença — essencial para a Forma Lógica — justamente por estabelecer o vínculo indissociável com sua cópia. Por outro lado, *pro* relaciona-se com um DP/NP “acima” na estrutura para ter seu conteúdo determinado e isso não diz respeito a requerimentos temáticos, uma vez que é apenas reflexo das condições de licenciamento a que a categoria vazia está submetida. Nesse sentido, o estatuto dos vínculos entre a cópia e o DP/NP copiado e entre uma categoria vazia e seu antecedente é diferente; o segundo, por ser puramente resultado de relações sintáticas, abre espaço para que a correferência seja entendida como “acidental” (uma vez que a ausência de correferência é possível) e haja, portanto, ambiguidade na sentença⁵⁶.

Tendo em mente o papel que cumprem os Princípios de Vinculação no licenciamento das categorias vazias, é importante não perder de vista as implicações de considerar um elemento anafórico no lugar de um pronominal. Tomando por base o Princípio A, num sentido que ficará mais claro nas seções seguintes, considerar uma anáfora a categoria vazia em posição de sujeito na encaixada é complicado porque, como se vê superficialmente na estrutura apresentada a seguir (cujos detalhes, ratifiquem-se, serão mais desenvolvidos *a posteriori*), ela está livre dentro de seu domínio de ligação, em que, necessariamente, deveria constar seu antecedente.

(9) [O João]_i é difícil [CP de ____]_i pagar.

⁵⁶ Considerar a categoria vazia da infinitiva encaixada uma anáfora pressupõe, ainda, adotar a ideia de que o sujeito da oração matriz em *tough-constructions* é fruto de alçamento, o que também tem outras implicações para a discussão, como se verá adiante neste capítulo.

Como deve ter ficado claro, os fatos supracitados caminham no sentido de defender a ocorrência de um *pro* de referência específica para as encaixadas infinitivas nas *tough-constructions* do PB. Uma vez que esta categoria vazia é considerada a contraparte nula de um pronome, seria esperado que sua realização morfo-fonológica não afetasse a ambiguidade da *tough-construction*, como de fato se constata: na construção a seguir, dado que “ele” pode se referir (não necessariamente) a um tópico discursivo, o sintagma “o João” pode ser entendido como objeto.

(10) [O João]_i é difícil dele_{i/j} pagar.⁵⁷

Recorda-se que sentenças como (11) suscitam, no PB, duas interpretações: (i) a de que João dificilmente paga alguém (e “João” é, então, sujeito) e (ii) a de que alguém, de referência arbitrária, dificilmente paga “o João” — cabe, pois, questionar qual categoria vazia responde também à possibilidade de leitura arbitrária do sujeito nulo da infinitiva encaixada. Ainda que PRO tenha sido apontada como a solução para o mesmo contexto no PE, propõe-se, conforme argumentação que será tecida mais à frente neste capítulo, que essa categoria no PB também é *pro*.

(11) O João é difícil de ____ pagar.

Embora PE e PB compartilhem a interpretação arbitrária do sujeito nulo das infinitivas em *tough-constructions*, a hipótese aqui a ser desenvolvida defende que ela é fruto de configurações diferentes entre as duas línguas, resultantes das diferentes relações estabelecidas a partir do estatuto da preposição *de*, que introduz as infinitivas. Considerando que, no PB, há uma fonte atribuidora de Caso para licenciar elementos em posição de sujeito nas encaixadas, torna-se mais natural assumir um *pro* de

⁵⁷ A banca de qualificação apontou para uma possível pausa prosódica resultante da realização ou não do pronome na posição de sujeito da encaixada em *tough-constructions*, em destaque no constraste abaixo, o que seria um indicativo de que cada uma das duas estruturas é resultado de uma derivação diferente. Por esse motivo, seria frágil o argumento de que *pro* tem “ele” como contraparte.

(i) O João é difícil de *pro* pagar

(ii) O João_i é difícil dele_i pagar.

Como ficará claro no decorrer desse capítulo, a localização do sujeito/tópico na oração matriz, independentemente de estar ou não relacionada a uma pausa prosódica, não interfere na análise que será aqui defendida. O relevante para a validação da hipótese, como será mostrado, são as propriedades demonstradas pela posição de sujeito da oração infinitiva encaixada, qualquer que seja a posição em que se encontra o DP na oração matriz.

referência arbitrária⁵⁸, ao invés de um PRO, tendo em vista o pressuposto de que esta última categoria é licenciada apenas em contextos não finitos. Ressalta-se que a adoção de um *pro* arbitrário é largamente admitida em construções como as exemplificadas em (12) e (13) do PB, uma vez que para elas não é possível atribuir (i) um *pro*-expletivo como sujeito dessas sentenças, porque verbos como “usar” e “vender” atribuem papel temático, nem (ii) um PRO não controlado, já que este depende necessariamente da forma verbal infinitiva para valorar seu traço de Caso⁵⁹.

(12) Nos nossos dias não usa mais saia. (retirado de Galves, 2001, p. 46)

(13) Vende livro barato no centro da cidade.

No entanto, julga-se importante frisar aqui que adotar um *pro* não é plenamente satisfatório, sobretudo por recorrermos a definições estipuladas num momento anterior ao PM. Um dos principais contrastes classicamente levantados em *pro* e PRO, por exemplo, que diz respeito à ocorrência do primeiro em contextos em que necessariamente se verifica flexão verbal, mostra-se ao mesmo tempo suficiente para fundamentar a opção por um *pro* de referência arbitrária em *tough-constructions* como (11), e insuficiente para explicar o sujeito nulo decorrente de outros contextos: o conjunto de sentenças a seguir deixa evidente que os juízos de gramaticalidade para o PB considerados para esta pesquisa dão espaço para a ausência de concordância entre o sujeito e o infinitivo da encaixada⁶⁰:

⁵⁸ Não será assumida explicitamente a proposta de Hornstein (2001), mencionada anteriormente, a respeito do *pro* arbitrário (denominado por ele NOC PRO), uma vez que, para o autor, esse *pro* prescinde de Caso, o que não dialoga com os pressupostos adotados. Hornstein, além disso, constrói a figura desse *pro* em comparação com “do”, verbo leve do inglês, para concluir que essa categoria atua como último recurso em uma derivação: “NOC *pro* cannot be part of the array, but is a formative [of the computational system of English], used as last option to save and otherwise doomed derivation “ (p.58).

⁵⁹ No PE, a gramaticalidade dessas sentenças depende da realização do pronome *se*.

(i) Nos nossos dias não se usa mais saia.
(ii) Vende-se livro barato no centro da cidade.

⁶⁰ O corpus coletado inicialmente para esta pesquisa não ajudou a definir com exatidão a gramaticalidade de algumas dessas sentenças, uma vez que não constam nele ocorrências significativas de sujeito da encaixada no plural. Por isso, as sentenças sobre as quais se sustenta a presente análise, ao longo de todo o trabalho (salvas as exceções explícitas), são fruto das intuições da autora e de outros falantes.

Agradeço à banca de qualificação pelas sugestões; em especial, pela ideia de aplicar testes com falantes do PB e do PE, o que fundamentaria o juízo de (a)gramaticalidade acerca das sentenças relevantes para o fenômeno aqui investigado. Tendo em vista o tempo disponível para a conclusão da pesquisa, essa etapa fará parte de sua ampliação, em estudos subsequentes.

- (14)
- a. É difícil dos meninos pagar.
 - b. É difícil deles pagar.
 - c. ? É difícil os meninos pagar.
 - d. ? É difícil eles pagar.
 - e. É difícil dos meninos pagarem.
 - f. É difícil deles pagarem.
 - g. É difícil os meninos pagarem.
 - h. É difícil eles pagarem.
 - i. ? É difícil dos meninos, eles pagar.
 - j. É difícil dos meninos, eles pagarem.
 - k. *É difícil os meninos, eles pagar.
 - l. É difícil os meninos, eles pagarem.
 - m. Os meninos são difíceis de pagar.
 - n. ? Os meninos são difíceis de pagarem.
 - o. Os meninos são difíceis deles pagar.
 - p. ? Os meninos são difíceis deles pagarem.
 - q. *Os meninos são difíceis pagar.
 - r. *Os meninos são difíceis pagarem.
 - s. *Os meninos são difíceis eles pagar.
 - t. *Os meninos são difíceis eles pagarem.

Existe, ainda, outro contexto em que a adoção de um *pro*, embora seja largamente assumida, acarreta problemas para a presente discussão: construções com pronome resumptivo ou pronome lembrete (cf. seção 1.3.1 e 3.2.2). A retomada do tópico por meio de um pronome morfo-fonologicamente realizado ou nulo em posição de sujeito, como demonstram (15a) e (16a), pode ser licenciada em uma configuração como a apresentada em (15b), uma vez que nela o antecedente do pronome lembrete encontra-se em Spec-TopP, isto é, fora de seu domínio de vinculação. A estrutura de múltiplos especificadores adotada para as infinitivas encaixadas em *tough-constructions* nesta investigação (16b), no entanto, não torna tão evidente o mesmo respeito ao Princípio B⁶¹.

⁶¹ Recorda-se que essa configuração foi adotada com base na proposta de Baker (2003) para as línguas bantas (seção 1.3.2). No estudo em questão, o autor se limita a afirmar que “Kinande sentences with

- (15) a. [A Maria]_i, [ela/pro]_i comprou roupa nova.
 b. [_{TopP} [A Maria]_i [_{TP} [ela/pro]_i comprou roupa nova
- (16) a. É difícil d[a Maria]_i, [ela/pro]_i comprar roupa nova.
 a. É difícil [_{TP} [A Maria]_i [_{T'} [ela/pro]_i [_{T'} comprar roupa nova

Os motivos pelos quais foi admitida aqui a configuração de múltiplos especificadores foram apresentados na seção 1.3 do capítulo 1. De toda forma, é importante aqui deixar claro que o conceito de “resumção” não pode ser captado por outra categoria senão um pronome, o que inviabiliza a assunção de um PRO ou de uma cópia em construções desse tipo.

Então, ao mesmo tempo em que *pro* se mostra, para a situação do PB, ser uma saída mais viável que cópia/ vestígio de movimento e PRO (aqui, considerado apenas o de referencia arbitrária), essa categoria vazia também não responde às intuições acerca das *tough-constructions* no PB de forma completamente satisfatória. Essa constatação pode ser o gatilho para a proposição de uma nova categoria vazia para o PB, ou para a readequação do que hoje se concebe como *pronome nulo*. No entanto, correspondendo unicamente às expectativas e finalidades desta pesquisa, será adotado, daqui para frente, *pro* como a categoria vazia que ocorre em posição de sujeito nas encaixadas infinitivas em *tough-constructions* do PB⁶². Tendo isso em mente, a questão central a ser abordada nas próximas seções é a de saber por que as *tough-constructions* do PB, mas não as do PE, aceitam *pro* no interior da infinitiva encaixada.

preverbal subjects are, I claim, similar to the infinitival relatives [do tipo "a man_i [PRO_i to fix the sink]"], except that the "predicate variable" [a pronominal that can make a clause into a predicate] is the pro subject of a tensed clause, rather than the PRO subject of a nonfinite clause" (p. 20).

⁶² Existe ainda outra saída que nos permitiria abrir mão de *pro*. Modesto (2008) segue (Holmberg (2005) e assume que sujeitos nulos, por serem um conjunto de traços- ϕ , podem ser entendidos como um sintagma único(ϕ P, de acordo com a terminologia do segundo autor). Segundo observação de Modesto (2008), no lugar onde se concatenam ϕ Ps também é possível conceber pronomes, mas, nesse caso, “coreference with the higher subject would be accidental and non-coreference would be possible” (p. 390), o que daria conta da ambiguidade vista no PB. No entanto, admitir um ϕ P implica vinculá-lo a um sujeito em uma posição acima de Spec-T (Modesto sugere SpecFP) na oração matriz, e esta dissertação assume a visão de Avelar e Galves (2011), em conformidade com Chomsky (2008), de que Spec-T no PB, por admitir elementos não argumentais, é a posição em que se concatena o sujeito.

3.2 Delineamento da hipótese

A análise aqui proposta toma como ponto de partida o contraste de gramaticalidade, entre PB e PE, assinalado em (17) a respeito da possibilidade de haver um sujeito interno referencial ao da matriz.

(17) O João_i é difícil de _____i pagar. PB: OK / PE: *

O desenvolvimento das ideias em torno dessa questão, no entanto, mostrou a necessidade de se debruçar também em construções que, de alguma forma, mostram similaridades com o padrão frásico em (17). Assim, além de tratar das *tough-constructions* cuja interpretação no PB é a de alçamento do sujeito da encaixada, esta seção também se ocupará de:

i. Orações infinitivas, introduzidas por preposição, que apresentam um tópico e um pronome lembrete em posição de sujeito no PB:

(18) É difícil do João, ele pagar.

ii. Orações infinitivas, introduzidas por preposição, que apresentam um tópico sujeito no PB:

(19) É difícil dessa casa entrar ladrão.

iii. Orações infinitivas sem preposição no PB e no PE:

(20) É difícil o João pagar.

Este estudo também chamará a atenção para construções do PB como (21), variantes das anteriores, em que se verifica a ausência de flexão na infinitiva encaixada:

- (21) a. É difícil (d)os meninos pagar.
b. É difícil (d)os meninos, eles pagar.

Antes de prosseguir, é importante ressaltar que o trabalho não terá como foco definir qual é a “origem” do DP realizado no Spec-T da oração principal, sendo irrelevante definir, para os propósitos mais imediatos da dissertação, se esse constituinte foi alçado a partir da oração infinitiva (*merge* interno) ou conectado diretamente na matriz (*merge* externo). Embora essa questão seja abordada na seção 3.2.3, o relevante

será responder por que as infinitivas encaixadas em *tough-constructions* do PB admitem *pro* em Spec-T, propriedade que não é atestada no PE.

3.2.1 Orações infinitivas preposicionadas que apresentam um DP ou *pro* em posição de sujeito

Em linhas gerais, será proposto que o contraste entre o PB e o PE no que tange à interpretação da oração em (17) está radicado no estatuto da preposição *de*, que introduz a oração infinitiva. Em termos formais, a hipótese se fundamenta na ideia de que, no PB, esse item consiste na realização morfo-fonológica de um C(omplementizador) que retém ou compartilha seus traços- $u\phi$ com T, conforme ilustrado em (22) a seguir; no PE, ao contrário, a preposição não consiste em um C, sendo externa à oração infinitiva, como esboçado em (23).

(22) PB: ... [_{CP} de [_{TP} T [_{VP} ...]]]

(23) PE: ... de [_{CP} C [_{TP} T [_{VP} ...]]]-

Isso implica que, particularmente no PB, o domínio C-T das orações infinitivas internas a *tough-constructions* pode prover Caso a constituintes alocados em qualquer posição entre C e T, uma vez que tal domínio dispõe de traços- $u\phi$ a serem valorados, originalmente ligados ao C morfo-fonologicamente realizado como *de* (doravante, C-*de*). Em contraste, o domínio C-T nas infinitivas em *tough-constructions* do PE não dispõe de traços- $u\phi$ a serem valorados, o que inviabiliza o licenciamento de constituintes “necessitados” de um valor para o traço de Caso em tal domínio. Em outras palavras, enquanto o domínio C-T das infinitivas em *tough-constructions* do PE é defectivo no que tange à presença de traços- $u\phi$, o mesmo domínio se apresenta completo quanto à mesma propriedade no PB. Adiante, será explicitado como essa hipótese permite captar as singularidades do PB no que diz respeito às propriedades demonstradas pelas *tough-constructions*.

Uma primeira observação a ser feita é a de que, tal como delineada, a hipótese acerca do contraste relevante entre PB e PE permite fazer duas previsões:

i. No PB, a construção indicada em (17) deriva da possibilidade de o Spec-T na oração infinitiva encaixada das *tough-constructions* poder ser ocupado por um pronome nulo correferente ao elemento no Spec-T da oração matriz. Assume-se, aqui, um *pro* licenciado, em termos de Caso, por *C-de* (conforme argumentação tecida na seção anterior).

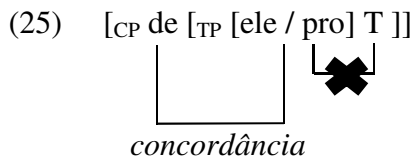
ii. No PE, ao contrário, a categoria nula presente no Spec-T da infinitiva encaixada é necessariamente arbitrária (cf. Duarte, 2003). Será aqui assumido, como se viu anteriormente, que se trata de PRO não controlado. A categoria *pro* é impedida de ocorrer no PE no interior da infinitiva encaixada exatamente por se tratar de um item que requer valoração do traço de Caso (num sentido diferente do que se prevê em relação ao Caso Nulo exigido pelo PRO), o que bloqueia a sua ocorrência no Spec-T das infinitivas em *tough-constructions* dessa variedade do português⁶³.

A proposta é sumarizada a seguir. Na construção do PB, representada em (24c), quando o sujeito da encaixada não está explícito, é possível supor um *pro* nulo referencial coindexado ao sujeito da matriz; isso também permite contemplar a possibilidade de um pronome fonologicamente realizado correferente a “o João”.

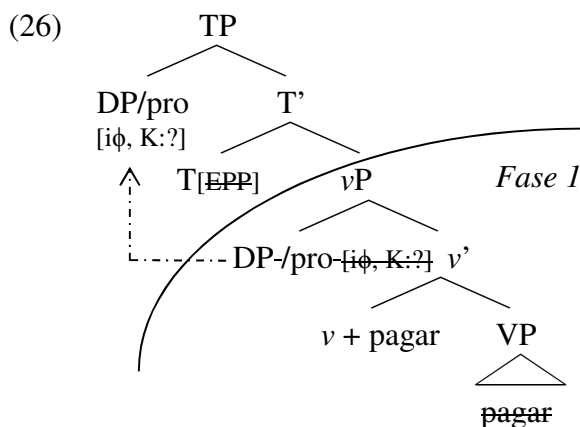
- (24) a. [O João]_i é difícil de *pro*_i pagar.
 b. [O João]_i é difícil dele_i pagar.
 c. [_{TP} [_{DP} O João]_i [_{T'} é [_{AP} difícil [_{CP} de [_{TP} [_{DP} *pro*/ ele]_i [_{T'} pagar...]]]]]]]

Pro e “ele”, respectivamente em (a) e (b) acima, têm seus traços de Caso Nominativo valorados por meio da concordância com *C-de*, que retém seus traços- $u\phi$, uma variação da proposta de Chomsky (2000, 2001, 2004, 2008) na linha de Ouali (2008) — ver seção 1.2.2, no capítulo 1. Justamente por retê-los, ao invés de transferi-los para T, *C-de* se torna um núcleo ativo e passa a ser uma sonda, que interagirá com seu alvo por meio da operação de concordância (*agree*). A ideia pode ser representada, *grosso modo*, da seguinte maneira:

⁶³ No PB, a leitura associada à referência arbitrária/ genérica do sujeito nulo da encaixada é decorrente de um *pro*, conforme proposto na seção 3.1.

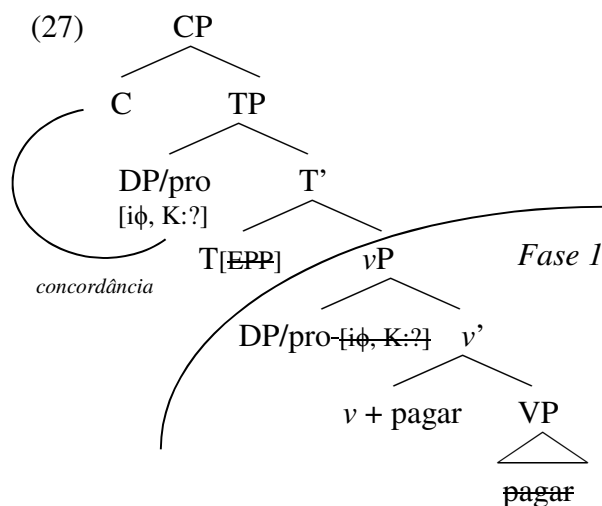


Assumindo os pressupostos já apresentados de Avelar & Galves (2011) acerca do estatuto ϕ -independente do EPP de T no PB, é possível afirmar que o argumento da oração encaixada (que pode ser um *pro* nulo ou um DP a ser morfo-fonologicamente realizado) disponível na primeira fase é copiado para Spec-T da encaixada tão logo o núcleo T é concatenado à derivação. O passo-a-passo da representação a seguir mostra como resulta, no PB, a derivação das *tough-constructions* em que o sujeito da encaixada é interpretado como correferente ao DP/*pro* sujeito na oração matriz. Finda a primeira fase — em que apenas o DP/*pro*, presente na borda da projeção *v*P, torna-se disponível para o restante da computação —, o núcleo T é concatenado à estrutura e, devido ao seu traço EPP de estatuto ϕ -independente, a projeção de Spec-T é criada por meio do *merge* interno do DP/*pro*.



A seguir, quando C é projetado, não existe motivação para a transferência de seus traços- $u\phi$, na medida em que, em termos de c-comando, o DP/*pro* já está próximo da fonte dos traços. A retenção, nesse sentido, se mostra mais econômica que a doação, já que esta somente se aplicaria caso Spec-T fosse uma projeção ϕ -dependente. Por isso, quando o núcleo C entra na derivação, seus traços- $u\phi$ não são transferidos para T, mas sim retidos, de maneira que ocorre a concordância entre esse núcleo e o DP/*pro* em Spec-T, que, em consequência, terá seu traço de Caso valorado como Nominativo. O DP/*pro*, então, terá satisfeito seu requerimento de Caso, bem como satisfará os

requerimentos temáticos e o EPP_T da oração encaixada, independentemente do sujeito da matriz, a que é correferente. A discussão a respeito da origem deste sujeito (se movido a partir da infinitiva encaixada ou se conectado diretamente na oração matriz), ainda que não seja central para esta pesquisa, será discutida nos itens subsequentes deste capítulo.



Por meio de uma relação sonda-alvo, portanto, o núcleo *C-de* estabelece concordância com o sujeito da oração infinitiva⁶⁴. Esta relação torna possível afirmar, conforme ressaltado anteriormente, que *C-de* é uma fonte provedora de Caso, a qual permite licenciar, no domínio C-T, constituintes que requeiram Caso — *pro* ou “ele”, nos exemplos em (24). Por razões que ficarão claras mais à frente, pode-se assumir que o Caso atribuído por *C-de* é o Nominativo (tal como seria na situação em que os traços- $u\phi$ fossem transferidos para T).

É importante ressaltar que a proposta de derivação anteriormente descrita aplica-se também para a interpretação arbitrária/ genérica do sujeito nulo das infinitivas encaixadas em *tough-constructions* do PB, uma vez que para ela também foi assumido um *pro* (agora, obviamente, não de referência específica) licenciado pelo *C-de*.

⁶⁴ A ausência de traços- $u\phi$ em T não nos permite, neste momento, dar conta de construções como (i), em que é visível a flexão verbal em concordância com o sujeito da encaixada:

(i) É difícil dos meninos pagarem.

Sentenças desse tipo serão explicadas pelo sistema de compartilhamento de traços no domínio C-T, conforme será apresentado na subseção 3.2.2 deste capítulo. *Grosso modo*, a estrutura subjacente a (i), considerando essa possibilidade, é:

(ii) É difícil d[os meninos]_i pro_i pagarem.

No item 3.3 deste capítulo serão apresentadas as evidências que tornam possível considerar que a preposição “de” introdutória do constituinte infinitivo é a realização morfo-fonológica do núcleo C que preserva seus traços- $u\phi$, não os transferindo para T. A possibilidade de retenção desses traços é o que permite que a construção convirja, na medida em que um dos efeitos dessa especificidade é a valoração do Caso Nominativo do sujeito da encaixada. “O retentor” é, portanto, a primeira figura assumida pelo núcleo aqui denominado *C-de*.

A distribuição dos traços- $u\phi$ de C — e, conseqüentemente, a indicação do núcleo funcional que estabelecerá a concordância com o sujeito da encaixada — é o ponto nevrálgico do problema da ambiguidade nas *tough-constructions*. A gramática do PE, em oposição à do PB, não dispõe de uma fonte capaz de satisfazer os requerimentos de Caso atrelados ao sujeito da oração infinitiva. Em outras palavras, as *tough-constructions* do PE não apresentam um núcleo C que abarque traços- $u\phi$ na oração encaixada infinitiva, de modo que não se aplicam, nesse contexto, as operações de retenção, transferência ou compartilhamento. O domínico C-T infinitivo é, pois, defectivo (ou seja, não dispõe de traços- $u\phi$), com a preposição “de” estando associada a um sintagma preposicionado para o licenciamento da oração infinitiva.

Nesse sentido, a ocorrência da preposição “de” parece, no PE, se justificar por requerimentos de transitividade do constituinte de natureza adjetival, de modo a autorizar a relação entre ele e seu complemento oracional. Isso significa que a oração infinitiva como um todo, conforme compartilham diversos autores (Raposo (1987), Figueiredo Silva (1996), Kato (2000), Kayne (2000), entre outros), tem caráter inerentemente nominal⁶⁵ e, por isso, tem um traço de Caso a ser checado, operação que acontece exatamente por meio da preposição.

Tendo em vista a defectividade do C-T infinitivo das *tough-constructions* no PE⁶⁶, o único sujeito capaz de apagar seu traço EPP_T ao projetar sua posição de especificador e, ao mesmo tempo, ter seus requerimentos de Caso satisfeitos, é um PRO não controlado de referência arbitrária. Essa ideia encontra amparo tanto sintático, na

⁶⁵ Uma explicação para isso seria a presença do morfema $-r$, que, ao ser caracterizado como afixo nominal, está atrelado a requerimentos de satisfação de Caso.

⁶⁶ Fala-se aqui de C defectivo, e não de T defectivo, uma vez que se pressupõe que TP é complemento de um C que não porta traços- $u\phi$. Presumir a ausência de C tem como consequência a possibilidade de que PP atue como uma sonda e, portanto, como uma fonte atribuidora de Caso para quaisquer elementos em Spec-T da encaixada.

medida em que este é o único elemento capaz de valorar Caso Nulo contra o T não-finito, segundo a proposta de Chomsky e Lasnik (1993) e de Hornstein (1999) — ver seção 3.1 —, quanto semântico, já que, segundo Duarte (2003), e conforme já apontado na introdução desta dissertação, a única interpretação possível para o sujeito da oração subordinada é o de um “alguém” distinto do sujeito da matriz da *tough-construction*.

É a ausência de traços- $u\phi$ em T, então, que explica a impossibilidade de flexionar o verbo da encaixada, como exemplificado em (27), ou mesmo de explicitar qualquer sujeito de interpretação não arbitrária no PE. A representação que conclui os fatos apresentados até agora, para essa variedade do português, está configurada em (28).

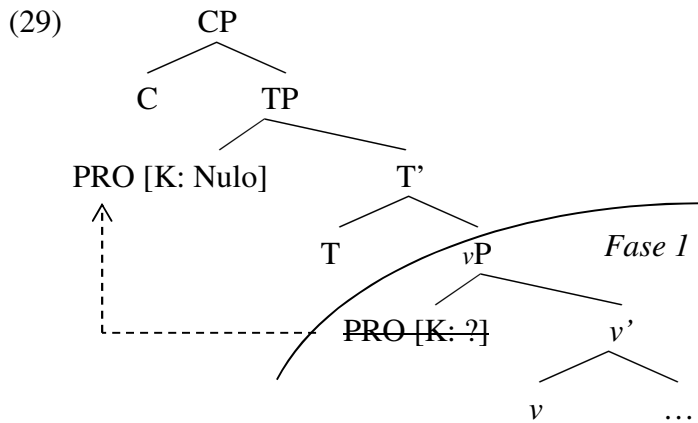
(27) O João é difícil de pagarmos. PB: OK / PE: *

(28) [TP [DP O João] [T' é [AP difícil [PP de [CP C [TP PRO_w [T' pagar...]]]]]]]]

Dessa perspectiva, o estatuto da preposição introdutora das orações infinitivas nas *tough-constructions* do PE é distinto do que se vê no mesmo contexto no PB. Para o primeiro, não há relação entre a preposição e o sujeito da encaixada, já que a valoração de Caso de PRO não é consequência da articulação entre esses elementos; esta preposição, na realidade, é o núcleo que satisfaz os requerimentos da oração de caráter nominal. Para o segundo, “de” consiste no próprio núcleo C, e a preservação dos traços- $u\phi$ desse núcleo o torna a fonte provedora do Caso Nominativo para o sujeito da encaixada, nulo ou realizado. O PB, portanto, tem a retenção como a opção do sistema de distribuição associada a C-*de*.

A partir das considerações levantadas acima, vê-se que existem impedimentos tanto de ordem semântica quanto de ordem sintática para que haja ambiguidade nas *tough-constructions* no PE. Em âmbito semântico, é bastante claro que não é possível coindexar o sujeito determinado e explícito da oração matriz ao sujeito de referência necessariamente arbitrária da encaixada. Na perspectiva sintática, a inserção de um PRO advindo da Numeração em Spec-T se mostra como a única opção para a valoração do Caso Nulo permitida pela concordância com o T defectivo.

A representação dessa derivação segue os passos descritos a seguir:



Via *merge* externo, PRO é concatenado em Spec-*v*, satisfazendo seu requerimento temático. Uma vez que o domínio C-T desta construção no PE é defectivo e que a ϕ -dependência de EPP_T é assumida para o PE, a princípio não há motivação para que Spec-T seja projetada: se o núcleo T não abarca traços, não pode atuar como sonda de um DP com o qual deveria concordar e, consequentemente, satisfazer seu EPP. PRO, no entanto, difere dos DPs por não conter traços- $i\phi$, o que o torna incapaz de atuar como alvo de qualquer sonda proveniente de *agree-features* e estabelecer relação de concordância. Por isso, é plausível considerar que Spec-T seja, nessa situação, projetada independentemente da atuação de traços- $u\phi$; PRO é, assim, copiado em Spec-T para satisfazer o requerimento do Caso Nulo. Cabe ressaltar, a esse respeito, que à luz dos desdobramentos recentes do PM (Chomsky, 2008), não é claro como captar formalmente a necessidade de satisfação do EPP especificamente em orações infinitivas, já que, a princípio, a criação de Spec-T é atrelada a um requerimento dos traços que T herda de C, o que normalmente não se observa, pelo menos no que tange a traços- $u\phi$, em tais orações — a não ser em línguas como o português, que admite infinitivo flexionado em algumas construções. Uma vez que Chomsky (2008) assume o “caráter misterioso” (p. 156) do EPP e que discuti-lo não faz parte dos objetivos desta pesquisa, não serão mais tecidas considerações a respeito, embora se reconheça que esse assunto merece um tratamento mais aprofundado, o que ficará para etapas posteriores em continuidade a esta investigação.

Até o momento, a presente análise permite explicar o contraste de gramaticalidade em construções do PB como as representadas em (30) a seguir, em que o DP “o João” é realizado junto à oração infinitiva, o que é bloqueado no PE. Estendendo a explanação anterior a essa nova construção, no PB o DP tem seu traço de

Caso valorado por meio da concordância estabelecida com os traços- $u\phi$ retidos em C. Não está ainda claro, contudo, como essa abordagem dá conta de sentenças como (31), em que o DP é acompanhado por um pronome lembrete; em tal construção, “de” atribuiria Caso para “o João”, para “ele” ou para ambos os constituintes? Essa construção será abordada na seção a seguir.

(30) É difícil do João agradar as pessoas. PB: OK / PE: *

(31) É difícil do João, ele agradar as pessoas.

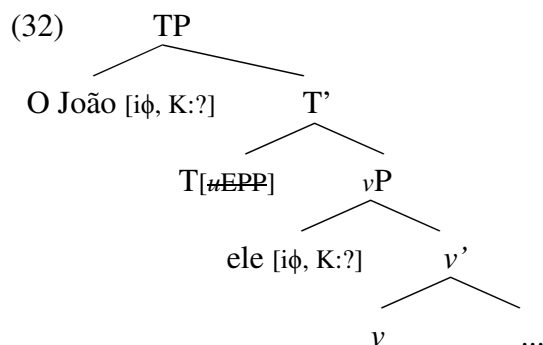
3.2.2 Orações infinitivas preposicionadas com pronome lembrete

O caminho aqui delineado se mantém aos moldes da proposta de Ouali (2008) acerca da distribuição dos traços- ϕ no complexo C-T. Para explicar (31), um caminho possível é explorar a ideia de que, em construções desse tipo, C-*de* compartilha, em vez de reter, seus traços com T, o que permite a coocorrência de duas fontes atribuidoras de Caso no interior da oração infinitiva: uma para “ele”, que tem seu traço de Caso valorado como Nominativo por meio da concordância com traços- $u\phi$ herdados por T, e outra para “o João”, que também valora Nominativo por meio dos traços- $u\phi$ mantidos em C.

Embora o compartilhamento seja a última opção na hierarquia proposta por Ouali, tendo em vista não ser a operação mais econômica (porque envolve dois alvos, duas sondas e, conseqüentemente, o estabelecimento de duas relações de concordância), ela é a única que permite a convergência de uma sentença como (31): “also, it **seems natural** that SHARE only applies when T and C probe two different goals” (OUALI, 2008, p. 19, grifo meu). “O compartilhador”, então, é a segunda figura assumida pelo C-*de*.

Conforme apresentado no item 1.3.2 do capítulo 1, o pressuposto sobre o qual se apoia a presente hipótese é o de que a infinitiva que apresenta estrutura de tópico acompanhado por pronome lembrete se organiza na configuração de múltiplos especificadores — neste caso, duplo especificador: o tópico como “o João” ocupa o Spec-T mais alto na árvore, mais próximo ao núcleo C, enquanto o pronome lembrete “ele” é concatenado mais abaixo, mais próximo de T. O esquema que representa a

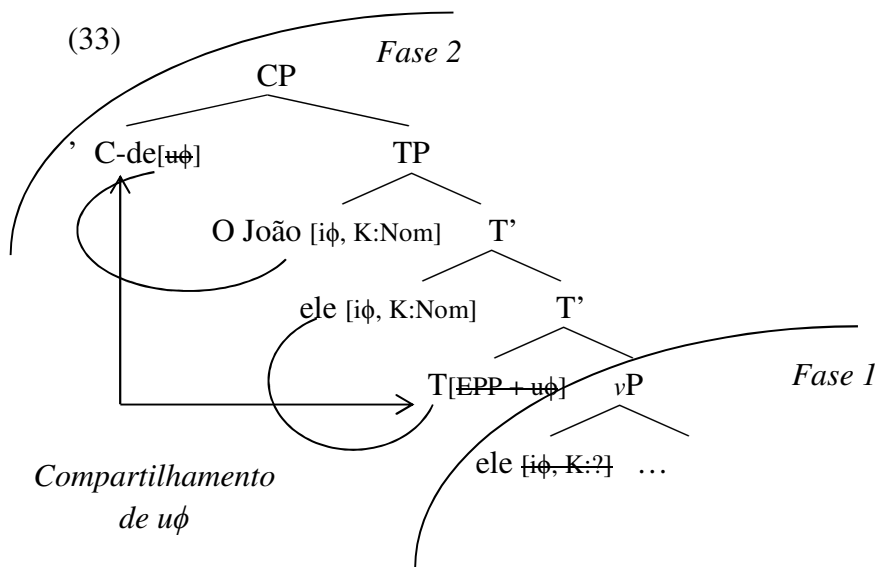
distribuição de traços- ϕ numa construção como (31), explicado a seguir, deixa claro o ponto derivacional em que cada item se concatena à estrutura, dentro da proposta aqui defendida:



O elemento que satisfaz o requerimento temático de v é “ele”, já em Spec- v quando T entra na estrutura. Para satisfazer seu μ EPP ϕ -independente, concatena-se a Spec-T o DP “o João”. Dessa forma, quando o *C-de compartilhador* de traços é concatenado acima de TP, essas são as posições ocupadas pelo tópico e pelo pronome lembrete.

Em seguida, a sonda C compartilha seus traços- $u\phi$ com T e estabelece concordância com o DP já copiado em Spec-T, “o João”, que assim valora Nominativo. Por sua vez, a sonda T, que acaba de receber os traços- $u\phi$ compartilhados por C, estabelece concordância com “ele”, o qual termina por liquidar todos os requerimentos desse núcleo ao se mover para um segundo Spec-T, mais próximo a T⁶⁷, motivado justamente pela ação dos traços recebidos. Consequentemente, também tem seu traço de Caso valorado como Nominativo. A proposta, então, é de que são necessários dois itens distintos para a satisfação dos traços de T: um para satisfazer o EPP_T, outro para os traços- $u\phi$ que T herda de C, o que justifica a geração de dois Spec-Ts.

⁶⁷ Em termos estritamente sintáticos, uma sentença como “É difícil **dele**, o **João** pagar” poderia ser realizada; no entanto, por razões semântico-discursivas, sua derivação é bloqueada, já que o pronome c-comanda uma expressão referencial com a mesma referência. Assim, o pronome deve necessariamente ser conectado ao Spec-T mais baixo para impedir a violação ao Princípio C.



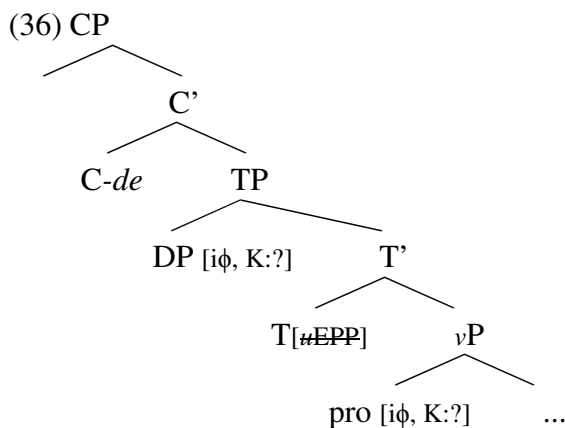
Acerca da derivação anterior, duas observações merecem ser destacadas:

- i. Os dois itens que satisfazem os requerimentos de T atuam de maneira exclusiva, isto é, o primeiro DP, o tópico, refere-se somente ao EPP_T e o segundo, o pronome lembrete, somente aos traços- $u\phi$ que T recebe de C, em compartilhamento. A satisfação do EPP_T por meio de um item derivado paralelamente é um passo preferível em relação à cópia de “ele”, uma vez que *merge* externo é mais econômico que *merge* interno (CHOMSKY, 1995).
- ii. Não fosse o estatuto diferenciado de C (como um compartilhador de traços), a retenção impediria o movimento do pronome lembrete de Spec- v para Spec-T, haja vista a ausência de traços- $u\phi$ em T para o estabelecimento da relação sonda-alvo que motivaria a cópia do DP. Vê-se, assim, a relevância da definição do sistema de distribuição de traços em C para a presente proposta.

À primeira vista, a possibilidade de compartilhamento implica a existência de ao menos mais uma análise para uma construção como aquela em (30), repetida em (34a) a seguir, em que se previu, a princípio, o C-*de* retentor. Esta nova estrutura teria a presença de um *pro* — que teria seu Caso Nominativo valorado por meio da concordância com os traços- $u\phi$ herdados por T, assim como o pronome lembrete morfofonologicamente realizado — concomitantemente a “os meninos”, agora concebido como tópico, tal como na representação em (34b). É importante notar que a presença de

Como se vê, essa proposta é bastante similar à de Avelar e Galves (2011) (ver seção 2.4.3). No entanto, ainda resta o problema do acúmulo de Casos consequente do alçamento do DP para a matriz, uma vez que, em Spec-T da encaixada, ele já teria seu traço de Caso valorado como Nominativo contra os traços- $u\phi$ mantidos em C.

Dessa forma, sob o viés da proposta desenvolvida nesta investigação, o alçamento do DP a partir do Spec-T da encaixada para o Spec-T da matriz não se mostra uma análise viável para a interpretação resultante no PB, uma vez que o estatuto do sistema de distribuição de traços- $u\phi$ vinculado ao C-*de* está, como se assume aqui, necessariamente vinculado à preservação desses traços no núcleo, seja via retenção, seja via compartilhamento. Em qualquer um dos dois cenários, o DP é o elemento que tem preferência, acima de *pro* (inicialmente em Spec-*v*), para estabelecer concordância com a sonda proveniente de C-*de*, dado o ponto derivacional em que ambos se concatenam (já representado em (32), e recordado a seguir com outros detalhamentos).



Como se vê, o DP e o *pro* não compartilham o mesmo Domínio Mínimo no ponto derivacional representado em (36), não sendo, portanto, equidistantes da sonda C-*de* (papel resultante da preservação dos traços- $u\phi$) para o estabelecimento da concordância. Uma vez valorado o Caso do DP, já não existe mais motivação (pelo menos no que concerne ao traço de Caso) para sua cópia em Spec-T da oração matriz nas *tough-constructions*.

Uma análise alternativa pode ser inspirada na proposta de Toniette (2013), que explora a possibilidade de Spec-C ser uma posição utilizada para a recepção de constituintes topicalizados no PB, tal como ilustrado em (37b) para a sentença em (37a).

- (37) a. A Maria, eu sempre vejo ela.
 b. $[_{CP} [_{DP} A \text{ Maria}]_i C [_{TP} \text{eu sempre vejo ela}_i]]$

Assim, uma análise possível para a situação das *tough-constructions* é aquela esboçada em (38) a seguir, em que o DP “o João” é conectado no Spec-C da encaixada (fora, portanto, da ação da sonda desencadeada pelos traços- $u\phi$ de C, o que o deixa sem valor para o traço de Caso) e, desta posição, ser copiado para o Spec-T da oração matriz (*merge* interno). O fato de não ter seu traço de Caso valorado em Spec-C impede, por exemplo, a geração de sentenças como aquela em (39), que é claramente agramatical.

- (38) $[O \text{ João}]_i \text{ é difícil } [_{CP} [_{DP} \text{o João}]_i [C' \text{ de } [_{TP} \text{pro}_i [T' \text{ pagar...}]]]]$
- 

- (39) *É difícil o João de (ele) pagar.

Ao contrário do que possa parecer à primeira vista, essa análise não contraria o que foi assumido até aqui a respeito da possibilidade de tópicos serem licenciados em Spec-T, tendo em vista propostas como a de Figueiredo Silva (1996), que argumentam em favor da existência de duas posições de tópico no PB — uma alta, acima de C, e outra baixa, abaixo de C: no presente trabalho, a posição mais baixa pode corresponder a Spec-T, enquanto a mais alta, a Spec-C.

Além disso, em conformidade com Chomsky (2008), ressalta-se que Spec-C é compreendida como uma posição-A' (já que resultante da ação de traços-borda, não traços- ϕ), o mesmo que aqui é admitido para Spec-T no PB (ver seção 2.4.3 a respeito do conceito de ϕ -independência). Assim, é possível considerar que há dois lócus capazes de abrigar DPs topicalizados no PB: Spec-C e Spec-T, a depender do processo derivacional⁶⁸.

O alçamento, no entanto, não é a única saída para a derivação das *tough-constructions* “clássicas”: ainda é possível captar a correferência entre sujeitos a partir

⁶⁸ Um problema que, à primeira vista, se impõe contra essa análise diz respeito à motivação por que um constituinte como “o João” se concatenaria em Spec-C e não diretamente em Spec-T tão logo essa posição fosse projetada, dado que (i) no PB ela é ϕ -independente e (ii) esse tipo de operação é mais econômico que copiar o *pro* que preenche Spec- v e satisfaz os requerimentos temáticos desse núcleo. Cabe observar que isso não é de fato um problema, na medida em que é possível pressupor que “o João”, na verdade, faz parte do arranjo da numeração que diz respeito à fase que se segue à derivação da oração encaixada. Assim, esse constituinte não estaria acessível no momento em que a sonda T entra na derivação.

da assunção de que o sujeito da oração matriz concatena-se diretamente (*merge* externo) na posição em que é realizado, isto é, no Spec-T da oração matriz, não interferindo na relação entre *C-de* e *pro*. Sob esse ponto de vista, cuja configuração está apresentada em (40b), o núcleo *C-de* da encaixada deve necessariamente *reter* seus traços- $u\phi$, aos moldes da derivação apresentada anteriormente no item 3.2.1.

- (40) a. [O João]_i é difícil de pro_i pagar.
 b. [_{CP} C [_{TP} [O João]_i [_{T'} é [_{AP} difícil [_{CP} de [_{TP} pro_i [_{T'} pagar...]]]]]]]]]]]

Novamente recuperando Avelar e Galves (2011), essa segunda análise mostra-se viável, tendo em vista que Spec-T do PB é uma posição-A', capaz, portanto, de receber constituintes topicalizados. Então, segundo esta proposta, é nesta posição que o sujeito da matriz “o João” tem satisfeito seu requerimento de Caso; é também dela que ele controla o sujeito da encaixada, formando uma cadeia por meio da qual garante a “interpretação de alçamento” (conforme a denominação adotada na nota de rodapé 21) da sentença.

Esse é o ponto crucial da análise da “concatenação direta”. Parte-se do pressuposto de que, em construções similares a (40a), constituintes topicalizados como “o João” não precisam receber papel temático na posição em que se conectam, uma vez que são interpretados por meio de uma relação prediativa com toda a oração (*predication relation*), exatamente devido à correferência com um pronome referencial nulo na posição referente à sua interpretação adequada⁶⁹.

- (41) [O João]_i é difícil de pro_i pagar.


Cabe ainda destacar que essa análise é consistente com a ideia de que, nas *tough-constructions* sem alçamento, um *pro*-expletivo é licenciado no Spec-T da oração matriz, tal como representado em (42) a seguir.

⁶⁹ Observa-se que as relações temáticas estabelecidas entre categorias lexicais ou expressões complexas (predicadores) são também denominadas relações predativas. Assim, em uma construção como “O João quebrou o vaso”, é a relação predativa “quebrar o vaso” que atribui o papel temático a “O João”.

Em sentenças do tipo “A Maria, o Pedro disse que a irmã dela viajou”, o constituinte topicalizado “A Maria”, embora não esteja em uma posição temática, tem sua interpretação adequada garantida porque há um pronome interno à oração com o qual estabelece correferência. O mesmo é proposto para as *tough-constructions* do PB.

(42) pro_{expl} . É difícil do João pagar.

Ainda que a preocupação central deste trabalho gire em torno das especificidades das orações infinitivas inseridas em *tough-constructions* (motivo pelo qual os mecanismos das orações matrizes não serão discutidos de forma mais aprofundada), delimitar o sistema de distribuição de traços no domínio C-T tem implicações na análise da origem do sujeito da matriz, e por esse motivo julgou-se pertinente trazer discussões acerca dos limites da análise aqui proposta e da forma como essa análise poderia captar, ainda que potencialmente, os problemas classicamente apontados no estudo dessas construções. Como se viu, são necessárias novas investigações em torno das análises tanto do alçamento do sujeito quanto de sua concatenação direta em Spec-T, uma vez que, aos moldes do arcabouço teórico mais recentemente desenvolvido dentro do PM, ambas as soluções ainda apresentam lacunas a serem preenchidas para explicar a gramaticalidade das *tough-constructions* no PB.

Para os limites desta seção, o ponto mais importante a ser destacado é o licenciamento de dois itens distintos e correferentes para a satisfação de requerimentos de T: o tópico para o EPP_T e um pronome lembrete para os traços- $u\phi$.

3.2.4 Orações infinitivas preposicionadas com tópico-sujeito

Um ponto positivo da análise proposta nas seções anteriores é o fato de ela captar não apenas o fato de sujeitos argumentais ocorrerem no Spec-T da infinitiva encaixada, mas também de permitir encaminhar uma explicação, ainda que parcial, para a ocorrência de tópicos-sujeitos locativos no interior da encaixada, como se vê em (43a), derivada de (43b).

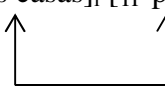
- (43) a. É difícil dessas casas entrarem ladrão.
b. É difícil de entrar ladrão nessas casas.
c. É difícil de entrar nessas casas.
d. *É difícil dessas casas entrarem.

O contraste entre as sentenças anteriores mostra que são gramaticais as *tough-constructions* com locativos adjuntos ou com tópicos-sujeitos locativos acompanhados por outro argumento verbal, mas não são aquelas que só apresentam o locativo. Em

(43c), em que o locativo se apresenta como adjunto preposicionado e não como tópico, todos os requerimentos são atendidos caso se pressuponha uma estrutura tal como aquela proposta no item 3.2.1, em que a posição de sujeito da oração encaixada é ocupada por uma categoria vazia de referência genérica ou arbitrária. O problema passa a ser quando, em (43d), está explícito apenas o tópico-sujeito da estrutura inacusativa, o que sugere ser o item “essas casas”, na verdade, simples tópico, correferente a um pronome lembrete nulo no Spec-T mais próximo a T, aos moldes do sistema de compartilhamento de traços- $u\phi$ no domínio C-T. É viável supor que o pronome lembrete é primeiro concatenado como complemento de V (e não em Spec-v, neste caso, por se tratar de uma estrutura inacusativa), para satisfazer os requerimentos temáticos de V — a correferência, portanto, acaba por produzir a interpretação segundo a qual “essas casas” é agente⁷⁰ de “entrar”, o que se trata, obviamente, de uma leitura inapropriada, que remeteria à ideia de que “é difícil de essas casas executarem a ação de entrar em algum lugar”.

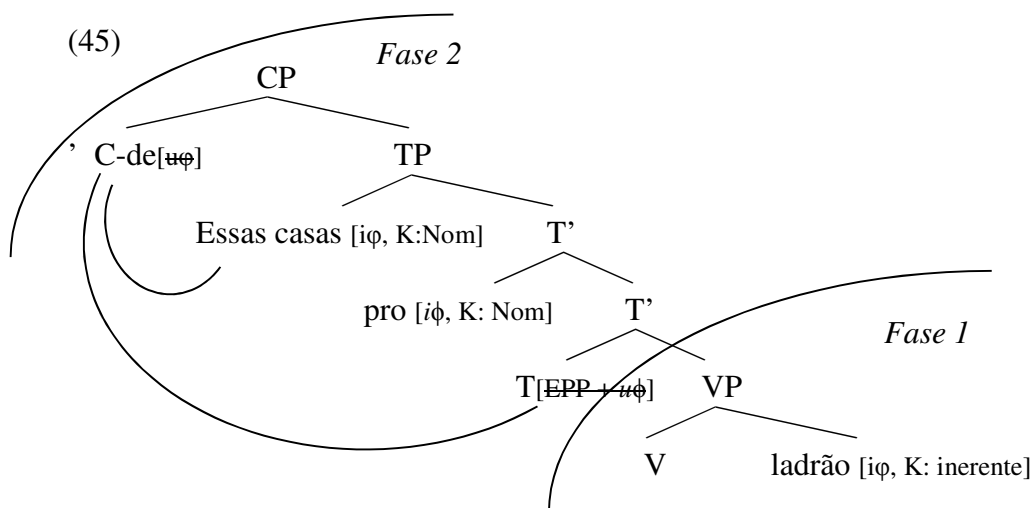
Em linhas gerais, a referência indesejada é esta:

(44) ... é [_{AP} difícil [_{CP} de [_{TP} [_{DP} essas casas]_i [_{TP} pro_i [_{T'} T [_{VP} V ~~pro_i~~]]]]]]]]]



A inserção do argumento do verbo, “ladrão”, modifica completamente a interpretação da sentença, uma vez que é esse elemento que satisfaz os requerimentos temáticos do verbo como complemento de V, o que impede a leitura indesejada. Essa é a explicação para a gramaticalidade de uma sentença como (43a), cuja derivação se dá, *grosso modo* para a presente proposta, da seguinte maneira:

⁷⁰ Não são de fato claros nem estáveis os papéis temáticos atribuídos aos argumentos do verbo “entrar” nos exemplos aqui em evidência. O papel de agente, em específico, é ainda mais questionável, na medida em que é largamente assumida na literatura sua associação com Spec-v, presente em estruturas transitivas. Talvez uma classificação mais precisa para o constituinte “essas casas” seja a de “desencadeador de processo” em (43d) e a de “afetado pelo processo” em (43a) (cf. classificação de Cançado, 2005).



Foge do escopo deste trabalho o detalhamento dos processos que tornam o locativo tópico-sujeito no PB⁷¹. O que é de interesse aqui é o fato de que, ainda nesse contexto, é possível assumir que o tópico-sujeito locativo ocupa o Spec-T mais alto da oração encaixada (na linha do proposto em Avelar e Galves, 2011), checando Caso Nominativo por meio dos traços mantidos em C durante o compartilhamento, conforme foi anteriormente proposto no item 3.2.2 deste capítulo. No Spec-T mais baixo, admite-se um *pro* que atua como pronome lembrete do tópico-sujeito e que estabelece relação de concordância com os traços herdados por T, o que é visível pela flexão verbal.

Uma saída que pode ser experimentada para lidar com o constituinte nominal que permanece em V sem valorar Caso é explorar a ideia de que verbos inacusativos atribuem Caso inerente ao complemento (Belletti, 1988; Nunes, 2012; Tonietto, 2013)⁷².

⁷¹ Alguns trabalhos que tratam mais profundamente de termos não argumentais em posição de sujeito, entre eles os locativos, são Avelar e Cyrino (2008), Munhoz e Naves (2012) e Tonietto (2013).

⁷² A princípio, outra saída seria adotar a hipótese de Avelar e Galves (2011) acerca da valoração do Caso nas línguas naturais. Os autores assumem dois tipos de língua no que tange à necessidade de seus constituintes nominais valorarem Caso: aquelas em que esses constituintes sempre apresentam um traço de Caso a ser valorado (denominadas [+K]), e aquelas que podem ou não apresentá-lo (podem ser [+K] ou [-K]). O PB seria uma língua do segundo tipo. Sob esta perspectiva, o constituinte nominal que permanece sem Caso em posição de complemento seria marcado como [-K], característica que garante sua realização sob a forma do Nominativo, o Caso *default* do PB.

No entanto, esta análise em específico não se mostra compatível com os demais pressupostos aqui considerados, e por isso não será adotada (ainda que o seja a proposta relacionada à ϕ -independência, cf. seção 2.4.3 do capítulo 2). Assumir que a presença do traço de Caso é opcional implica dispensar a necessidade de uma fonte atribuidora de Caso para Spec-T da encaixada, bem como, portanto, os sistemas de distribuição de traços- ϕ no complexo C-T. Além disso, conforme ressaltado por Nunes (2012), a proposta de Avelar e Galves também é problemática porque incorretamente prevê a gramaticalidade de, por exemplo, construções cujos constituintes dativos ocorrem sem preposição:

- (i) a. Dei o livro a/para o João.
- b. * Dei o livro João.

Outra sentença relevante relacionada a tópicos-sujeitos locativos no contexto das *tough-constructions* está apresentada abaixo; nela, o sujeito da matriz é justamente o próprio locativo. Percebe-se, aqui, que alocar o argumento “ladrão” em posição pré-verbal na encaixada impede a concordância entre “essas casas” e “entrar”, exatamente porque esse movimento preenche Spec-T da infinitiva⁷³, cujos elementos terão valorados Caso Nominativo por meio da sonda *C-de*.

- (46) a. Essas casas são difíceis de ladrão entrar(*em).
 b. Essas casas são difíceis [_{CP} de [_{TP} ladrão_i [_{T'} pro_i entrar

Até o momento, então, foi possível constatar a importância do núcleo C no licenciamento dos especificadores da oração encaixada em *tough-constructions*. No entanto, conforme foi visto no início do capítulo, existem sentenças gramaticais tanto no PB quanto no PE, tais quais (47), que não contemplam a presença de um “de” introdutor. Tais construções serão abordadas a seguir.

- (47) É difícil o João pagar. PB: ok / PE: ok

3.2.5 Ausência vs. presença de preposição e distribuição dos traços- $\mu\phi$

Considerando a argumentação desenvolvida até aqui, que deixa em evidência o papel do complementizador e sua relação com o sujeito da encaixada, a análise agora caminha no sentido de propor um núcleo C aos moldes de Chomsky (2008), isto é, um núcleo doador de traços- $\mu\phi$. A gramaticalidade de (47) nas duas línguas permite concluir que tanto para o PE quanto para o PB é possível pressupor um C morfo-fonologicamente nulo (doravante, C-0), cuja única opção no sistema de distribuição de traços- $\mu\phi$ é a *transferência* para T, tornando-o a sonda que estabelecerá a relação de

⁷³ Um aparente problema para a análise diz respeito a (i), construção em que o tópico-sujeito locativo da matriz é coreferente a um pronome nulo na encaixada. A concordância entre *pro* e o verbo se reflete na flexão do infinitivo:

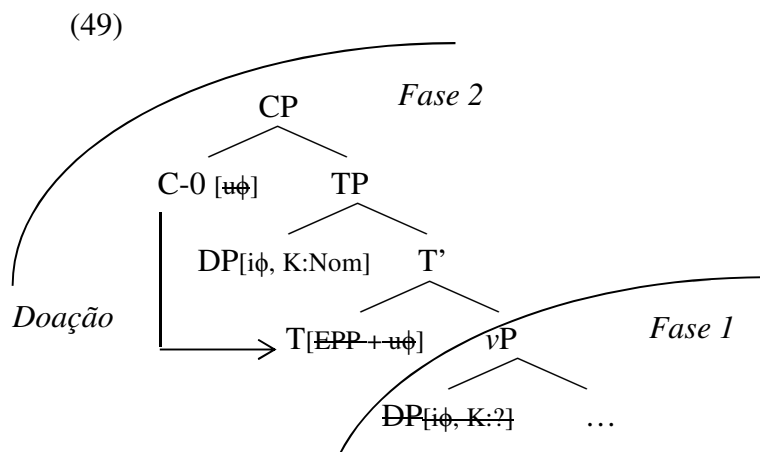
- (i) a. ? Essas casas são difíceis de entrarem ladrão.
 b. [Essas casas]_i são difíceis de pro_i entrarem ladrão.

De acordo com a análise aqui desenvolvida, não é claro o motivo pelo qual o infinitivo poderia se flexionar, uma vez que este *C-de* está associado ao sistema de retenção, o que impede a existência de traços- $\mu\phi$ em T. É muito possível que seja essa a razão por que a intuição de parte dos falantes consultados não considera essa sentença plenamente gramatical. Devido à impossibilidade de determinar com mais precisão seu juízo de gramaticalidade, manterei esta questão em aberto.

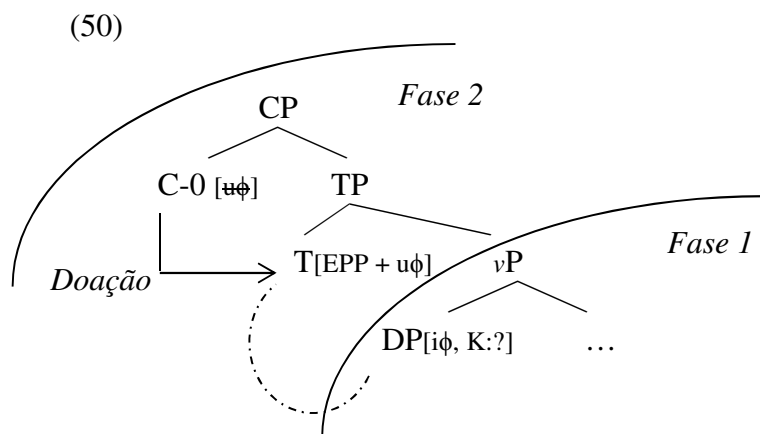
concordância com o sujeito da encaixada. A representação a seguir demonstra pontualmente essa ideia:

(48) ... é [_{AP} difícil [_{CP} C-0 [_{TP} [_{DP} o João] [_{T'} pagar...]]]]]]]

Considerando os pressupostos assumidos até aqui, a derivação não se desenvolve da mesma maneira nas duas línguas devido a diferenças no estatuto de EPP de T (ϕ -dependente no PE e ϕ -independente no PB) e no ponto derivacional de Spec-T (cf. Avelar e Galves, 2011). No PB, a concordância entre T e o DP é posterior à satisfação do EPP, já que Spec-T é projetada antes da transferência dos traços- $u\phi$.



Já no PE, a concordância ocorre concomitantemente à satisfação do EPP, tendo em vista que esta apenas se torna possível depois que T estabelece a relação Sonda-Alvo com o DP. A projeção de Spec-T, portanto, depende totalmente da doação de C para T.



Aqui, cabe lembrar o item 3.2.1, no qual se assumiu que as orações infinitivas preposicionadas do PE, internas às *tough-constructions*, têm um estatuto nominal, que

exige valoração de Caso (nos termos da Gramática Tradicional, seria possível classificá-las como orações subordinadas completivas nominais, na medida em que atuam como complemento do constituinte adjetival). A partir desse pressuposto acerca do caráter nominal das infinitivas, torna-se possível explicar construções como (47), embora nelas inexista uma preposição atribuidora de Caso. Os testes aplicados em (51) demonstram que a infinitiva não preposicionada pode vir posposta ou anteposta à oração matriz, enquanto isso não é possível na presença do “de”.

- (51) a. É difícil pagar o João.
b. Pagar o João é difícil.
- (52) a. O João é difícil de pagar.
b. *De pagar o João é difícil.

Isso indica que, na pressuposição de que as infinitivas em (51) também têm caráter nominal, elas constituem o sujeito da oração matriz, o que, na classificação tradicional, implica denominá-las orações subordinadas subjetivas. Essa proposta vai ao encontro de Kato (2000), que afirma que, quando forem sujeitos oracionais, frases infinitivas terão seu traço de Caso Nominativo checado/valorado (nos termos pré-Chomsky, 2008) por meio de movimento para uma posição pré-verbal. Por outro lado, quando estiverem localizadas *in situ*, Kato propõe que, “para checagem do nominativo, o que sobe são apenas seus traços formais suficientes para satisfazer o EPP” (2000, p. 22), o que talvez possa ser captado, no quadro teórico aqui adotado, por meio da ideia de *concordância à distância*. Portanto, a ausência da preposição introdutória não é um impeditivo para a valoração dos traços da oração infinitiva.

Esta situação se torna um problema, à primeira vista, frente à possibilidade de haver um tópico retomado por um pronome lembrete na oração encaixada, conforme ilustra (53). Na medida em que o C-0 transfere seus traços- $u\phi$ totalmente para T, o DP “o João” não encontra fonte atribuidora de Caso; a sentença, então, deveria ser agramatical, em contrariedade ao que se verifica.

- (53) a. É difícil o João_i, ele_i pagar.
b. É difícil o João_i pro_i pagar.

Para explicar essa construção, é possível se apropriar da ideia de Caso *default*⁷⁴ (cf. Kato, 2012), que, no português, leva os DPs a se realizarem na forma Nominativa. Em conformidade com essa proposta, o constituinte “o João” em (53) não estaria em Spec-T, mas numa posição mais alta especializada na recepção de elementos realizados com Caso *default* (por exemplo, Spec-Top, na periferia de C), que dispensa a ação de traços- $u\phi$. Nesse sentido, a ausência da preposição, como fonte atribuidora de Caso não é mais problemática para a análise de casos com tópico seguido de pronome lembrete.

A análise desenvolvida nesta última seção abre espaço para uma reflexão mais sólida a respeito do encaminhamento da hipótese até o momento. Foram propostos, para o PE, dois estatutos para o C morfo-fonologicamente nulo introdutor da encaixada nas *tough-constructions*:

- i. O C defectivo (que não porta traços- $u\phi$) introdutor das orações completivas nominais antecedidas da preposição *de*, causa da ausência de traços- $u\phi$ no domínio C-T e, portanto, de uma fonte atribuidora de Caso para a ocorrência de sujeito;
- ii. E o C-0, que porta traços- $u\phi$, mas doa-os para T.

Estes dois cenários são previstos pelo PM a partir da relação indissociável estabelecida entre os núcleos C e T: "in the lexicon, T lacks these [$u\phi$] features. T manifests them if and only if it is selected by C (default agreement aside); if not, it is a raising (or ECM) infinitival, lacking ϕ -features and tense" (CHOMSKY, 2008, p. 9). Isso significa que, na ausência de traços em C, inexistem uma fonte atribuidora de Caso Nominativo para Spec-T.

A gramática do PB, diferentemente da do PE, dispõe sempre de uma fonte atribuidora de Caso nas orações infinitivas das *tough-constructions*, o que significa que sempre existem traços- $u\phi$ no domínio C-T dessas orações, os quais são distribuídos segundo os três sistemas previstos por Ouali (2008): doação, retenção e compartilhamento. No caso específico das *tough-constructions* do PB, estes parecem estar associados à realização morfo-fonológica do núcleo C como *de*; assim:

⁷⁴ Caso *default* não é consequência de licenciamento sintático; "as formas de Caso *default* de uma língua são aquelas usadas para a realização de sintagmas nominais que não são associados a nenhum traço de Caso a eles atribuído ou checado por mecanismos sintáticos" (VIOTTI, 2005, p. 55)

- i. O núcleo *C-de*, assim compreendido por realizar-se morfo-fonologicamente como preposição, relaciona-se aos dois sistemas de distribuição de traços previstos por Ouali (2008) que permitem a **preservação de traços- $u\phi$ em C**, a retenção e o compartilhamento;
- ii. C-0, no entanto, é o mesmo que o do PE, associado somente à transferência de traços.

Essa aparente incongruência sobre o sistema de distribuição de traços de C para T pode ser facilmente acomodada a partir das previsões da proposta de Ouali (2008), na medida em que a escolha do procedimento se dá em termos de economia derivacional. Isso significa que sempre é aplicada a operação que for mais econômica: a partir de uma dada Numeração, *C-de* reterá ou compartilhará seus traços- $u\phi$ tendo em vista a convergência da derivação. De forma a ilustrar essa afirmação, considera-se o contraste das duas Numerações abaixo. N_1 , em oposição a N_2 , contém um *pro* que atuará como pronome lembrete do sintagma “os meninos” a ser formado na oração encaixada. Tendo isso em vista, se ao curso da derivação resultante de N_1 *C-de* reter seus traços em vez de compartilhá-los, ela fatalmente fracassará, uma vez que não há motivação para mover *pro* e valorar seu Caso em Spec-T. Por sua vez, a ausência do pronome lembrete em N_2 implica necessariamente gerar a construção representada em (55a): a partir dessa Numeração, *C-de* não pode compartilhar seus traços com T, porque isso significa recorrer a duas sondas sem que haja alvos em quantidade suficiente para satisfazer seus requerimentos.

(54) a. É difícil dos meninos pagarem.

b. $N_1 = \{pro_{expl.}, pro, \sqrt{ser}, difícil, C-de, os, meninos, \sqrt{pag-}, T_2\}$

(55) a. É difícil dos meninos pagar.

b. $N_2 = \{pro_{expl.}, \sqrt{ser}, difícil, C-de, os, meninos, \sqrt{pag-}, T_2\}$

O resultado em (54-55) deixa evidente outro ponto importante: o compartilhamento é o sistema que permite que se capte, de forma mais visível, o estabelecimento de concordância, enquanto a retenção está obrigatoriamente vinculada à ausência de flexão na oração encaixada, tópico que será discutido na próxima subseção.

Antes de finalizar esta subseção, é importante recordar que os três sistemas de distribuição de traços no domínio C-T previstos por Ouali (2008) são (como devem ser,

em conformidade com as expectativas do PM) motivados, e exatamente por essa razão um fenômeno que aparenta ser arbitrário — a facultatividade da preposição introdutória das infinitivas em *tough-constructions* do PB — torna-se algo sistematizado. Se a análise aqui apresentada estiver no caminho correto acerca da relação entre a realização morfofonológica de C como “de” e a preservação de traços-*uφ* nesse núcleo, conclui-se que, na verdade, essa preposição não é facultativa, porque jamais ocorre nos contextos de doação, em que, ressalta-se, PB e PE comportam-se da mesma maneira. Considerar de maneira mais aprofundada os sistemas de distribuição subjacentes às infinitivas encaixadas impede que a presente análise se torne estipulativa, uma vez que permite que sejam tecidas previsões não somente em torno da própria preposição, como também da posição de sujeito⁷⁵.

3.2.6 Ausência da flexão na encaixada

Antes de finalizar a análise aqui proposta, algumas construções ainda merecem discussão. São elas:

- (56) a. É difícil dos meninos pagar.
 b. ? É difícil eles pagar.
 c. ? É difícil dos meninos, eles pagar.
 d. * É difícil os meninos, eles pagar.

Todas as sentenças em (56) mostram a falta de flexão do verbo da encaixada quanto à marca de número, o que, em termos sintáticos, significaria que (i) os traços-*uφ* no domínio C-T não foram valorados nem (ii) apagados, e (iii) não foi efetivada a operação de concordância. Considerar a flexão resultado da valoração de traços não é óbvio: conforme ressaltado na seção 1.2, Miyagawa (2010) destaca que muitos linguistas têm se perguntado a respeito do propósito da concordância, tendo em vista seu caráter redundante (por que reproduzir num item funcional informação contida já

⁷⁵ A banca de qualificação chamou a atenção para a importância de questionar os mecanismos que façam uma criança em fase de aquisição de língua materna capaz de distinguir os quatro Cs aqui propostos. Não há dúvidas de que, tendo em vista a adoção de uma análise de base paramétrica, esse questionamento mostra-se essencial para uma compreensão aprofundada do fenômeno das *tough-constructions*. No entanto, dadas as limitações já apresentadas na introdução deste trabalho e, portanto, dada a impossibilidade de apresentar uma resposta consistente com as abordagens gerativistas mais recentes no campo dos estudos aquisicionistas, tentativas de responder a esse questionamento ficarão para etapas posteriores da discussão.

em um núcleo lexical?) e arbitrário (qual seria a motivação dos gêneros das palavras, por exemplo?). O fato para o qual o autor aponta é que mesmo línguas que não manifestam concordância (*agreementless languages*, tais como as do Leste Asiático) estabelecem, sim, esse tipo de relação funcional, porém visível apenas em alguns momentos.

A ideia é que este seja o mecanismo subjacente a construções como (56a), cuja derivação pode ser explicada por meio da retenção de traços- $u\phi$ em C, conforme a discussão apresentada na primeira subseção 3.2.1: o sintagma “os meninos”, já em Spec-T da encaixada (por esta ser uma posição ϕ -independente), estabelece, sim, relação de concordância, porém com C, e não com T, o que impede que esse fenômeno seja captado pela flexão verbal. Reforça-se, assim, a instituição da operação de concordância, que garante a convergência da derivação, sem que, no entanto, isso seja visível.

Sem que haja uma fonte que licencie os especificadores da oração encaixada, a derivação é bloqueada, conforme se constata a partir da construção exemplificada em (56d), em que o tópico vem acompanhado de um pronome lembrete, sem a presença de C-*de*. Nessa, pressupõe-se a ocorrência de um C-0 doador, o que é insuficiente para motivar a cópia do *pro* em Spec-*v* e, conseqüentemente, para valorar seu Caso⁷⁶. Portanto, mais do que verificar o estabelecimento de concordância, é preciso haver uma fonte atribuidora de Caso para todos os elementos em posição de sujeito.

A partir dessas constatações, torna-se possível delinear com mais exatidão o real problema das sentenças (56b-c). Ambas licenciam os especificadores das infinitivas — para (56b) vislumbra-se um C-0 e para (56c), um C-*de* compartilhador —, porém em nenhuma delas verifica-se a flexão verbal sinalizadora da concordância com o sujeito da encaixada, ainda que tenha havido, de uma forma ou de outra, transferência de traços- $u\phi$ para T. Nessas construções, então, a não ocorrência de flexão verbal tem natureza diferente daquela constatada em (56a), explicada pela ausência dos traços relevantes em T.

É importante notar que, na amostra utilizada para o levantamento de dados que serviu como ponto de partida para esta investigação (ver seção 2.1 do capítulo 2 — as sentenças em questão foram recuperadas abaixo), sempre que havia elementos no plural

⁷⁶ Recomenda-se recordar os pontos derivacionais em que cada um dos especificadores se concatena à estrutura na representação (32), na subseção 3.2.2.

em posição de sujeito nas orações encaixadas, eles eram acompanhados por infinitivos flexionados em *tough-constructions*.

(57) É difícil eles mandarem...[ALIP AC 145]

(58) É bem difícil deles fazerem isso. [PEUL 00 - T11- Mir]

(59) É mais fácil deles arranjam dinheiro pra eles voltarem pra casa e tudo. [PEUL 00 - T26- Man]

Esse resultado suscita a hipótese de que construções como (56b-c) são possíveis em variedades linguísticas diferentes daquela considerada para a presente pesquisa, e por esse motivo o juízo de gramaticalidade acerca delas não pode ser delimitado com precisão. Nesse sentido, é possível verificar, por exemplo, que o juízo sobre essas sentenças torna-se menos questionável quando, ao ampliá-las, todo o conjunto apresenta falta de concordância, como em (60), o que sugere fortemente que as dúvidas a respeito dessas construções, especificamente, são fruto de choque de registro por conta da escolaridade daqueles que as julgam (entre os quais se inclui a autora deste trabalho).

(60) É difícil eles / os menino pagar as conta.

Dadas as considerações acima e as limitações deste trabalho, que não permitem a avaliação dessas sentenças de forma absoluta, não serão levantadas análises que as insiram na proposta aqui construída. Reconhece-se, ainda assim, a necessidade de estudos mais aprofundados, vinculados a testes em sintaxe experimental, para aferir juízos de valor emitidos por falantes de diferentes variedades do PB, capazes de determinar com mais precisão sua (a)gramaticalidade, para que possam ser tecidas hipóteses mais precisas acerca de suas derivações.

3.3 Evidências e previsões

Esta seção apresenta alguns dos fatos observados que permitiram o encaminhamento da hipótese deste trabalho, bem como algumas evidências em outras línguas que corroboram as ideias anteriormente delineadas.

3.3.1 Concordância em C

Tendo em vista a importância que cumpre a distribuição de traços- $u\phi$ de C na análise aqui proposta, é pertinente destacar que tanto a retenção quanto o compartilhamento previstos para o PB são recorrentes e morfo-fonologicamente observáveis em outras línguas. No Berber, por exemplo, dialeto indígena norte africano, Ouali (2008) constata todos os três níveis de distribuição, embora não de maneira morfo-fonologicamente visível (ver 1.2.3). O dado compilado a seguir mostra a aplicação da retenção, a partir da impossibilidade da doação:

- (61) mani thamttut ag 3lan araw
 qual mulher COMP ver.PERF.Part meninos
 ‘Qual mulher que viu os meninos?’

O autor deduz que, se o complementizador *ag* transferisse completamente seus traços- $u\phi$ para T, este núcleo, e não o C, seria a sonda do elemento-QU *mani thamttut* “qual mulher”, o qual permaneceria em Spec-T e não teria apagado seu traço- uQU , resultando no fracasso da derivação. É a retenção o procedimento capaz de explicar a gramaticalidade da sentença, já que isto mantém o núcleo C ativo para procurar pelo alvo mais próximo e, conseqüentemente, valorar todos os traços, inclusive Caso, do elemento-QU. Cabe, aqui, uma observação pertinente a respeito da subida do DP para Spec-C, o que não se verifica no mesmo contexto no PB: nesta língua, contempla-se a concordância dos traços- $u\phi$ de C com o sujeito que já se projeta em Spec-T, onde satisfaz o EPP_T , porque a subida somente se faz necessária para o apagamento de traços-QU.

A próxima sentença ilustra a aplicação de compartilhamento no Berber, a única opção que permite a convergência da derivação, porque contempla a possibilidade de haver concordância entre o T, preenchido por *inna*, e o sujeito *Ali*, ao mesmo tempo em que admite a subida do elemento-QU *ma* para valorar os traços- $u\phi$ remanescentes em C.

- (62) ma ag inna ali the3la (*3lan) araw
 quem COMP 3.s.disse ali 3sf.swa (*viu.Part) meninos
 ‘Quem que o Ali disse que viu os meninos?’

A ausência de marcas de concordância no Berber torna esta língua mais próxima do que foi proposto aqui para o PB. Em West Flemish, dialeto falado na Bélgica ocidental e em algumas partes da Holanda e da França, tais marcas são morfo-fonologicamente visíveis, como demonstram os dados compilados por Carstens (2003, *apud* Toniette, 2013) reproduzidos em (63):

(63) a. Kpeinzen dan-k (ik) morgen goan.

Eu-penso que-eu (Eu) amanhã irei
'Eu penso que eu irei amanhã.'

b. Kpeinzen da-j (gie) morgen goat.

Eu-penso que-você (você) amanhã irá
'Eu penso que eu irei amanhã.'

c. Kvinden dan die boeken te diere zyn.

Eu-acho que-PL esses livros muito caros estão
'Eu acho que esses livros estão muito caros.'

Como se vê, o complementizador altera sua forma conforme o sujeito que lhe sucede: *dan-k* para *ik*, *da-j* para *gie* e *dan-PL* para *die boeken*. A posposição do sujeito com o qual concorda demonstra sua manutenção em Spec-T, e, ainda mais, uma característica também observada no PB, segundo o presente estudo: a concordância do núcleo C com um elemento em TP.

Os fatos acima abordados corroboram a hipótese aqui delineada para as *tough-constructions* na medida em que demonstram ser plausível propor a existência de uma sonda C que não transfere traços. Existem, portanto, no conjunto das línguas naturais, gramáticas para as quais a concepção de C como fonte atribuidora de Caso se aplica. É ainda mais interessante verificar que esse núcleo também se manifesta na forma de preposição em outras línguas, fato em que a próxima subseção se deterá.

3.3.2 Preposição em C

Nota-se que, inserida nas *tough-constructions*, a preposição “de”, apesar de não ter conteúdo semântico bem delineado como outras preposições funcionais, não se

comporta como as *dummy prepositions* tradicionais, uma vez que não valora Caso Oblíquo:

- (64) a. *Eu sou difícil de **mim** sair de casa.
b. Eu sou difícil **d’eu** sair de casa.

De fato, o paralelo traçado a seguir é uma evidência de que o “de”, na realidade, é uma projeção do núcleo C e não está relacionada a um sintagma preposicionado. As sentenças em (65) são *tough-constructions* em que se observa uma projeção de tópico acompanhado por um pronome-lembrete dentro da oração encaixada; nelas, fica patente que o “de” não pode ser duplicado nem sair de sua posição de introdutor da oração encaixada. O mesmo efeito pode ser observado nas sentenças em (66), que claramente apresentam um CP, nucleado pelo “que”, introduzindo a subordinada:

- (65) a. *É difícil do João, dele pagar.
b. *É difícil o João, dele pagar.
c. É difícil do João, ele pagar.
- (66) a. *O João disse que a Maria, que ela vai viajar.⁷⁷
b. *O João disse a Maria, que ela vai viajar.
c. O João disse que a Maria, ela vai viajar.

Em outros contextos no PB e em outras línguas, encontram-se indícios de que o núcleo C pode ser realizado como outras preposições além de “de”, mesmo que apresentando **propriedades distintas** daquelas verificadas e defendidas para o C-*de* nesta pesquisa, uma vez que a realização morfo-fonológica de C como quaisquer outras preposições não está obrigatoriamente condicionada à preservação de traços. É o caso, por exemplo, do núcleo que aqui será denominado C-*para*, introdutor do constituinte que atua como complemento do verbo *dizer* em (67a). O contraste entre o grupo de sentenças a seguir demonstra que o complemento não se confunde com o constituinte preposicionado.

⁷⁷ É interessante notar que um dos falantes consultados considerava tanto (65a) quanto (66a) gramaticais, o que ainda confirma o paralelismo entre “de” e “que” quanto ao seu estatuto como C.

- (67) a. A Maria disse [pros meninos lavarem o carro].
 b. A Maria disse [pros meninos] [que gosta do carro limpo].

A flexão em (67a) sugere que o sistema de distribuição de traços entre *C-para* e T é a doação, o que permite a valoração do traço de Caso do constituinte “os meninos” como Nominativo⁷⁸.

A partir da extensão dos exemplos anteriores, também é possível inferir que a preposição não age como licenciadora da oração infinitiva de caráter nominal (da mesma forma com que a preposição “de” satisfaz os requerimentos de transitividade do constituinte adjetival no PE, conforme discutido na seção 3.2.1), porque não é selecionada pelo verbo em outros contextos, como demonstra (68a); não deve, portanto, ser um PP. Além disso, como introdutoras do complemento de “dizer”, preposição e conjunção concorrem para ocupar a mesma posição, como se constata na comparação entre (68b-c).

- (68) a. A Maria disse (*para) isso.
 b. A Maria disse que/*para gosta do carro limpo.
 c. A Maria disse *que/ para os meninos lavarem o carro.
 d. Para que os meninos lavem o carro, é preciso comprar sabão.

⁷⁸ O sujeito realizado como 1ª pessoa do singular nos contextos considerados flutua entre a forma nominativa e a oblíqua no PB.

(i) A Maria disse para eu/mim lavar o carro.

Um conjunto relevante para a compreensão de (i) é (ii), cuja primeira sentença — que parte da ocorrência simultânea do pronome na forma oblíqua e da concordância verbal — claramente concorre com a segunda, em que o pronome se mantém na forma nominativa. Ambas têm em comum a flexão verbal que demonstra concordância com um NP complexo, cuja estrutura interna coordena dois núcleos nominais.

(ii) a. A Maria disse para [_{NP} mim e você] lavarmos o carro.

b. A Maria disse para [_{NP} eu e você] lavarmos o carro.

Muito brevemente, é possível sustentar a realização do pronome na forma oblíqua em (i) a partir da consideração de que, nesse contexto, o estatuto de “para” é o de preposição plena que rege o pronome, o qual, por sua vez, controla um pronome nulo na oração infinitiva; dessa forma, o sistema de transferência de traços-*uφ* no complexo C-T explica a flexão verbal observada em (ii).

(iii) A Maria disse [_{PP} para mim/[mim e você]_i [_{CP} [_{TP} pro_i [_{T'} lavar(mos) o carro]]]]

A estrutura subjacente à forma oblíqua seria, portanto, distinta daquela que licencia a forma nominativa, uma vez que, para esta última, pressupõe-se que *C-para* está associado à doação de traços-*uφ*, como demonstra a configuração a seguir:

(iv) A Maria disse [_{CP} para [_{TP} [_{NP} eu e você] [_{T'} lavarmos o carro]]]]

Conclui-se, assim, que a flutuação entre as formas oblíqua e nominativa pode ser compreendida como resultante de diferentes processos derivacionais.

A coocorrência de ambas em (68d) mostra que essa possibilidade não é vetada para adjuntos e que, nesses contextos, o estatuto de “para” deve ser distinto daquele atestado para complementos — propõe-se que seja o de uma legítima preposição, assim como se vê no constituinte topicalizado na sentença (69a)⁷⁹:

- (69) a. Pros meninos, a Maria disse para lavarem o carro.
 b. Pros meninos_i, a Maria disse para pro_i / eles_i lavarem o carro.
 c. *A Maria disse pros meninos, eles lavarem o carro.

A agramaticalidade de (69c) demonstra que não há configuração de duplo especificador na oração encaixada e, conseqüentemente, não é possível considerar o compartilhamento de traços- $u\phi$ como o sistema relacionado ao C-*para*. Portanto, o sujeito — um *pro* em (69a), mas que também pode ser morfo-fonologicamente realizado como “eles”, correferência demonstrada por (69b) — deve ser casualmente licenciado em Spec-T por meio dos traços doados por C. O tópico “pros meninos” é, então, um PP conectado diretamente em Spec-C.

Além do PB, o inglês também demonstra permitir CPs nucleados por preposição no mesmo contexto relativo às *tough-constructions* sem alçamento (o que Hartman, 2009, denomina “interpretação expletiva”, exatamente porque a sentença matriz tem como sujeito um *it*). A sentença (70), retirada de Chomsky (1973), por exemplo, apresenta dois constituintes preposicionados distintos: o primeiro, “for the rich”, tem a interpretação diretamente vinculada à oração principal (delimitando o escopo do conjunto “facilidade”), e o segundo, “for the poor”, apresenta o sujeito da subordinada “to do the work”.

- (70) a. It is easy for the rich for the poor to do the work.
 b. It is [_{AP} easy [_{PP} for the rich] [_{CP} for the poor to do the work]].

Segundo Hartman (2009), o contraste entre esses dois constituintes preposicionados teria sido tomado como evidência para provar que esse tipo de sintagma preposicionado por “for” é sempre um PP, o que obviamente não se constata devido à impossibilidade de se derivar delas a *tough-construction* clássica, como se vê

⁷⁹ Kato (2012) aponta para a não obrigatoriedade da preposição em constituintes topicalizados que, quando complementos, são preposicionados.

em (71). O autor concede à ideia de “intervenção defectiva” causada pelo PP, e não pelo CP, a responsabilidade sintática pelo bloqueio da atribuição de dois experienciadores diferentes ao mesmo predicado. O CP, portanto, não interfere na interpretação de alçamento de objeto, assim como no PB.

- (71) a. *The work is [_{AP} easy [_{PP} for the rich] [_{CP} for the poor to do ____]]
 b. The work is [_{AP} easy [_{CP} for the poor to do ____]]

O inglês, ainda, apresenta essa mesma projeção CP nucleada pela preposição em outros contextos. Roussou (2007) classifica o sintagma selecionado pelo verbo da oração matriz, como em (72), como um “complementizador lexicalizado” exatamente por sua realização morfo-fonológica como uma preposição (o que aqui pode ser denominado *C-for*⁸⁰). A autora observa sua interação com extração de sujeito tanto em estruturas finitas quanto infinitivas, como se vê abaixo, para concluir que o *C-for* bloqueia o sujeito nulo ou PRO e permite um sujeito disjunto ao da matriz na oração subordinada:

- (72) a. John arranged for Peter to win the prize.
 b. John arranged [_C for [_T *(Peter) to win the prize]].
- (73) a. Who do you think won the prize?
 b. Who do you think [_C (*that) [_T ~~who~~ won the prize]]?
- (74) a. *Who did you arrange for to leave?
 b. *Who did you arrange [_C for [_T ~~who~~ to leave]]?
- (75) a. John arranged to win the prize.
 b. John arranged [_C [_T PRO to win the prize]].
- (76) a. John seems to have won the prize.
 b. John seems [_T ~~John~~ to have won the prize].

Por fim, cabe uma pequena discussão a respeito das *tough-constructions* no francês. Ao menos em uma configuração, é possível prever a ocorrência de um C

⁸⁰ Assim como *C-para*, *C-for* aparentemente também licencia a forma oblíqua:
 (i) It is easy [_{CP} for [_{TP} me to do...]

realizado como “de” para valoração do Caso do sujeito nulo da encaixada. No contraste estabelecido a seguir, é visível a presença de uma preposição introdutória, seja ela “de” ou “à”:

- (77) a. Il est difficile (pour les chiens) de voir cette couleur.
expl é difícil para os cães DE ver esta cor
'É difícil de cães enxergarem esta cor'
- b. Cette couleur est difficile (*pour les chiens) à voir.
esta cor é difícil para os cães A ver.
'Esta cor é difícil de cães enxergarem'
- (78) a. Il est difficile (pour les étudiants) de comprendre le problème.
expl é difícil para os estudantes DE entender o problema
'É difícil dos estudantes entenderem o problema'
- b. Le problème est difficile (*pour les étudiants) à comprendre.
o problema é difícil para os estudantes A entender
'O problema é difícil dos estudantes entenderem'

Os dados acima, retirados de Hartman (2009), demonstram que o constituinte preposicionado por “pour” não pode ser realizado nas *tough-constructions* canônicas, porque atua, segundo o autor, como interventor na interpretação de alçamento de objeto. A análise encaminhada nesse sentido não interessa aos propósitos deste trabalho; aqui, é importante, na verdade, a percepção de que:

i. no contexto de interpretação expletiva, o sujeito da oração infinitiva pode ser entendido como um pronome nulo referencial correferente ao sujeito explícito no constituinte flutuante (por ser um adjunto)⁸¹ iniciado por “pour”. Nesse sentido, a preposição “de” pode ser a realização morfo-fonológica do núcleo C (um C-*de*, como no PB) que atua como fonte atribuidora de Caso Nominativo para o pro⁸².

⁸¹ É possível reposicioná-lo ao longo do período:

(i) (Pour les chiens), cette couleur est difficile à voir, (pour les chiens).

⁸² O exemplo retirado de Kayne (2000) também pode ser explicado por meio de um C-*de* que licencia um pro nulo referencial:

(i) Jean a essayé de chanter
Jean_i tentou de pro_i cantar

ii. no contexto em que se interpreta alçamento do objeto, a oração infinitiva nunca permite a realização do sujeito, nem em outro constituinte, o que abre caminho para se conceber um PRO com o verbo não finito. Assim, a preposição “à” deve justamente atuar como a licenciadora da oração infinitiva, aos moldes do que aqui se propõe para o PE.

Embora não tenham aqui recebido uma explicação aprofundada, todos os dados apresentados nesta subseção reforçam a presente análise, no sentido de atestar que uma proposta apoiada na realização morfo-fonológica do núcleo C como uma preposição, ao invés de uma conjunção canônica, não é incomum, pois encontra respaldo em outros casos observados no próprio PB e também em outras línguas.

3.3.3 Construções similares no PB

A mesma análise proposta até aqui para as *tough-constructions* do PB pode ser aplicada para explicar construções como aquelas em (79), em que há um constituinte nominal modificado por uma oração infinitiva preposicionada. Como se vê, assim como nas *tough-constructions*, o PB licencia tanto um sujeito nulo de referência arbitrária quanto um sujeito pleno, enquanto a única possibilidade no PE é aquela com o sujeito nulo de referência arbitrária.

- | | | |
|------|---|-----------------|
| (79) | a. Aquela tábua de passar roupa desapareceu. | PB: OK / PE: OK |
| | b. Aquela tábua do João passar roupa desapareceu. ⁸³ | PB: OK / PE: * |
| | c. Aquela tábua de passarmos roupa desapareceu ⁸⁴ . | PB: OK / PE: * |

⁸³ É interessante observar que, ao contrário do que se verifica para a preposição “de”, “para” licencia constituinte nominais em posição de sujeito em construções similares a (79b) em PE, o que confirma a diferença de estatuto entre *C-de* e *C-para* conforme discutido na seção anterior.

(i)	Essa tábua para o João passar roupa desapareceu.	PB: OK / PE: OK
-----	--	-----------------

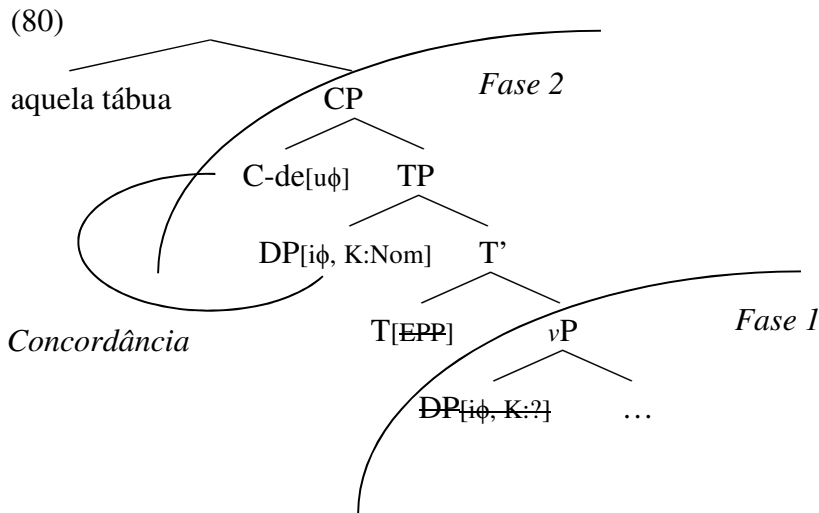
⁸⁴ A banca de qualificação chamou a atenção para o fato de que a sentença (i) é gramatical no PE, o que põe em dúvida o juízo de gramaticalidade de (79c).

(i)	A ideia de pagarmos caro por esse vestido nos incomoda.
-----	---

Em contrapartida, verifica-se que o comportamento de (i) é bastante distinto daquele que se observa tanto nas *tough-constructions* aqui em estudo quanto nas construções como as apontadas nesta subseção, em que há um constituinte nominal modificado por uma oração infinitiva preposicionada. Uma diferença notável é, por exemplo, a possibilidade de transformar a infinitiva encaixada de (i) em uma oração desenvolvida, o que não se aplica às demais construções:

(ii)	A ideia de que paguemos caro por esse vestido nos incomoda.
(iii)	*Aquela tábua de que passamos roupa desapareceu.
(iv)	*O João é difícil de que paguemos.

Conceber novamente um *C-de* retentor de traços no conjunto (79b-d) no PB permite explicar a existência de uma preposição “de” no contexto de atribuição de Caso Nominativo para o sujeito da oração encaixada. Assim como nas *tough-constructions*, a preposição está associada a um núcleo atribuidor de Caso no domínio C-T; no PE, não há traços nesse mesmo domínio, o que veta a realização do sujeito e a flexão da infinitiva. A representação, aos moldes da hipótese aqui delineada (contemplando, portanto, um núcleo T cujo EPP é ϕ -independente), é a seguinte:



A arbitrariedade obrigatória para o sujeito no PE engatilha a proposição de um PRO, que valora Caso Nulo contra o T defectivo, nos termos da análise aqui proposta. Assim como nas *tough-constructions*, essa preposição pode ser explicada como um item licenciador da oração infinitiva de caráter nominal (outros contextos em que isso se dá serão mais aprofundados na próxima subseção). A mesma interpretação arbitrária está associada a um *pro* no PB (cf. seção 3.1) e, assim, a derivação caminha aos moldes da representação (80).

Assumindo o pressuposto de que, em *tough-constructions*, é a infinitiva e não o constituinte adjetival o responsável pela satisfação dos requerimentos temáticos do sujeito da matriz, e estendendo-o a sentenças como (iii) (cujo constituinte “aquela tábua”, de fato, pode ser recuperado como um sintagma não argumental dentro da oração “passarmos roupa [naquela tábua]”), conclui-se que as relações temáticas estabelecidas dentro de (i) entre “a ideia” e a infinitiva são diferentes das que ocorrem em (iii) e (iv). Portanto, ainda que fuja ao escopo deste trabalho explicar os mecanismos subjacentes a (i), é possível ao menos afirmar que a comparação entre (i) e as demais construções aqui consideradas não se sustenta.

A modificação de constituintes nominais por orações infinitivas preposicionadas se mostra uma evidência independente das *tough-constructions* para a hipótese defendida neste trabalho, uma vez que, se a abordagem estiver correta, o núcleo morfo-fonologicamente realizado aqui denominado *C-de* está presente em outras estruturas da língua. O fato de essa análise facilmente explicar outras construções do PB, como as apresentadas nas últimas duas subseções, reforça a validade da hipótese.

3.3.4 Uma nota sobre a preposição introdutória de infinitivas nas línguas românicas

A discussão da hipótese sobre a qual este trabalho se sustenta levou em consideração o contraste entre a ausência e a presença de preposição introdutória em infinitivas no PE: sobre uma perspectiva tradicional, o primeiro caso é classificado como sujeito oracional da oração matriz, e o segundo, como complemento do constituinte adjetival. Concluiu-se, a partir do último quadro, que, no PE, a preposição atende a requerimentos da transitividade do constituinte do tipo “difícil”. É possível constatar que o mesmo ocorre em construções como as apresentadas em (81) abaixo: nelas, a preposição é a responsável por autorizar a relação entre o constituinte adjetival e a oração infinitiva que funciona como seu complemento — a qual, portanto, tem um traço de Caso que só pode ser valorado pela preposição (e que não o seria em outras circunstâncias).

- (81) a. A Maria está orgulhosa [_{PP} de fazer parte da equipe].
b. O João é capaz [_{PP} de dar cambalhotas].
c. Eu estou cansado [_{PP} de trabalhar tanto].

A necessidade de um licenciador sintático para orações infinitivas é mais um, entre tantos outros já assinalados na literatura da gramática gerativa, que aproxima o PE do conjunto das demais línguas românicas (entendidas como línguas de proeminência de sujeito, conforme a classificação de Li & Thompson, 1976). O exemplo do francês tratado em 3.3.2 apresenta *à* como a preposição que autoriza o complemento oracional. No italiano, a correspondência com o PE é ainda mais relevante:

- (82) a. È difficile (per i cani) vedere questi colori.
 é difícil para os cães ver estas cores.
 ‘É difícil dos cães enxergarem essas cores.’
- b. Questi colori sono difficili (*per i cani) da vedere.
 estas cores são difíceis para os cães DA ver
 ‘Essas cores são difíceis dos cães enxergarem’
- (83) a. È difficile (per gli studenti) capire questi problemi.
 é difícil para os estudantes entender estes problemas
 ‘É difícil dos estudantes entenderem esses problemas’
- b. Questi problemi sono difficili (*per gli studenti) da capire
 Estes problemas são difíceis para os estudantes DA entender
 ‘Esses problemas são difíceis dos estudantes entenderem’

As sentenças anteriores demonstram que as *tough-constructions* canônicas, isto é, aquelas em que há interpretação de alçamento do objeto, exigem a preposição “da” no italiano, em um contexto em que não é possível haver correspondência do sujeito interno da encaixada ao termo de um adjunto. Prevê-se, aqui, então, um PRO. Nas construções em que não há interpretação de alçamento, é possível explicar a ausência de preposição a partir da ideia de que a oração infinitiva já tem satisfeitos todos os seus requerimentos internos e atua, como constituinte completo, como sujeito da oração matriz. Estes são os dois caminhos também seguidos pelo PE na mesma situação.

Cinque (1990) aponta para dois fatos que mostram relação com a proposta supracitada. O autor observa que a configuração inergativa (isto é, “no contexto em que a oração infinitiva ocorre como um sujeito oracional” (Salles, 2007, p. 6)) bloqueia a realização da preposição, enquanto a configuração ergativa apresenta o que ele denomina “preposição complementadora”:

- (84) a. (*Di) cercarlo comporta dei rischi
 b. (*Di) cercarlo, credo che comporta dei rischi
 c. Comporta dei rischi (*di) cercarlo

- (85) a. Gli ho chiesto *(di) aiutarme
 b. *(Di) rimanare, credo che no gli sai stato chiesto

Em concordância com a análise desenvolvida até agora, torna-se válido entender que a “preposição complementadora” *di*, na realidade, é uma preposição plena, aí inserida para autorizar a relação entre o verbo e seu complemento oracional.

A correspondência entre as análises para as duas línguas românicas, ao reforçar a proximidade que historicamente estabelecem, reforça a hipótese aqui desenvolvida em torno do contraste entre PE e PB quanto ao estatuto do item de que introduz as orações infinitivas em *tough-constructions*.

3.4 Algumas considerações sobre *tough-constructions* clássicas

Antes de finalizar este capítulo, convém apresentar as contribuições que a análise aqui desenvolvida, com seu conjunto de pressupostos, pode trazer para elucidar as questões que permeiam as *tough-constructions* clássicas, aquelas em que o sujeito da oração matriz é necessariamente correferente ao objeto da oração encaixada (cuja leitura foi denominada, a partir do capítulo 2, de interpretação *tough* – nota de rodapé 21).

- (86) a. [Esse menino]_i é difícil de ver _____i. PB: OK / PE: OK
 b. [Esse menino]_i é difícil do João ver _____i. PB: OK / PE: *

Não existe consenso na literatura acerca da categoria vazia que ocupa a posição de complemento da infinitiva. Cyrino (1994) aponta que, dentro da GB, a princípio ela foi considerada uma variável, ou seja, vestígio de movimento, ligada a um tópico nulo, a partir de dados que demonstravam a impossibilidade de o objeto nulo aparecer em contextos de "ilha" (Huang, 1984; Raposo, 1986; Campos, 1986). Posteriormente, passou a ser aceita a hipótese de que o objeto nulo seria um tipo de expressão-R nula ou epíteto nulo (Huang, 1991), por, entre outras propriedades, obedecer à condição C e ter sua referência recuperada no contexto pragmático. Especificamente para o PB, Farrel (1987) defende que o objeto nulo é uma categorial pronominal, por poder ser coindexada ao sujeito da oração matriz em contextos de sentenças adjunto, como (87).

(87) [A Julia]_i sempre chora quando ponho _____i no berço. (retirado de CYRINO, 1994)

No entanto, cabe destacar que os pesquisadores “que propõem que [o objeto nulo] seja um *pro* não concordam plenamente em relação aos requerimentos de identificação e licenciamento desse *pro*” (CYRINO, 1994, p. 42). Portanto, o estatuto da categoria vazia em posição de objeto não é consensual, nem especificamente em relação ao PB.

Dentro desse contexto, a hipótese que prevê uma fonte provedora de Caso para itens em Spec-T das infinitivas em *tough-constructions* no PB permite o esclarecimento das relações locais estabelecidas no interior das orações encaixadas, uma vez que admite a realização de elementos a que o complemento possa se vincular e de posições em que o complemento possa ser topicalizado.

Um aspecto que, a princípio, pode ser facilmente constatável no PB a respeito dessa categoria vazia em posição de complemento é seu traço [+pronominal], dado que ela não pode ser coindexada ao DP mais próximo em seu domínio de vinculação — no caso retatado em (88), “o João” —, obedecendo, pois, ao Princípio B. Este fato, aliado à interpretação específica resultante da relação entre a categoria vazia e o sujeito da matriz, além da possibilidade de o objeto nulo ser realizado como um pronome lexical, abre espaço para a suposição de que se trata de um *pro*. Contudo, ressalta-se novamente, isto não é absoluto nem está em jogo neste trabalho.

(88) [Esse menino]_i é difícil d[o João]_k ver ele_{i/*k}.

Na suposição de um *pro*, não se deve confundi-lo com o pronome lembrete que acompanha o sujeito da infinitiva. As sentenças em (89) demonstram que não é possível vincular o *pro/ele* em Spec-T da encaixada ao sujeito da oração matriz quando este é interpretado como objeto da encaixada.

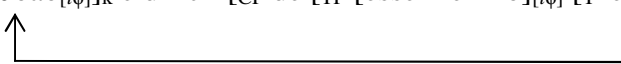
- (89) a. [Esse menino]_i é difícil d[o João]_k, [pro/ele]_{*i/k} ver _____i.
b. [O João]_k é difícil de [pro/ele]_k ver [esse menino]_i

A explicação para isso pode ser depreendida do conjunto em (90), que lança mão da possibilidade de o complemento ser topicalizado dentro da própria infinitiva

(progressão construída entre 90a-c). Em (90d), “ele” não pode ser compreendido como pronome lembrete do tópico “esse menino” uma vez que é concatenado em Spec-v (cf. defendido no item 3.1.2), posição em que tem satisfeitos seus requerimentos temáticos e em que passa a ser interpretado como agente de “ver”. Esse é o motivo pelo qual (90b) e (90e) são agramaticais: os constituintes “o João” e “ele” não podem se concatenar ao **mesmo** tempo na **mesma** posição para receberem o **mesmo** papel temático; a competição leva a derivação ao fracasso. Então, em (89a), “ele” não pode ter sua leitura vinculada a “esse menino” porque necessariamente satisfaz seus requerimentos temáticos em Spec-v, o que permite apenas a interpretação de agente.

- (90) a. [Esse menino]_i, o João viu [ele/____]_i.
 b. *[Esse menino]_i, ele o João viu _____i.
 c. É difícil d[esse menino]_i, o João ver [ele/____]_i.
 d. É difícil d[esse menino]_i, ele_{k/*i} ver _____i.⁸⁵
 e. *É difícil d[esse menino]_i ele_{i/k} [o João]_k ver _____i.

Uma consequência dessa previsão é agramaticalidade do conjunto ilustrado em (91). Dado que o objeto topicalizado na encaixada não pode ser recuperado pelo pronome realizado no Spec-T mais baixo, a sentença (91a) é agramatical. Por sua vez, (91b), ainda que parta do pressuposto de que o sujeito da matriz possa ser coindexado ao pronome lembrete, tem sua gramaticalidade contestada justamente devido ao alçamento do complemento dentro da oração, o qual intervém na relação estabelecida entre “ele” e “O João”:

- (91) a. * [O João]_k é difícil d[esse menino]_i, ele_i ver _____i.
 b. ? [O João]_k é difícil d[esse menino]_i, ele_k ver _____i.
 b'. [TP [O João]_[iφ]]_k é difícil [CP de [TP [esse menino]_[iφ] [T' ele_[iφ] [T' ver _____i]]]]
- 

A interpretação de alçamento interno à oração encaixada do elemento interpretado como seu complemento dialoga coerentemente com a hipótese de um C-*de* compartilhador de traços, haja vista (i) a obrigatoriedade da realização do sujeito, como

⁸⁵ É possível uma leitura em que “ele” e “esse menino” estão coindexados; no entanto, “esse menino” passa a ser interpretado como sujeito/agente.

demonstra (92a), o que invalida o *C-de* associado à retenção; (ii) a impossibilidade de se omitir a preposição frente à topicalização, conforme (92b), o que desautoriza o *C-de* doador de traços; e (iii) a impossibilidade de topicalizar o complemento no contexto do *C* defectivo e do *PRO* de referência arbitrária. Esse pressuposto corretamente prevê que não há concordância entre o complemento alçado e a infinitiva. Nesse sentido, é inviável a ideia de que o tópico é resultado de alçamento, uma vez que, em Spec-T da encaixada, um constituinte como “esses meninos” entra em relação de concordância com a sonda *C* e valora seu traço de Caso como Nominativo.

- (92) a. É difícil [_{CP} de [_{TP} [esses meninos]_i [_{T'} o João [_{T'} ver (eles)_i]]]]
 b. *É difícil [_{CP} [esses meninos]_i o João ver (eles)_i.
 c. *É difícil [_{PP} de [_{CP} esses meninos]_i *PRO* ver (eles)_i.

A partir dessa constatação, o caminho mais viável a ser explorado na tentativa de explicar o fenômeno das *tough-constructions* clássicas é, à luz da hipótese aqui defendida, o de que o elemento em posição de sujeito da oração matriz não é fruto de alçamento, dado que a topicalização interna à oração encaixada — permitida pela existência de uma fonte provedora de Caso que licencia duas posições de especificador na infinitiva — não parece ser licenciada pelo movimento do complemento.

3.5 Síntese do capítulo

Com a finalidade de responder à questão norteadora da pesquisa — por que *tough-constructions* do PB admitem a interpretação de alçamento de sujeito, a qual é vetada pelo PE — este capítulo apresentou, com aprofundamento, a hipótese na qual se fundamenta este trabalho. Entende-se que a interpretação de alçamento de sujeito em *tough-constructions* só é possível no PB graças ao sistema de distribuição de traços originalmente presentes em *C* na oração infinitiva, o qual permite tanto a retenção quanto o compartilhamento. Em ambas as situações, o núcleo *C-de* — assim denominado por se realizar como preposição — é compreendido como uma fonte atribuidora de Caso Nominativo, o que possibilita a realização ou de um DP morfo-fonologicamente realizado ou de *pro*. Por oposição, o PE, em contexto similar em que a oração infinitiva é introduzida por preposição, não apresenta fonte atribuidora de Caso

para licenciar qualquer elemento em Spec-T na infinitiva encaixada, o que somente dá abertura para um sujeito de referência arbitrária, um PRO. O estabelecimento do tipo de categorias vazias que aparecem em posição de sujeito em ambas as línguas foi motivado tanto na primeira seção deste capítulo quanto ao longo da argumentação encaminhada nas seções seguintes.

A segunda seção também se preocupou em explicar outras construções variantes das *tough-constructions* de interpretação de alçamento de sujeito, na medida em que fazem referência ao mesmo universo extralinguístico daquelas. Em especial, cabe mencionar os contextos em que não há realização alguma de preposição. Verificou-se, nesses casos, a presença de um C morfo-fonologicamente nulo (aqui denominado C-0) que, em ambas as línguas, tem como única opção a doação de traços- $u\phi$ para T.

A terceira seção deste capítulo trouxe algumas evidências, tanto no português quanto em outras línguas, que permitem referendar a hipótese aqui delineada. Dados do Berber e do West Flemish mostraram que tratar o núcleo C como fonte atribuidora de Caso com a qual o sujeito da encaixada concorda é uma proposta viável. Na mesma direção, a constatação de que a preposição é, na realidade, uma projeção deste núcleo, e não de um sintagma preposicionado, foi reforçada a partir de dados do próprio PB, do inglês e do francês. Também foi possível aplicar a análise aqui voltada para as *tough-constructions* para explicar outros fatos do PB, do francês e do italiano, que se colocam como evidências independentes para validar a hipótese que norteia este trabalho. Por fim, a última seção se deteve nas *tough-constructions* clássicas, tecendo considerações a respeito de como as conclusões desta dissertação podem contribuir para o seu tratamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação se ocupou de uma particularidade inerente às *tough-constructions* do PB: a possibilidade de um sujeito da oração matriz ser interpretado como correferente ao da oração encaixada. Para isso, partiu da hipótese de que esse fenômeno é resultado do estatuto do núcleo do sintagma complementizador que introduz as orações infinitivas dessas construções. Sempre que atrelado à preservação de traços- $u\phi$, C pode ser morfo-fonologicamente realizado como a preposição *de*; quando associado unicamente à transferência de traços, a suposição é a de que C é morfo-fonologicamente nulo. Em suma, foi proposto que há, no PB, uma fonte provedora de Caso que licencia até dois elementos em posição de especificador nas infinitivas encaixadas em *tough-constructions*, fato que o diferencia das outras línguas românicas.

Uma das consequências da análise proposta foi a desconstrução do pressuposto de que a preposição “de” introdutória das infinitivas é facultativa, na medida em que atribuiu às sentenças como as do conjunto em (1) configurações resultantes de derivações diferentes. Ou seja: não se está diante de uma simples variação entre presença *vs.* ausência de preposição na introdução de orações infinitivas, mas entre estruturas que são distintas no que diz respeito, entre outras coisas, à ação do núcleo C.

- (1) a. É difícil do João pagar.
b. É difícil o João pagar.

Assim, esta análise não somente motivou a realização da preposição introdutória das infinitivas em *tough-constructions*, como também apresentou evidências morfológicas explícitas que fundamentam a assunção de outros dois sistemas de distribuição de traços diferentes da doação no domínio C-T da oração infinitiva, o que permite derivar uma série de propriedades que, até aqui, não foram captadas por outras análises em torno do mesmo fenômeno no PB.

Espera-se que a presente pesquisa, a par das suas limitações, contribua para a compreensão das propriedades demonstradas pelas *tough-constructions* no PB, que se singularizam não apenas em contraste com o PE, mas também com as demais línguas românicas. Ainda que de forma indireta, espera-se também que a pesquisa possa, em estudos futuros, lançar alguma luz sobre as *tough-constructions* clássicas, que se apresenta como um dos grandes desafios de ordem teórica-conceitual no âmbito da

gramática gerativa desde a década de 60. Nesse contexto, cumpre papel essencial a continuidade e a ampliação deste trabalho, principalmente no que tange às propriedades do elemento em posição de sujeito na oração matriz e às relações que estabelece com os itens da encaixada. Isso esclarecerá algumas das questões que ultrapassavam os objetivos da pesquisa (especialmente as referentes à valoração de Caso e satisfação de requerimentos temáticos — não apenas associadas à oração matriz, como também a constituintes topicalizados em infinitivas não introduzidas por preposição), e que ainda se mantêm obscuras dada a limitação, em termos de alcance teórico, dos recursos de análise disponíveis no PM. A ambição maior desta pesquisa é colaborar para a superação do pensamento de que “[a] phenomenon such as tough-movement may be as close as we get in syntactic theory to one which remains unexplained, and in principle unexplainable, in a given model” (HOLMBERG, 2000, p. 839).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, D. *The acquisition of tough movement in English*. Tese (Doctoral dissertation) – University of Cambridge, 2005.
- AVELAR, J. *Adjuntos Adnominais Preposicionados No Português Brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006, 231p.
- AVELAR, J. & GALVES, C. *Tópico e concordância em português brasileiro e português europeu*. Texto selecionado para o XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa: APL, 2011, pp. 49-65.
- AVELAR, J. & GALVES, C. Concordância locativa no português brasileiro: questões para a hipótese do contato. In: M. D. Moura & M. A. Sibaldo (orgs.). *Para a história do português brasileiro*. Maceió: Edufal, 2013, pp. 103-132.
- AVELAR, J. & CYRINO, S. Locativos Preposicionados em Posição de Sujeito: Uma Possível Contribuição das Línguas Bantu à Sintaxe do Português Brasileiro. *Linguística- Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, v. 3, 2008, pp. 55-76.
- AVELAR, J., CYRINO, S. & GALVES, C. Locative inversion and agreement patterns: parallelisms between Brazilian Portuguese and Bantu languages. In: M. Petter & R. Mendes (orgs.). *Exploring the African Language Connection in the Americas*. São Paulo: Humanitas, 2009, pp. 207-221.
- BAKER, M. Agreement, Dislocation and Partial Configurationality. In: A. Carnie; H. Harley; M. Willie (Eds.). *Formal Approach to Function*. Amsterdam: John Benjamins, 2003, pp. 107-134.
- BERMAN, A. *A Constraint on Tough-Movement*. Papers from the Ninth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, 1973, pp. 34-43.
- CAMPOS, H. Indefinite object drop. *Linguistic Inquiry*, v. 17, 1986, pp. 354-359.
- CANÇADO, M. Propriedades semânticas e posições argumentais. *DELTA*, v. 21, nº 1, 2005, pp. 23-56.
- CARSTENS, V. Rethinking Complementizer Agreement: Agree with a Case-Checked Goal. *Linguistic Inquiry*, v. 34, nº 3, 2003, pp. 393-412.
- CHOMSKY, N. *Current issues in linguistic theory*. The Hague: Mouton, 1964.
- CHOMSKY, N. On Wh-movement. In: Culicover, P.W., Wasw, T. & Akmajian, A. (eds.), *Formal syntax*. San Francisco, London: Academic Press, 1977.
- CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Netherlands, 1981.
- CHOMSKY, N. *Knowledge of language: Its nature, origin, and use*. Praeger: New York, 1986.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge: Mass., 1995.
- CHOMSKY, N. *Minimalist Inquiries: The Framework*. Cambridge: Mass., 2000.

- CHOMSKY, N. Derivation by Phase. In: Kenstowicz, Michael (ed). *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2001, pp. 1–54.
- CHOMSKY, N. Beyond Explanatory Adequacy. Structures and Beyond In: Belletti Adriana (ed). *The Cartography of Syntactic Structure*. v 3. Oxford: OUP, 2004, pp. 104–131.
- CHOMSKY, N. On Phases. In Freidin, Robert; Otero, Carlos P.; Zubizarreta, Maria Luisa. *Foundational Issues in Linguistic Theory*. Essays in Honor of Jean-Roger Vergnaud. Cambridge, MA: The MIT Press, 2008, pp. 133–166.
- CHOMSKY, N. & LASNIK, H. The theory of principles and parameters. In: J. Jacobs, A. v. Stechow, W. Sternefeld and T. Vennemann (eds.). *Syntax: An international handbook of contemporary research*, Berlin: de Gruyter, 1993.
- CINQUE, G. *Types of A-Dependencies*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1990.
- CONCEIÇÃO, S. *PRO no Português Brasileiro e o Programa Minimalista*. Anais do 5º Encontro do Celsul, Curitiba, 2003, pp. 1326-1334.
- CYRINO, S. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Editora da UEL, 1994.
- DUARTE, I. Subordinação completiva: as orações completivas. In: MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.
- DUARTE, M. E. L. & KATO, M. *Mudança paramétrica e orientação para o discurso*. Comunicação apresentada no XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Braga, 2008.
- EGERLAND, V. Impersonal man and aspect in Swedish. *Venice Working Papers in Linguistics* v. 13, 2003, pp. 73–91.
- FARREL, P. *Empty object in Brazilian Portuguese*. UCSD, EUA, 1987.
- FERREIRA, M. *Argumentos Nulos em Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 2000.
- FIGUEIREDO SILVA, M. *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- GALVES, C. A sintaxe do português brasileiro. *Ensaio de Linguística*, v. 13, 1987, pp. 31-50.
- GALVES, C. O objeto nulo e a estrutura da sentença em português brasileiro. *Ensaio de Linguística*, v. 13, 1989, pp. 73-92.
- GALVES, C. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no Português Brasileiro. *Caderno de Estudos Lingüísticos* 34, 1998, pp. 7-21.
- GALVES, C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

- HARTMAN, J. Intervention in tough constructions. In: Anisa Walkow, Martin Schardl, and Muhammad Abdurrahman (eds.), *Proceedings of the 39th meeting of the north east linguistic society*, Amherst, MA: GLSA, University of Massachusetts, 2009.
- HICKS, G. *So Easy to Look at, So Hard to Define*: Tough movement in the Minimalist framework. Dissertação de mestrado (MA dissertation (unpublished)), University of York, setembro, 2004.
- HICKS, G. Tough-constructions and their derivation. *Linguistic Inquiry*, v. 40, 2009, pp. 535-566.
- HOLMBERG, A. Am I unscientific? A reply to Lappin, Levine, and Johnson. *Natural Language and Linguistic Theory*, v. 18, 2000, pp. 837-842.
- HOLMBERG, A. Is there a little pro? Evidence from Finnish. *Linguistic Inquiry*, v. 36, nº 4, 2005, pp. 533 – 564.
- HOLMBERG, A. & HRÓARSDÓTTIR, T. Agreement and movement in Icelandic raising constructions. *Working Papers in Scandinavian Syntax*, 2002.
- HORNSTEIN, N. Movement and Control. *Linguistic Inquiry*, v. 30, nº 1, 1999, pp. 69-96.
- HORNSTEIN, N. *Move!* A minimalist theory of construal. Oxford: Blackwell, 2001.
- HORNSTEIN, N., J. NUNES & K.K. GROHMANN. *Understanding Minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- HUANG, C. On the distribution and reference of empty pronouns. *Linguistic Theory*, v. 15, 1984, pp. 531-573.
- HUANG, C. Remarks on the status of the null object. In: R. Freidin (org) *Principles and Parameters in Comparative Grammar*. Cambridge: MIT Press, 1991.
- ISSEVER, S. & JIMÉNEZ, A. *Multiple topic fronting, multiple specifiers and feature inheritance*. Mediterranean Syntax Meeting 3 (MSM-3), University of Athens, October 9th, 2010.
- KATO, M. The distribution of pronouns and null elements in object position in Brazilian Portuguese. In: W. Ashby, M. Mithun, G. Perissinoto and E. Raposo (eds.) *Linguistic Perspectives on the Romance Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993, pp. 225-235.
- KATO, M. A existência/ inexistência de sujeitos oracionais. *Revista Laços*, Rio de Janeiro, 2000, pp. 61-90.
- KATO, M. Caso inerente, caso default e ausência de preposições. In: SEDRINS, A. P. et al(Org.). *Caso inerente, Caso default e Ausência de preposições*. Maceió: Edufal, 2012.
- KAYNE, R. Pronouns and their antecedents. In: S. D, Epstein and T. D. Seely (eds.) *Derivation and explanation in the minimalist program*, Oxford: Blackwell, 2002, pp 133-166.
- KAYNE, R. *Parameters and Universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

- KIM, B. Predication in tough-constructions. In: *Proceedings of the fourteenth west coast conference on formal linguistics*, Stanford, CA: Stanford Linguistics Association, 1995, pp. 271-285.
- LASNIK, H. & FIENGO, R. Complement object deletion. *Linguistic Inquiry*, v. 5, 1974, pp. 535-571.
- LASNIK, H. Case and expletives revisited. *Linguistic Inquiry*, v. 26, 1995, pp. 615-633.
- LEVINE, R. A note on tight node raising, tough-constructions, and reanalysis rules. *Linguistic Analysis*, v. 13, 1984, pp. 159-172.
- LEES, R. B. A Multiply Ambiguous Adjectival Construction in English. *Language*, v. 36, nº 2, 1960, pp. 207-221.
- LI, C. N. & THOMPSON, S. Subject and Topic: A New Typology of Language. In: LI, C. (org.). *Subject and Topic*. New York: USA, 1976, pp. 458-489.
- MARTIN, R. Null Case and the Distribution of PRO. *Linguistic Inquiry*, v. 32, nº 1, 2001, pp. 141-166.
- MIOTO, C. et al. *Novo Manual de Sintaxe*. São Paulo, Contexto, 2013.
- MODESTO, M. Topic prominence and null subjects. In: T. Biberauer (org.). *The limits of syntactic variation*. Amsterdam: John Benjamins, 2008, pp. 375-409.
- MODESTO, M. Controle finito e hiperalçamento em português brasileiro. *Estudos Linguísticos*, v. 39, 2010, pp. 392-408.
- MORENO, B. Preposições facultativas em constituintes oracionais: fatores condicionadores. *Anais do X Encontro do CELSUL*. Cascavel, PR, 2012.
- MUNHOZ, A. T. M. *A estrutura argumental das construções de tópico-sujeito: o caso dos sujeitos locativos*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília. 2011.
- MIYAGAWA, S. On the EPP. In: *Perspectives on Phases*. Cambridge, MA: MIT Press, 2005, pp. 201-236.
- MIYAGAWA, S. *Why Agree? Why Move?* Cambridge, MA: MIT Press, 2010.
- NEGRÃO, E. 1999. *Português brasileiro: uma língua voltada para o discurso*. Tese de Livre-Docência, Universidade de São Paulo.
- NUNES, J. Inherent case as a licensing condition for A-movement: the case of hyper-raising constructions in Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 7, 2008, pp.83-108.
- NUNES, J. Sideward Movement: Triggers, Timing, and Outputs. In: Myriam Uribe-Etxebarria; Vidal Valmala (org.). *Ways of Structure Building*. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 114-142.

- OLIVEIRA E OLIVEIRA, I. *They are really tough, but also middle: diferenças estruturais para sentenças com predicado tough*. Tese de doutoramento, Universidade Estadual de Campinas, 2009.
- OUALI, H. On C-to-T f-feature transfer: The nature of Agreement and Anti-agreement in Berber. In: D'ALESSANDRO, R. et alli (Orgs). *Agreement Restrictions. Interface explorations*, v. 15. Mouton de Gruyter: Berlin, 2008. pp. 159-180.
- PHINSAWAT, O. *The Syntax of Pro-drop in Thai*. Dissertação de mestrado. Newcastle University, 2011.
- POEPPPEL, D. & WEXLER, K. The Full Competence Hypothesis of Clause Structure in Early German. *Language*, v. 69, nº 1, 1993, pp. 1-33.
- PONTES, E. *O tópico do português do Brasil*. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- RAPOSO, E. Case Theory and Infl-to-Comp: The Inflected Infinitive in European Portuguese. *Linguistic Inquiry*, v. 18, 1987, pp. 85-109.
- RIZZI, L. *Relativized Minimality*. Cambridge: MIT Press, 1990.
- RIZZI, L. The Fine Structure of the Left Periphery. In: L.Haegeman (ed.) *Elements of Grammar*. Amsterdam: Kluwer, 1997, pp. 281-337.
- ROUSSOU, A. Subjects on the edge. Paper presented at the Edges Conference, Cyprus, 2007.
- SALLES, H. *Preposições complementadoras: distribuição e propriedades sintático-semânticas*. Encontro Nacional do GT-Toeria da Gramática da ANPOLL, 2007.
- SIGURÐSSON, H. Á. & EGERLAND, V. Impersonal null-subjects in Icelandic and elsewhere. *Studia Linguistica*, v. 63, pp. 158–185, 2009.
- TAYLOR, H. *On Tough-Constructions And Construal-As-Movement*. Dissertação de mestrado (Master of Arts) – Eastern Michigan University, 2003
- TONIETTE, H. *Concordância com sintagmas não argumentais no português brasileiro*. Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, 2013.
- URA, H. *Multiple Feature-checking: A Theory of Grammatical Function Splitting*. Tese de doutorado (PhD Dissertation) – MIT, 1996.
- VIOTTI, E. O caso default no português do Brasil: revisitando o Caso dos inacusativos. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 13, n. 2, 2005, p. 53-71.
- WILDER, C. Tough movement constructions. *Linguistische Berichte*, v. 132, 1991, pp.115-132.